



UNICAMP  
BIBLIOTECA CENTRAL  
SEÇÃO CIRCULANTE

VALENTINA MOYA RETAMALES

“O DIVINO E O SAGRADO DA NATUREZA: A FILOSOFIA VÉDICA E O BIOCENETRISMO  
NA RELAÇÃO SOCIEDADE- AMBIENTE  
O Movimento Hare Krishna no Mundo Contemporâneo”

Dissertação de Mestrado apresentada ao  
Departamento de Sociologia do Instituto de  
Filosofia e Ciências Humanas da Universidade  
Estadual de Campinas sob a orientação do  
Prof. Dr. Carlos Rodrigues Brandão

Este exemplar corresponde à redação  
final da dissertação defendida e  
aprovada pela Comissão Julgadora  
em 21/11/2000

BANCA

Prof. Dr. Carlos Rodrigues Brandão (orientador)

Prof.<sup>a</sup> Dra. Lúcia da Costa Ferreira

Prof. Dr. João Luiz Hoefel



Novembro/2000

UNICAMP  
BIBLIOTECA CENTRAL  
SEÇÃO CIRCULANTE



UNIDADE	BC
N.º CHAMADA:	UNICAMP
	M 873 d
V.	Ex.
TOMBO BC/	43608
PROC.	16-392/07
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	07/02/07
N.º CPD	



CM-00153310-B

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA  
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP

M 873 d Moya Retamales, Valentina

O divino e o sagrado da natureza: a filosofia védica e o biocentrismo na relação sociedade-ambiente – o movimento Hare Krishna no mundo contemporâneo / Valentina Moya Retamales. -- Campinas, SP : [s.n.], 2000.

Orientador: Carlos Rodrigues Brandão.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Hare Krishna. 2. Hinduismo. 3. Filosofia oriental.  
4. Natureza. 5. Ecologia. 6. Religião e cultura. 7. Sociedade.  
I. Brandão, Carlos Rodrigues. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Dedicado a *Srila Jayapataka Swami*  
*Guru Maharaja* por sua inspiração e  
seu exemplo de vida.

UNICAMP  
BIBLIOTECA CENTRAL  
SECÃO CIRCULANTE

## AGRADECIMENTOS

Ao meu professor e orientador Carlos Brandão, por sua dedicação, sua compreensão, suas sugestões, suas críticas e, acima de tudo, por sua ampla mentalidade e sua visão pluralista.

Ao meu pai, que sempre me estimulou e incentivou meu trabalho através de seus constantes comentários e sua insistência construtiva.

A *Hridayananda Swami Acaryadeva* por sua sabedoria e por suas palavras precisas no momento adequado, que contribuíram a realizar este projeto.

A *Guneshvara Prabhu* pela orientação e a dedicação de seu tempo numa fase importante da formulação deste trabalho, e pela atitude generosa que demonstrou em nosso encontro.

A *Prabhu Jay Gokula* pelo tempo dedicado a responder as entrevistas, que me ajudaram a elucidar importantes aspectos deste trabalho.

A todos meus amigos que de alguma maneira ou outra proporcionaram sua ajuda, seu tempo, sua paciência e sua amizade incondicional.

## RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de descrever e explicar alguns aspectos relevantes sobre a relação sociedade-natureza tal como ela é compreendida desde a perspectiva da filosofia védica e da concepção biocêntrica. Este estudo também pretende dar a conhecer uma organização com características religiosas auto-identificada como seguidora dos princípios védicos: a "Sociedade Internacional da Consciência de *Krishna*" (ISKCON).

Foram estabelecidos também alguns vínculos oportunos entre a visão védica das relações sociedade-natureza, e algumas concepções ecologistas vigentes em nossos dias. Encontramos aqui importantes convergências, especialmente no que toca ao conceito de valor intrínseco de todo ser vivo.

Uns dos métodos utilizados para a realização da pesquisa é a leitura de alguns livros essenciais da filosofia védica, dando ênfase ao aspecto ético e aos princípios filosófico-religiosos. A literatura clássica ocidental sobre este tema foi empregada como informação secundária, dando maior importância aos textos que tivessem uma visão mais próxima ao biocentrismo e uma posição crítica sobre a sociedade contemporânea.

Neste trabalho é realizada ainda uma aproximação empírica do Movimento *Hare Krishna* (MHK) destacando alguns aspectos de sua prática cotidiana, que revelam sua particular forma de compreender e relacionar-se com o mundo natural. Neste contexto são identificados valores e experiências de uma parte importante dos postulados ecologistas ocidentais na filosofia védica, que permitem visualizar formas alternativas de ver a vida, organizar a sociedade e, acima de tudo, refletir sobre as relações entre ser humano e natureza.

## ABSTRACT

This work has the objective of describing and explaining some relevant aspects about the society-nature relationship, as it is understood from the Vedic philosophy perspective and the biocentrical conception. This study also intends to show an organization with religious characteristics, self-identified as a follower of the Vedic principles: "the International Society for *Krishna* Consciousness" (ISKCON).

Suitable links were also established between the Vedic vision and some ecologist conceptions of our days about society-nature relationship. Here we find important similarities, specially dealing with the concept of the inner value of each living being.

One of the applied methodologies for the research accomplishment is the reading of some essential books of the Vedic philosophy, emphasizing the ethic aspect and philosophical-religious principles. The western classical literature about this theme was employed as secondary information, giving more importance to the texts with a closer biocentrism vision and a critical position about the contemporary society.

This work makes an empiric approach of the *Hare Krishna* Movement (MHK), detaching some aspects of its daily practice, which reveals its own way to understand and deal with the natural world. Values and experiences from this context are recognized of an important part of the western ecology visions in the vedic philosophy which allow us to visualize alternative ways of perceiving life, organizing the society and above all, reflecting upon the relationship between the human-being and nature.

## SUMÁRIO

Introdução.....	1
1. Uma aproximação à filosofia védica .....	9
1.1. Uma análise conceitual: a língua sânscrita e o “hinduismo” .....	9
1.2. Os textos védicos e alguns dos seus conceitos básicos .....	12
1.2.1. Os quatro <i>Vedas</i> , os <i>Upanishads</i> e o <i>Vedanta Sutra (shruti)</i> .....	14
1.2.2. A literatura védica suplementar ( <i>smriti</i> ) .....	16
1.2.3. O <i>Vedanta</i> e a filosofia <i>Vaishnava</i> .....	16
1.3. Uma visão metafísica na compreensão da vida e do mundo .....	20
1.4. O conceito de natureza: a energia externa de Deus ( <i>prakriti</i> ).....	24
1.5. O sistema <i>varnashrama</i> : a organização social e espiritual da cultura védica.....	29
1.5.1. Os quatro <i>varnas</i> .....	29
1.5.2. Os quatro <i>ashramas</i> .....	30
1.6. A noção de religião: <i>sanatana dharma</i> .....	31
1.7. A filosofia <i>Vaishnava</i> : a Verdade Absoluta como a Pessoa Suprema .....	33
2. Umnexo entre duas concepções de sociedade e natureza: a espiritualidade oriental e o ecologismo ocidental .....	39
2.1. Algumas concepções críticas sobre a sociedade moderna e antropocêntrica.....	39
2.1.1. Antecedentes sobre a racionalidade ocidental na época moderna.....	39
2.1.2. Uma visão antropocêntrica: um tipo específico de relação com a Natureza .....	42
2.2. Uma aproximação além do antropocentrismo moderno: o biocentrismo .....	47
2.2.1. Antropocentrismo e biocentrismo.....	48
2.2.2. Algumas interpretações sobre ambientalismo.....	48
2.2.3. A origem e algumas características do moderno biocentrismo .....	52
2.2.4. A Ecologia Profunda: uma visão sagrada da natureza .....	53

2.3.	Uma visão ecológica: um vínculo entre filosofia védica e ecologismo biocêntrico .....	56
2.4.	O <i>vedanta vaishnava</i> e a ecologia profunda .....	61
2.4.1.	Os três aspectos do <i>vaishnavismo</i> : Deus, entidade viva.e natureza .....	61
2.4.2.	Um paralelo entre a filosofia <i>vaishnava</i> e a ecologia profunda: convergências e diferenças .....	64
2.5.	Uma breve síntese conceitual .....	67
3.	Alguns aspectos da cultura védica no Movimento <i>Hare Krishna</i> .....	69
3.1.	A ISKCON e a sua relação com os fundamentos védicos .....	69
3.1.1.	Linha filosófica do MHK .....	70
3.1.2.	O movimento social e espiritual de <i>Sri Chaitanya Mahaprabhu</i> .....	72
3.2.	Origem, definição e evolução do MHK no Ocidente .....	75
3.2.1.	Antecedentes gerais.....	75
3.2.2.	O fundador: A. C. <i>Bhaktivedanta Swami Prabhupada</i> .....	76
3.2.3.	Seita, religião ou sociedade espiritual.....	78
3.2.4.	O MHK no Brasil.....	79
3.3.	Os diferentes sistemas de yoga: controlar os sentidos e a mente.....	81
3.4.	A <i>bhakti-yoga</i> : servir a Deus com devoção.....	82
3.5.	Princípios, regras e práticas do MHK.....	84
3.5.1.	Princípios, regras e regulações.....	84
3.5.2.	Atividades espirituais e vida cotidiana.....	86
4.	O MHK e seu relacionamento com o meio ambiente.....	91
4.1.	Uma forma de organização sócio-espiritual e ecológica: o <i>varnashrama</i> e a cultura agrária.....	91
4.2.	O vegetarianismo: um dos pilares da sociedade védica.....	97
4.3.	A proteção da vaca (terra) e do boi ( <i>dharma</i> ) como idéia filosófica e prática na concepção védica.....	106
4.4.	A consciência de <i>Krishna</i> e a ecologia.....	111
5.	Ultimas reflexões .....	115

Glossário .....	123
Bibliografia .....	129
Apêndices .....	135
Apêndice I– Propósitos originais da ISKCON.	
Apêndice II– Breve Biografia de <i>Srila Prabhupada</i>	
Apêndice III– Programação diária dos templo <i>Hare Krishna</i>	
Apêndice IV– Princípios, regras e regulações	
Apêndice V– Calendário <i>vaishnava</i>	
Apêndice VI– Alguns dos principais versos do <i>Bhagavad-gita</i>	
Apêndice VII– Esquema básico das entrevistas	
Apêndice VIII– Fotos	

## INTRODUÇÃO

*“Os sábios humildes, em virtude do conhecimento verdadeiro, vêem com a mesma visão um brahmana erudito e cortes, uma vaca, um elefante, um cachorro e um comedor de cachorro (pária)”. (Bg. 5.18)*

A proposta deste trabalho é uma aproximação ao conhecimento védico e à sua percepção no vínculo sociedade-natureza, através do estudo teórico e da observação prática de uma cultura ancestral. Pretende-se alcançar esse propósito estudando o Movimento *Hare Krishna*<sup>1</sup>(MHK), como uma das organizações seguidoras desta antiga tradição, atualmente espalhado pelo mundo ocidental, e com uma definida presença cultural no Brasil.

Desta forma propomos aqui, conhecer em primeiro lugar os aspectos socio-ecológicos da filosofia Védica, com o objetivo de ter uma aproximação básica de suas principais concepções sobre Deus, ser humano, sociedade e natureza. Em segundo lugar relacionar algumas posturas ecologistas ocidentais com a visão e prática da filosofia Védica. Finalmente, como apoio e complemento à pesquisa teórica se realizam várias entrevistas e se mantém contacto permanente com integrantes do Movimento *Hare Krishna* no Estado de São Paulo, mostrando como hoje em dia é possível funcionar na própria sociedade globalizada de uma forma alternativa. O estudo pretende conhecer e compreender a relação entre sociedade e natureza na filosofia védica, assim como descrever as práticas, os hábitos, os costumes e as disciplinas praticadas pelos seguidores desta filosofia, como um reflexo de sua concepção de mundo.

Assim sendo, queremos suscitar uma reflexão sobre este assunto relativamente desconhecido, porém significativo e relevante, relacionado com a vida individual e social, a natureza, Deus e a humanidade desde uma concepção védica. Existe algo que resgatar de uma antiga civilização - atualmente inexistente - que venerava a natureza de modo especial? Que impacto cultural e/ou social pode ter uma comunidade espiritual que propõe um sistema de vida teocêntrico dentro de nossa sociedade atual? Quem são os “ecologistas” e “espiritualistas” percebidos por outros como radicais? Podemos desenvolver no Ocidente uma mentalidade mais sinérgica e mais solidária no que toca a relação sociedade e natureza, destacando a ética,

---

<sup>1</sup> O nome oficial desta organização espiritualista é “Sociedade Internacional da Consciência de Krishna” (ISKCON em inglês).

antes que outros referenciais? É possível um estilo de desenvolvimento que substitua o modelo atual? Estas são algumas perguntas básicas que este estudo pretende tratar e que orientam seu trabalho, mas como um momento de reflexão do que como uma resposta última.

A literatura védica abrange diferentes temas e tópicos, envolvendo inúmeros e complexos tratados, impossíveis de atingir neste trabalho. Portanto, nos limitaremos a focar o seu estudo na filosofia *Vedanta*, na sua linha *vaishnava*,<sup>2</sup> à qual pertencem os membros da ISKCON, utilizando como base o *Bhagavad-gita*<sup>3</sup>(Bg.), texto chave do “Movimento *Hare Krishna*”.

O *Bhagavad-gita* será nossa principal fonte védica de informação e, portanto, o nosso marco referencial fundamental, por ser considerado uma síntese de todas as escrituras védicas. Ele é o texto védico mais conhecido no mundo ocidental, com diversas traduções e interpretações, tanto de parte de autores ocidentais, quanto de autores indianos. Na maioria dos casos este texto sagrado tem sido comentado por seguidores do *vedanta* impersonalista, ou por pessoas que não pertencem a nenhuma linha discipular dentro do esquema védico<sup>4</sup>.

A edição deste texto utilizada na pesquisa - o “*Bhagavad-gita como Ele É*” - tem a vantagem de apresentar de uma forma mais completa e elaborada o conteúdo de texto.<sup>5</sup> Ele contém os versos em sânscrito original, sua transliteração para línguas ocidentais, seguidamente a tradução palavra por palavra, a tradução de cada verso e o seu significado. Este método garante uma maior fidelidade e uma maior riqueza conceptual, filosófica e sociológica. Os comentários são elaborados por A.C. *Bhaktivedanta Swami Prabhupada*<sup>6</sup> - mestre indiano *vedanta vaishnava* - proveniente de uma das quatro ramas aceitas de “sucessão discipular” (*parampara*) na cultura *ariana*. Ele realiza uma análise comparativa com outros textos védicos, além de relacionar os conceitos e as idéias com a realidade contemporânea, facilitando desta forma a sua compreensão.

---

<sup>2</sup> É a concepção de Deus como Pessoa (Suprema). Esta visão personalista será explicada no capítulo 1 deste trabalho.

<sup>3</sup> Significa a “Canção de Deus”.

<sup>4</sup> A concepção impersonalista propõe que a existência é uma ilusão, e Deus não tem uma forma pessoal. É considerada uma filosofia ateísta. Outros comentaristas elaboram suas idéias, baseados em percepções pessoais sobre a cultura *ariana* e os *Vedas*.

<sup>5</sup> Esta publicação é da editora *Bhaktivedanta Book Trust* (BBT), a maior do mundo sobre temas religiosos.

<sup>6</sup> Fundador-*acharya* da Sociedade Internacional da Consciência de *Krishna*.

Um outro texto utilizado ainda é o *Srimad Bhagavatam (SB)*, verdadeira enciclopédia do conhecimento védico, que reúne diferentes tópicos, embora o tema principal seja a auto-realização e o conhecimento acerca de Deus<sup>7</sup>. Outros livros analisados e empregados durante o trabalho teórico são o *Sri Ishopanishad*, o *Upadeshamrita*, e o *Sri Chaitanya Charitamrita*, todos eles clássicos védicos aceitos como guias sagradas na tradição *vaishnava*.<sup>8</sup> Também foram revisados uma série de diversos livros do MHK escritos por *Srila Prabhupada*, que apresentam a filosofia védica e a prática *vaishnava* de uma maneira acessível - pela forma clara e didática - para pessoas da era moderna não familiarizadas com hábitos e disciplinas da cultura *ariana*.<sup>9</sup>

À diferença do *Bhagavad-gita*, os livros clássicos mencionados anteriormente não são encontrados no mundo ocidental e foram trazidos e traduzidos por *Srila Prabhupada*, seguindo o mesmo esquema e o método do *Bhagavad-gita*. É importante mencionar a relevância de contar com estes textos, pois além de proporcionar o seu conteúdo específico, eles contêm um estudo mais amplo sobre o que significa cultura védica, explicada numa linguagem simples para o homem moderno, sem abandonar a profundidade dos assuntos tratados. Nesta pesquisa foi elaborada uma compilação significativa dos livros, folhetos e revistas que dão conta da variedade e da complexidade da filosofia védica, dificilmente compreendidos em apenas uma leitura, de uma forma isolada ou sem a observação da prática deste conhecimento.

A intenção desta compilação sistemática é mostrar e elucidar as noções elementares da filosofia védica e o tipo de raciocínio presente nela, o que nos levará a uma melhor compreensão da concepção de mundo, principalmente no que toca à relação homem e natureza, que permita ilustrar essa visão vitalista antes que mecanicista.

Outro ponto importante para esclarecer aqui, diz respeito à escolha dos autores ocidentais empregados no estudo, em relação à temática ecológica. A maioria deles são pensadores que estão mais próximos a uma perspectiva biocêntrica e, são críticos do modelo de desenvolvimento atual. O propósito desta opção foi estudar desde “dentro” as diferentes

---

<sup>7</sup> Significa a “Revelação Divina”. São 12 Cantos que correspondem a 19 volumes de livros, tratando temas materiais e espirituais.

<sup>8</sup> O primeiro trata sobre o conceito de Deus e a forma correta de percebê-lo; o segundo dá instruções sobre como seria agir adequadamente e sobre serviço devocional e o terceiro, é a biografia de *Sri Chaitanya Mahaprabhu*, líder espiritual da idade média indiana.

<sup>9</sup> Cultura *ariana* é sinônimo de cultura védica.

tendências que conformam o quadro geral da realidade social e ecológica, que permita encontrar certos paralelos entre os enfoques do biocentrismo e do vedismo para esboçar um estilo de vida alternativo possível dentro da sociedade moderna. A partir da sua filosofia, podemos inferir a suas práticas e o seu estilo de vida, no que toca à produção, ao consumo, à alimentação, à medicina, à arte, à arquitetura, enfim, a todas as áreas da vida humana. Queremos demonstrar que uma concepção biocêntrica possui importantes semelhanças com a concepção védica, tanto no diagnóstico da sociedade atual quanto aos caminhos e soluções propostas para sua ação.

Este é um estudo exploratório e descritivo, mas também reflexivo e crítico da sociedade industrial e secular, desde uma perspectiva “vitalista” e “holística”. Existe a intenção de mostrar e explicar uma lógica e um raciocínio algo diferente, desapegando-se dos moldes clássicos de análise. Antes que comentar e elaborar idéias sobre o aspecto mítico da filosofia védica, tratamos o aspecto místico e metafísico contestando algumas versões a respeito do seu pensamento. Embora exista no que estudamos um lado mais “esotérico”<sup>10</sup>, encontramos também um aspecto muito pragmático dirigido a resolver os problemas cotidianos e a orientar as atividades diárias do indivíduo.

O estudo está dividido em quatro principais momentos interligados. Ele começa com uma visão geral da filosofia védica, para concluir com a prática cotidiana do grupo escolhido na pesquisa, um grupo cultural seguidor da escola *vaishnava*, dentro do paradigma que será explicado em detalhe no trabalho<sup>11</sup>. A vida quotidiana mostra a mentalidade prevalecente num tipo de filosofia que afirma dar ênfase ao desenvolvimento espiritual, mais que ao material.

Numa primeira parte procuramos realizar uma aproximação ao pensamento védico, no que existe de conceptual e de descritivo em algumas idéias essenciais próprias desta visão. O objetivo é conhecer a concepção védica a respeito da relação sociedade-natureza, destacando o aspecto sócio-ético que configura a sua filosofia. Apresentamos as noções básicas do pensamento védico, as quais dão destaque ao conceito de Deus, idéia que permeia todo o conteúdo desta literatura. Neste caso, o aspecto teológico não pode ser separado da vida quotidiana, que é praticada sob a guia de preceitos seguidos não apenas pelos sacerdotes

---

<sup>10</sup> Termo utilizado a partir de Pitágoras. Refere-se quando um discípulo entra em relações diretas com o seu mestre.

<sup>11</sup> Dentro da filosofia védica existem diferentes linhas e práticas espirituais, sendo uma das principais o *vaishnavismo*.

(*brahmanas*), mas pela comunidade toda. Descrevemos a seguir a organização da sociedade e a relação desta com o seu meio ambiente, baseada em princípios primeiramente religiosos. Explicamos, finalmente, o conceito de natureza e os diversos elementos que devem ser considerados para a sua compreensão.

Num segundo momento tentamos aproximar a concepção ecologista biocêntrica à visão védica, no que toca a relação homem-natureza, aprofundando nas causas da crise ambiental da sociedade atual e delineando algumas possíveis soluções. Importa, neste caso, tanto o enfoque em que se percebem certos elementos e princípios comuns entre ambas concepções, como também algumas diferenças relacionadas com o aspecto teológico. No capítulo dedicado a esta questão descrevemos também as duas tendências mais visíveis da sociedade moderna na sua relação com a natureza: o antropocentrismo, como visão dominante e majoritária, e o biocentrismo, como visão emergente e minoritária. Neste contexto descrevemos, ainda, uma terceira perspectiva que, segundo a ciência atual, foi ultrapassada pelos avanços científicos e tecnológicos, embora encontremos hoje uma forte presença na sociedade moderna: o teocentrismo.<sup>12</sup>

No terceiro momento do trabalho o objetivo é conhecer e descrever a organização social do movimento *Hare Krishna* como alternativa ao sistema industrial moderno, observando a prática da filosofia védica na vida concreta e quotidiana. Neste caso, relatamos e descrevemos alguns aspectos relacionados à formação, à evolução e a alguns postulados básicos do Movimento *Hare Krishna*, além da descrição de aspectos culturais de sua vida quotidiana: hábitos, princípios, regras, atividades e, cerimônias que orientam a vida pessoal e comunitária. Neste capítulo apresentamos uma visão geral do MHK, os diferentes tipos de *yoga* e o contexto socio-cultural daquela época, que permite compreender o seu aparecimento no Ocidente, proveniente de uma antiga tradição.

O quarto momento trata sobre a relação do ser humano com a natureza e com Deus, dando ênfase ao aspecto sócio-ecológico e espiritual materializado no sistema de organização *varnashrama* e na cultura agrária. Neste caso, o objetivo é mostrar os conceitos védicos na experiência cotidiana e explicar um sistema de vida baseado na agricultura e na proteção da

---

<sup>12</sup> Neste sentido, um teocentrismo não antropocêntrico, diferente das tradições religiosas ocidentais. Declara a igualdade de todas as entidades vivas (humanas e não humanas) como partes do Ser Supremo, como "almas espirituais individuais".

vaca. Este capítulo é caracterizado pela preocupação em mostrar a cultura *ariana* na prática, as suas metas e os meios propostos para alcançar uma sociedade *vaishnava*. Além disso, veremos alguns detalhes da visão vitalista: a vida rural, a proteção à vaca, o vegetarianismo e, a ecologia em consciência de *Krishna*.

Existem vários exemplos de comunidades alternativas *Hare Krishna*, além de templos espalhados por diferentes cidades do Brasil, que estão tentando reproduzir certos aspectos da cultura védica. Especificamente as comunidades rurais têm o propósito de um desenvolvimento econômico com o objetivo de ser auto-suficientes materialmente. Desta maneira, pretendemos conhecer como é experienciado o vínculo entre os seguidores dos *Vedas* e seu entorno natural e social. Isto é, como um grupo religioso que se acredita estar vivendo os princípios védicos em uma experiência cotidiana.

Queremos destacar e reiterar que esta pesquisa pretende incentivar um olhar diferente e uma reflexão sobre os hábitos e costumes adquiridos num ambiente específico e particular que é o mundo ocidental. Propomos ver o mundo desde outra ótica, isenta, no que for adequado e possível, dos esquemas preestabelecidos desde uma formação racional-ocidental, muitas vezes contaminados com as concepções e limitações próprias de seus contextos culturais. Neste estudo pretendemos abordar a temática ambiental desde um enfoque ético e espiritual, considerando os aspectos subjetivos e qualitativos da natureza humana, e destacando também as graves e perigosas conseqüências de um estilo de desenvolvimento marcado pelo materialismo e pelo antropocentrismo. A ênfase destas reflexões está colocada na importância da ética e da consciência – como capacidade de discernir e escolher - além da valorização do princípio vital que une todos seres vivos, mais do que em indicadores econômicos ou mudanças no manejo dos recursos naturais.

Neste estudo a crítica está direcionada ao modo de vida moderno e secular, centrado em objetivos essencialmente utilitaristas e voltado a um crescimento econômico ilimitado. O propósito não é questionar a filosofia védica ou realizar uma análise crítica dela, pois a idéia é conhecer, tentar compreender e buscar convergências entre as modernas visões ecologistas e a concepção védica, com o objetivo de visualizar alternativas para melhorar a qualidade de vida do planeta e dos seres humanos e não humanos.

O desafio desta pesquisa foi entender a lógica de um pensamento que tem como prioridade o progresso espiritual mais do que o material, dando ênfase principalmente ao estudo da consciência e do autoconhecimento, antes do que ao progresso tecnológico e material. Para penetrar nesta lógica, foi necessário estudar desde “dentro” as concepções e práticas que sustentam este tipo de mentalidade, mais influenciada por um tipo de raciocínio circular ou espiral, do que por um entendimento linear, comum no Ocidente.<sup>13</sup> Há aqui um esforço para explicar o significado de um grande número de conceitos de uma forma compreensível para o leitor ocidental, muitas vezes noções que inclusive não têm tradução em nosso idioma.

Uma nova perspectiva para os problemas ecológicos exige, acima de tudo, a revalorização da ética e do sistema de vida que estamos levando, além de um profundo questionamento do sentido e do significado da idéia de “progresso”. Esta proposta exige uma reorientação de nossas metas, tanto quanto dos meios para alcançá-las, passando por uma consciente reflexão crítica sobre nossos costumes, tradições, crenças, valores, atitudes, atividades e comportamentos individuais e coletivos adquiridos durante nossa vida.

Deste ponto de vista, podemos pensar se é realmente necessário, desejável ou inevitável continuar com este tipo de desenvolvimento econômico e cultural, ocidental e globalizado, voltado a princípios essencialmente economicistas. Tentamos observar, refletir, avaliar e concluir sobre estes assuntos, considerando a ética como um dos parâmetros essenciais, conceito que visa proporcionar valores morais e princípios ideais da conduta humana. A capacidade empática é um requisito indispensável para este projeto, pois permite sensibilizar a tendência individualista e hedonista de nossa sociedade, e desenvolver relações mais solidárias, menos competitivas, sinérgicas e fecundas, não apenas para a comunidade humana.

---

<sup>13</sup> Por exemplo, a teoria de que o ser humano contemporâneo é mais avançado que em épocas anteriores e trilha um caminho ascendente em intelecto, razão, conhecimento, etc.

## 1. Uma aproximação à filosofia védica

### 1.1. Uma análise conceitual: a língua sânscrita e o “hinduísmo”.

Para podermos nos aproximar a uma interpretação básica do conhecimento védico, é necessário compreender, por um lado, a sua linguagem e, por outro, o seu tipo de raciocínio. Isto nos permitiria definir e/ou esclarecer conceitos-chaves desta filosofia. Muitos destes termos são utilizados no Ocidente com frequência de uma maneira superficial, fora do contexto ou com uma mentalidade marcada por um tipo de racionalidade que trai aspectos essenciais do pensamento védico original, o que muitas vezes dificulta a sua compreensão, tanto na teoria quanto na práxis.<sup>1</sup>

Muitos autores e escritores ocidentais contemporâneos têm escrito textos relevantes sobre a realidade indiana, baseados principalmente nos indólogos do século XIX. Não existe grande diferença na análise desses textos, caracterizada por uma forte carga ideológica na interpretação deles. Um erro clássico que podemos colocar a modo de exemplo é o uso da palavra “hinduísmo” e, a falta de precisão em determinados conceitos fundamentais como *Brahma*, *Brahman*, *karma*, *avatar*, *guru*, entre outros. Entre os primeiros estudiosos da Índia temos a Sir William Jones, Charles Wilkins e T. Colebrooke, grandes indólogos procedentes de uma tradição cristã que tentaram compreender a cultura védica a partir da sua própria ideologia.

Alguns autores contemporâneos que questionam aquelas interpretações dos primeiros indólogos, afirmam que estes para defender os seus argumentos, justificaram suas visões e conclusões apoiando-se na ciência moderna. Colocando o adjetivo “científico” queriam acabar com qualquer tipo de dúvida sobre a confiabilidade e imparcialidade das suas pesquisas na Índia. (Bashman, 1954) Neste contexto vemos uma atitude tendenciosa por parte destes cientistas, que para validar os seus resultados da realidade indiana, não hesitaram em definir como científicos seus trabalhos sem considerar a variável cultural e subjetiva destes. Podemos observar nos seus escritos, por uma parte, uma certa admiração pela cultura védica, mas também um rechaço ao estilo de vida rotulado como “fatalista” o “pre-determinista”, basicamente pela idéia de *karma* e reencarnação.

---

<sup>1</sup> Ao ser a língua sânscrita bastante complexa, os seguidores dos *Vedas* afirmam que dificilmente pode ser entendida apenas academicamente. A prática da filosofia permitiria a sua compreensão.

Na linguagem sânscrita existe uma variada e complexa terminologia, toda interligada, que apresenta uma concepção de mundo não facilmente inteligível para o Ocidente, sem uma adequada base da história, da cultura, das metas e do propósito da vida humana, tal como proposto na concepção védica. (Satsvarupa, 1994) Por este motivo propomos uma reflexão que leve a um certo afastamento do modelo de raciocínio ocidental típico da Sociologia das religiões, para tentar penetrar um pouco mais a fundo no imaginário védico, mais que “indiano”. A idéia não é aprofundar na filosofia, mas no estilo de vida proposto neste sistema que tentaremos descrever baseados numa experiência real, realizada pelos atuais seguidores dos Vedas e, explicar a sua inserção na realidade atual dentro de um contexto de vida capitalista e secular.

A língua sânscrita é considerada por muitos estudiosos do tema (lingüistas, arqueólogos, historiadores) como o idioma mais antigo conhecido, do qual derivam tanto o latim quanto o grego. Schlegel concebe aos indianos “*como los creadores de la lengua y de la cultura... e que los pueblos europeos habrían aprendido de ellos*”. (Villar, 1971: p.19) Segundo Renou, “*nenhuma literatura tem tido,... nem no tempo nem no espaço, nem pelo volume de suas obras, uma extensão parecida à da literatura sânscrita*”. (Cultura sânscrita, 1980: p.9).

Uma palavra em sânscrito pode ter muitos significados, e depende do contexto sua aceção. Citando um exemplo muito comum e básico, a palavra “atma” quer dizer “alma”, mas também “mente” e “corpo”, sendo um significado de ampla complexidade.<sup>2</sup> Além disto, existem termos intraduzíveis para as línguas atuais, não existindo equivalência nas gramáticas modernas, como por exemplo, *karma, dharma, maya, samsara, yoga* entre outros. Contudo podemos explicar o conceito, sempre tomando cuidado de entender seu significado em concordância ao contexto, e a outro conjunto de noções.

As palavras “hindu” e “hinduismo” não são encontradas em nenhum texto Védico (Weber, 1967; Satsvarupa das Gosvami, 1994; Kaufmann, 1983; Embree, 1972). Ambos conceitos tem-se popularizado, embora não correspondam historicamente a nenhuma cultura ou civilização, sendo termos alheios ao povo indiano. Segundo Weber, “*apenas na recente literatura os indianos tem começado a designar sua afiliação religiosa como Hinduismo*” (Weber, 1967:

---

<sup>2</sup> Bg. 2.16-30; 6.5; 8.1, 2.

p.4). Este mesmo autor afirma que é a designação oficial do censo inglês para uma complexa religião.

Segundo Ainslee Embree,

*“O cenário físico é a terra que, desde épocas passadas, o mundo ocidental conhece como sendo Índia, uma palavra que os gregos tomaram emprestado dos persas, que, por causa da dificuldade que tinham com o “s” inicial, chamaram o grande rio Sindhu de Hindu. Foi com esta palavra que os estrangeiros passaram a designar a religião e a cultura dos povos que viviam na terra banhada pelos dois rios, o Indo e o Ganges, embora os próprios nativos não usassem o termo”.*(Embree, 1972: p8).

Desta forma o termo “hindu” teria, em suas origens, um significado territorial e não de credo religioso, pois envolvia a localização numa área geográfica bem definida. De acordo com *Satsvarupa dasa Gosvami*, apenas no século passado “religião hindu” torna-se um nome utilizado para descrever todas as espécies de atividades sociais, culturais, religiosas e nacionalistas, muitas das quais não são védicas.

*“Para denotar uma sociedade Védica genuína, os ‘shastras’ (escrituras reveladas) usavam a palavra ario... e uma comunidade com objetivos espirituais era designada de comunidade ariana”.*<sup>3</sup> (1994: p.63)

A Índia é conhecida pelos seus próprios habitantes como *Bharata varsha*. Da mesma forma que o conceito de “hinduismo”, a denominação de “Índia” também deriva da percepção ocidental e foi inventada num passado próximo. Encontramos esta classe de erro em vários aspectos tanto conceptuais quanto filosóficos, que demonstra a falta de assimilação e compreensão dos acadêmicos por uma parte, mas além disso uma certa intencionalidade de modificar ou deturpar uma concepção de mundo alheia a sua própria experiência.

---

<sup>3</sup> Encontramos o conceito *ariano* no *Srimad Bhagavatam* 6.16.43. Também nas pp. 723 e 174; Bg. 2.3, 46; 16.7.

Neste trabalho queremos deixar evidente que o nosso objeto de estudo mais teórico é da cultura védica e, não o “hinduismo”. Tal objeto será, a seguir, materializado no movimento *Hare Krishna*, através de uma pesquisa baseada nos textos e entrevistas, o qual pretende ser um exemplo vivo da antiga tradição védica. Ao fazer esta distinção estamos definindo que a pesquisa é do sistema social e espiritual védico (*varnashrama dharma*) e, não do atual sistema de castas como é conhecido hoje em dia na Índia.

Existe a tendência no Ocidente a pensar que diversas práticas, rituais e sistemas espirituais de diferentes contextos na Índia provém da cultura védica, criando assim uma percepção deturpada da realidade indiana (*Radhakrishnan*, 1982). Podemos afirmar, assim, que nem tudo o que se considera hoje como “hindu” é “védico”. Este desconhecimento sobre a Índia - tanto de sua historia e de sua cultura quanto de sua situação atual - é compreensível, tomando em conta a escassa informação que dispomos em termos gerais da filosofia das tradições orientais.<sup>4</sup>

A complexa concepção e percepção do mundo descrita nos *Vedas* - visivelmente oposta ao tipo de pensamento predominante no Ocidente de tradição judaica-cristã e mais racionalista – dificulta seu entendimento. Por esta razão, parece-nos importante penetrar na cultura Védica utilizando diferentes autores, embora alguns textos védicos sejam escolhidos como a principal fonte para tentar compreender seu próprio pensamento. Desta forma o estudo de alguns dos textos védicos originais é predominante, mais que os escritos sobre a cultura védica. Os textos de estudiosos ocidentais são considerados e utilizados como pontos complementares de apoio, apesar que atualmente existe uma tendência por parte de vários autores a um enfoque menos ideológico e empenhados em esclarecer ou questionar muitas idéias e apreciações elaboradas por pensadores modernos.<sup>5</sup>

## 1.2. Os textos védicos e alguns dos seus conceitos básicos.

As escrituras védicas são a literatura sagrada da antiga cultura indiana. A palavra *Veda* significa “conhecimento” ou “revelação”, termo sânscrito relativamente equivalente a nossa

---

<sup>4</sup> O fato de colocar o termo “hinduismo” nos textos ocidentais, amonstra o escasso conhecimento e precisão sobre a cultura védica e a suas manifestações.

<sup>5</sup> . Autores como: H. Hobelink, J. Robins, R. D. Laing, E.T. Hall. Desafortunadamente os livros destes autores não foram encontrados no Brasil.

concepção de ciência.<sup>6</sup> (Weber, 1994) Na cultura védica estes livros eram considerados como a autoridade máxima no campo do conhecimento, de uma maneira semelhante ao que ocorre entre a ciência moderna no mundo Ocidental. A diferença está em que esta última apenas estuda os fenômenos físicos, baseados na percepção sensorial. Para denominar este conjunto de textos védicos existe a palavra sânscrita *shastras*, (livros revelados), conceito equivalente a nosso conceito de ciência, e que proporcionam explicações tanto da natureza material quanto espiritual.

A literatura védica é ampla e variada, contendo diversos temas que abrangem assuntos materiais (mundanos), religiosos (ritualísticos) e espirituais (da alma e da Verdade Absoluta).<sup>7</sup> De acordo à história védica, estes textos foram escritos há cerca de 5.000 anos atrás, embora o seu conhecimento existisse desde tempos imemoriais.<sup>8</sup> Segundo os próprios textos védicos, este conhecimento foi compilado por diversos sábios védicos (*rishis*), encabeçados por *Vyasadeva*, quem foi o responsável de escrever o que antes era transmitido oralmente. Afirma-se que esta revelação é de uma cultura muito antiga (não identificada pela ciência moderna), situada fora do tempo e de natureza divina.

De acordo com o ponto de vista dos indólogos modernos, não existe um corpo consistente de conhecimento entre os diferentes livros, senão uma acumulação de textos de diferentes fontes e épocas (Wilson, 1862). Esta visão propõe que os textos foram escritos por um longo período que começou depois da hipotética invasão ariana ao sub-continente indiano, (1.000 a 1.500 AC.), quando a mescla das tribos, tanto arianas quanto dravidianas, formaram a cultura védica (precisamos salientar que a invasão dos *arios* é apenas uma teoria, baseada em conjeturas idiomáticas). Contudo, não existe um acordo entre os mesmos estudiosos (indólogos) da origem e da história dos *Vedas*, no que toca a data exata de quando foram escritos, e também com respeito a seu autor ou autores. Segundo M. Winternitz, a literatura védica estende-se desde um passado desconhecido até o ano 500 a.C. (Reyna, 1964).

---

<sup>6</sup> Ver INTERNET: <http://www.shamantaka.org/main/twohk/philo/roots.htm>

<sup>7</sup> Idem.

<sup>8</sup> No *Bhagavad-gita* 4.1,2,3,4; no *Shanti-parva* 348.51-52; no *Srimad Bhagavatam*.-4.12-13; XII-13.10; XI-14.3-4.

### 1.2.1. Os quatro Vedas, os Upanishads e o Vedanta Sutra (shruti)

Estes Vedas são considerados *shrutis*, que literalmente quer dizer, “aquilo que é ouvido”. A idéia básica do ensinamento desses quatro livros é estimular a compreensão de que todos os seres vivos não são independentes, senão partes de um corpo universal, e dependem de forças elevadas ou de altas autoridades de outros planos materiais, não sensíveis à nossa percepção sensorial.

Segundo alguns sanscritólogos e/ ou indólogos (do hinduismo), apenas os quatro Vedas originais são autênticos, pois datam de um período mais antigo.<sup>9</sup> Por outro lado, a literatura védica e os mestres desta filosofia, não compartilham esta opinião, considerando que também os outros textos védicos são genuínos e que contem a mesma finalidade e conclusão (*siddhanta*).

Os quatro Vedas básicos são:

- O *Rg Veda*: que significa ritual e é o *Veda* do louvor. Contém hinos e *mantras* em adoração aos semideuses.
- O *Yajur*: é o *Veda* dos sacrifícios e cerimônias. Descreve como realizar os rituais.
- O *Sama*: é o *Veda* dos cânticos. Contém estritas regras como cantar os *mantras* de acordo à vibração mística.
- O *Atharva*: é o *Veda* das orações, cânticos e rituais, principalmente para a cura das doenças.

Segundo o *Bhagavata Purana* (1.4.17-25), para simplificar o processo de purificação da humanidade, *Vyasadeva* dividiu o único *Veda* em 4 partes, com o propósito de expandi-lo entre as pessoas da presente era:

*“... 5.000 anos atrás Vyasadeva passou os Vedas para a linguagem escrita, própria desta era, Kali-yuga. Ele sabia que, com o decorrer do tempo, as pessoas teriam vida curta,*

---

<sup>9</sup> Diversos autores que escrevem sobre “Hinduismo”. Dicionário Enciclopédico das Religiões. Vozes/Petrópolis. Rio de Janeiro, 1995.

*suas memórias seriam muito fracas e suas inteligências não muito aguçadas”.*<sup>10</sup>

De acordo com a cronologia védica, esta era denominada *Kali-yuga* (Era de ferro), começou há 5.000 anos atrás e, é a última de um ciclo de quatro eras, sendo a mais degradada.<sup>11</sup> Nela, diminui-se a religiosidade e aumenta o ateísmo e o materialismo, conjuntamente à perda tanto das capacidades espirituais, quanto materiais.

*“... a religião, a veracidade, a limpeza, a tolerância, a misericórdia, a duração da vida, a força física e a memória, todas diminuirão dia a dia em virtude da poderosa influencia da era de Kali”.* (S.B. 12.2.1)

Deste ponto de vista, o ser humano se torna menos inteligente e, portanto, incapaz de seguir regras e regulações muito estritas que levem a um progresso espiritual.

Os *Upanishads* são uma coleção de 108 dissertações filosóficas. Estes textos pretendem mostrar que todas as formas materiais são temporárias manifestações de uma energia eterna além da dualidade material. Pretende-se mostrar a unidade atrás da variedade, e o Absoluto como não material.

O *Vedanta Sutra* consiste em 560 aforismos (*sutras*) condensados, que apresentam o método de se compreender o conhecimento védico. Com um mínimo de palavras pretende-se expressar a essência de todo o conhecimento. *Vedanta*, em termos etimológicos, significa o propósito final do conhecimento. O primeiro aforismo do *Vedanta Sutra* é: “na forma da vida humana, deve-se indagar sobre a Verdade Absoluta”. Deixa-se manifesta a idéia de que todo conhecimento deve-se orientar ao entendimento do que se encontra além do mundo relativo e temporário. Portanto, o ser humano não deveria empregar seu tempo no estudo da natureza material, pois esta é temporária e dual.

---

<sup>10</sup> Explicação de *Srila Prabhupada* na Introdução do *Sri Ishopanishad*.

<sup>11</sup> Caracterizada nos *shastras* pelas desavenças e a hipocrisia. É interessante constatar que Platão também escreve sobre quatro eras, semelhantes às dos textos védicos: Era de Ouro, de Prata, de Bronze e de Ferro.

### 1.2.2 A literatura védica suplementar (*smṛiti*)

Os textos védicos suplementares incluem o *Ramayana*, os 18 *Puranas*, 18 *sub-Puranas* e o *Mahabharata*. Neles destaca-se o aspecto pessoal de Deus, estabelecido como a fonte original da existência impessoal secundária do Senhor Supremo, já que uma energia impessoal não pode ser a fonte das pessoas. O argumento é que o Absoluto é supremamente perfeito e completo, por isso é tanto impessoal quanto pessoal.<sup>12</sup> A diferença dos textos anteriores, com abundância de rituais nos quatro *Vedas*, e de uma filosofia altamente condensada nos *Upanishads* e no *Vedanta Sutra*, eles apresentam o conhecimento védico sob a forma de histórias (*Itihasas*) e incidentes históricos.

O *Bhagavad-gita* forma parte do *Mahabharata*, onde se descreve o famoso diálogo entre *Krishna* e *Arjuna*, uma hora antes da grande Guerra de *Kurukshetra* que, de acordo à cronologia védica, ocorreu há 5.000 anos atrás. Estas escrituras explicam a compreensão do Absoluto além do abstrato, e da plataforma impessoal.

Podemos encontrar cinco temas básicos que compõem este livro: *Ishvara* (o Senhor Supremo), *jiva* (a entidade viva), *prakṛiti* (a natureza material), *kala* (o tempo eterno) e *karma* (a atividade)<sup>13</sup>. Este texto está composto por 700 versos divididos em 18 capítulos e, segundo a própria versão dos *shastras*, foi dialogado em menos de uma hora por *Krishna* a *Arjuna* antes do começo da Guerra de *Kurukshetra*.

A literatura védica e seus mestres seguidores afirmam que o mero estudo das escrituras não é suficiente para seu entendimento integral, e deve envolver necessariamente a prática do conhecimento. Uma aproximação acadêmica (*jñāna*) não significaria necessariamente a compreensão de uma filosofia, pois esta pretende ser o guia para um estilo de vida que ajude ao progresso da humanidade, entendido como espiritual.

### 1.2.3. O *Vedanta* e a filosofia *Vaishnava*

Tradicionalmente na cultura *ariana* existiam seis escolas de pensamento, que propagavam a sabedoria védica, cada uma desde uma perspectiva filosófica (*darshana*) diferente. Cada uma delas está associada a um sábio famoso quem é o autor de um *sutra* (código), o

---

<sup>12</sup> Deus como Pessoa no Bg. 2.2; 4.5; 7.23-25; 8.9; 10.12, 13, 14; 11.54.

<sup>13</sup> Explica-se no *Bhagavad-gita*. Bg.intro-9.

qual expressa a essência desta visão.

Originalmente estes seis *darshanas* constituíam “departamentos” de estudo numa compreensão unificada dos *Vedas*, comparados às faculdades das universidades modernas. Com o passar do tempo, estas escolas tornaram-se divididas e entraram em conflito. Dentro destas seis visões filosóficas encontra-se o *Vedanta*, que podemos traduzir como “a conclusão da revelação védica”. As cinco escolas restantes são *Nyaya* (lógica e razão), *vaishesika* (teoria atômica védica), *sankhya* (análise da matéria e do espírito), *yoga* (disciplina da auto-realização) e *Karma-mimansa* (elevação através dos deveres prescritos).<sup>14</sup>

As seis perspectivas (*sad-darshana*) aceitam a autoridade dos *Vedas*, e, portanto, são classificadas como filosofia *astika*. Alguns princípios filosóficos básicos compartilhados por estas posturas são: o “próprio eu” é entendido como um ser espiritual individual com consciência eterna; o “próprio eu” adquire uma sucessão de corpos diferentes através da reencarnação sob a lei do karma; o “próprio eu” sofre por seu contato com a matéria; e o fim do sofrimento é a meta da filosofia.<sup>15</sup> Uma pessoa que venha a aderir a qualquer um destes seis sistemas observa o mesmo *sadhana*, isto é, práticas básicas de purificação e autocontrole, que é o fundamento da *cultura brahmínica*.<sup>16</sup>

O estudo dos *Upanishads* é conhecido como *Vedanta*, que significa “a conclusão dos *Vedas*”. Literalmente podemos traduzir *vedanta* como o “fim dos *Vedas*”, isto é, o completo conhecimento dos *Vedas*.<sup>17</sup> O *Vedanta* está focalizado no ensinamento da meta espiritual suprema e é considerado como o grau mais alto de educação védica, tradicionalmente reservado para os *sannyasis* (renunciantes).

Os mestres dos *Vedas*, os *acharyas*, eram muito mais que teóricos. Este conceito significa “aquele que prega com o exemplo” e apenas desta forma que ele pode ensinar. Através de seu comportamento, eles deviam orientar o caminho da realização transcendental prá-

---

<sup>14</sup> INTERNET: <http://www.shamantaka.org/main/twohk/philo/roots/systems.htm>

<sup>15</sup> Idem. p.3

<sup>16</sup> Conjunto de qualidades descritas na literatura védica, consideradas como modelo de vida social e espiritual. Estas características são: veracidade, controle dos sentidos, paciência, simplicidade, conhecimento completo e fé total em Deus. No *Sri Ishopanishad*, p.110. Encontramos mais informação sobre este assunto no Bg.10.45; 16.1-3; 18.42,

<sup>17</sup> Enciclopédia das Religiões. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. p. 2612.

tica nos seus estudantes para a auto-realização, meta desejada pelos aspirantes. Em termos concretos o estudante (*sisya*) devia cultivar diversas qualidades imprescindíveis para o crescimento espiritual: limpeza (*shaucham*), austeridade (*tapasya*), veracidade (*satyam*) e misericórdia (*daya*), todas estas condições consideradas divinas.<sup>18</sup> A limpeza é destruída pelo sexo ilícito, a austeridade pela intoxicação, a veracidade pelos jogos de azar e, a misericórdia por comer carne.

Estas qualidades divinas são descritas no *Bhagavad-gita*:

*"Destemor; purificação da própria existência; cultivo de conhecimento espiritual; caridade; autocontrole; execução de sacrifícios; estudo dos Vedas; austeridades; simplicidade; não violência; veracidade; estar livre de ira; renúncia; tranquilidade não gostar de achar defeitos; compaixão para com todas as entidades vivas; estar livre de cobiça; gentileza; modéstia; firme determinação; vigor; clemência; fortaleza; limpeza; e estar livre da inveja e da paixão pela honra - estas qualidades transcendentais, ó filho de Bharata, existem nos homens piedosos dotados de natureza divina"*. (Bg 16.1-3)

Na Índia existem cinco escolas principais de *Vedanta*, cada uma delas estabelecida por um *acharya* diferente, que explicam os *shastras* num *bhasya* (comentário). Cada uma delas é conhecida por seu *siddhanta* ou "conclusão essencial" sobre a relação entre Deus e a alma, a alma e a matéria, a matéria e a matéria, a matéria e Deus, e a alma e as almas. Dentre as cinco escolas *vedantas* (*sampradayas*), apenas uma segue a filosofia impessoal formulada por *Shankara*, sábio do século VII d.C. Os comentários de *Shankara* são os mais conhecidos no Ocidente, e considerados como os únicos existentes. Porém é apenas uma interpretação do *Vedanta*, mais próxima à filosofia budista que ao *siddhanta* védico. Este *vedanta* não-dualista também é denominado *Mayavada* (doutrina da ilusão) e tenta explicar que o Ser Supremo é impessoal, quer dizer, sem nome, forma nem personalidade.

---

<sup>18</sup> Informação no Bg 2.64;3.21;10.4-5;16.1-3;16.7;16.24;17.14;18.42.  
Ver INTERNET: <http://www.shamantaka.org/main/twohk/philo/roots/systems.htm>

A filosofia *vaishnava* (ou Escola *Bhagavata*) é a linha personalista do *Vedanta*, representada por diferentes mestres em diferentes épocas da história védica. As quatro escolas *vaishnavas* fundadas por *Ramanuja*, *Madhva*, *Nimbarka* e *Vishnusvami*, explicam a Deus em termos pessoais<sup>19</sup>. Porém o conceito de “pessoa” não é descrito nem entendido em termos temporários ou materiais, com os defeitos, carências e limitações presentes no mundo fenomenológico. A Pessoa Suprema é descrita como uma personalidade transcendente, eterna, de conhecimento ilimitado, de bem-aventurança absoluta e completamente atrativo. O nome *Krishna* reúne todas aquelas características porque o seu significado é “o todo atrativo”, envolvendo todas essas qualidades. Sob esta perspectiva, a Pessoa Suprema tem forma, atividades, qualidades e, personalidade, embora estas sejam de índole espiritual. O sistema de *Shankara* opõe-se a estas quatro linhas *vaishnavas*, pois não aceita a idéia de Deus como pessoa.

O *Vedanta Vaishnava* aceita a validade da afirmação védica que estabelece diferença (*bheda*) entre a alma individual com *Brahman* (Ser Supremo), como também uma não-diferença (*abheda*) com Ele. Nestas duas declarações unidas – *bheda* e *abheda* – os *vaishnavas* distinguem três características da Substância Divina (*Vastu Brahman*):<sup>20</sup>

- *Vishnu* como a Alma Suprema (*parabrahman*)
- O ser individual como a alma subordinada (*jivabrahman*)
- A matéria como natureza criativa (*mahabrahman*)

No século dezesseis estas quatro escolas são unificadas em torno a outro *acharya* – *Sri Chaitanya Mahaprabhu* -, líder social e espiritual daquela época. A filosofia básica estabelecida por *Chaitanya* se resume no conceito de “*achintya-bhedabheda tattva*”, cujo significado propõe a idéia que o Supremo e as entidades vivas são inconcebível e simultaneamente iguais e diferentes. Numa definição simplificada, isso quer dizer que toda alma é parte fragmentária integrante de Deus e que possui as mesmas qualidades, embora não seja assim em termos quantitativos. Geralmente explica-se que uma gota de água do mar tem as mesmas propriedades químicas que o oceano (qualidade), mas não tem a mesma quantidade.<sup>21</sup>

---

<sup>19</sup> Estes filósofos indianos são muito reconhecidos na Índia, porém ignorados no Ocidente.

<sup>20</sup> Ver Internet: <http://www.shamantaka.org/main/twohk/philio/roots/systems.htm>

<sup>21</sup> Bg. 7.8

Os sucessores desta escola são os seis *Gosvamis* de *Vrindavana*, que transmitem este conhecimento numa sucessão discipular (*parampara*), que em nossos dias é conhecido através da Sociedade Internacional para a Consciência de *Krishna*, fundada por “Sua Divina Graça A.C. *Bhaktivedanta Swami Prabhupada*”. A formação do Movimento *Hare Krishna* no Ocidente é nova, embora provenha da tradição *vaishnava* praticada desde vários séculos na Índia e baseada na antiqüíssima cultura *ária*.

Dentro deste amplo e complexo grupo de categorias e concepções queremos nos aproximar à tradição *Vedanta Vaishnava*, por ser o nosso ponto referencial da pesquisa empírica realizada no Estado de São Paulo com os seguidores desta tradição. O interesse do trabalho está centrado na concepção desta filosofia a respeito da maneira de se relacionar com seu entorno natural e, com os seres vivos tanto humanos como não humanos, baseados numa concepção teocêntrica, e como é possível neste século plasmar este tipo de pensamento na prática.

### 1.3 Uma visão metafísica na compreensão da vida e do mundo

Para conhecer o tipo de imaginário da visão Védica do mundo e do homem, precisamos entrar num contexto metafísico, entendido como a existência de uma realidade além dos fenômenos naturais, estes possíveis de medir e quantificar com sofisticada tecnologia a partir de uma experiência apenas empírica. Deste ponto de vista, a sociedade contemporânea dá uma maior relevância aos processos físicos e externos, mais que à própria natureza interna de cada indivíduo (alma). Assim, ignoram-se os fenômenos relacionados com a essência da existência material ou a causa última (Deus e a alma), não explicáveis através da percepção sensorial ou da especulação mental.<sup>22</sup>

No *Srimad-Bhagavatam* (3.12,24) explica-se que existem quatro defeitos na percepção humana que impedem conhecer a natureza material e que impossibilitam resultados perfeitos na análise física dos fenômenos. Portanto, seguindo este raciocínio, a capacidade humana para compreender aspectos mais sutis e/ou espirituais da realidade é uma tarefa impossível sem um *guru* (guia espiritual), sem a orientação dos *shastras* (textos sagrados) ou sem a as-

---

<sup>22</sup> Tanto a literatura védica quanto a ecologia profunda afirmam que a sociedade atual ignora os aspectos espirituais da existência, dando importância apenas a fatos externos e físicos.

sociação com *sadhus* (sábios e pessoas santas).

Os defeitos humanos mencionados anteriormente são: os sentidos imperfeitos, a ilusão (imaginar algo que não é), cometer erros e, enganar consciente ou inconscientemente. Segundo o pensamento védico, esta situação limita qualquer estudo científico para atingir conhecimento perfeito.<sup>23</sup> Este é o motivo porque se enfatiza o conhecimento descendente, que vem de mestre para discípulo e assim sucessivamente, já que permite superar os quatro defeitos descritos. Existe um *mantra* dedicado ao *guru* que representa fielmente esta idéia: “Nasci na mais escura ignorância, e meu mestre espiritual abriu meus olhos com o archote do conhecimento. Ofereço-lhe minhas respeitadas reverências”.<sup>24</sup>

A epistemologia védica descreve três processos possíveis para a obtenção de conhecimento: *pratiyaksha* (percepção sensorial empírica), *anumana* (teorias baseadas na evidência) e *shabda* (ouvir uma autoridade). Este terceiro processo de aquisição de conhecimento é considerado o mais confiável e aceito pela epistemologia védica como o mais importante. De acordo a esta visão, a aceitação de uma autoridade numa forma descendente é reconhecida como verdadeira fonte de conhecimento. Afirma-se que tanto o método de percepção direta quanto o método indutivo, proporciona apenas conhecimento parcial e insuficiente para alcançar a Verdade Absoluta, especialmente em assuntos que estão além do raciocínio e dos sentidos.<sup>25</sup>

Nos textos védicos encontramos explicações tanto do funcionamento socioeconômico, (relações sociais, organização espacial, tecnologia, costumes, hábitos, etc.) quanto concepções sobre a alma, sobre Deus e a respeito do treinamento espiritual (diferentes sistemas de *yoga*, meditação, rituais e cerimônias). Não encontramos uma separação entre ciência e religião, senão ao contrario, uma integração que pretende vincular estes diferentes tipos de conhecimento. Segundo uma visão ocidental a palavra ciência não se emprega para designar o saber absoluto, mas para designar o saber humano que até hoje foi adquirido e coordenado.<sup>26</sup>

---

<sup>23</sup> Ver no livro “Evolución y Conciencia”, que contem diversos artigos sobre o tema. BBT, 1986. Lima, Perú. p.4.

<sup>24</sup> *Sri Guru Pranama* do *Manual Vaishnava* da BBT.

<sup>25</sup> Segundo a tradição védica, os *Vedas* são textos autorizados e, a explicação sobre eles está contida neles mesmos. No Bg (3.15), e em toda a literatura védica encontramos esta afirmação.

<sup>26</sup> Enciclopédia Universal Sopena. Barcelona: Editorial Sopena, 1981.p.1934

Classicamente define-se também como um conhecimento ou um corpo ordenado de doutrina que constitui um ramo do saber humano. O termo *Veda* é o equivalente a nosso conceito ocidental de ciência, embora este abranja assuntos metafísicos e espirituais. O desenvolvimento das ciências na Índia é representado em várias áreas como no direito (*manu samhita*), na arquitetura e no espaço (*vastu shastra*), na medicina (*ayurveda*), entre outras, como progresso no âmbito material.

No mundo antigo - e não apenas oriental - encontramos uma estreita relação entre ciência e religião, embora no pensamento antigo a primeira estivesse baseada e subordinada ao espiritual, considerado a causa última de qualquer explicação física.

*“A secularização da vida moderna distanciou as pessoas de uma sociabilidade derivada dos laços familiares e locais e associada a valores tradicionais de solidariedade e de caráter religioso em geral. A sociedade trocou a visão orgânica e transcendente do mundo antigo por uma dirigida apenas para autopreservação”* (Leis, 1996: p.120)

Segundo Leis (1996) apenas no “paradigma moderno” encontramos uma separação entre o sacro e o secular, manifestada nas diferentes esferas da sociedade como, por exemplo, a economia da ética, e esta da política e assim por diante. Assim no mundo antigo e clássico, o sagrado não estaria afastado do cotidiano ou de qualquer área do conhecimento, tanto físico quanto metafísico. O mesmo autor afirma que no paradigma clássico: *“Não existe o natural como a negação e antítese do humano, que permite a evolução da humanidade, sem alterar substancialmente a relação sociedade-natureza”*. (Leis, 1996: p.30).

A crença na existência de forças não materiais nas culturas e civilizações antigas - desde a concepção mais primitiva até a mais sofisticada (como nos *Upanishads*) - tem como conseqüência uma percepção do inter-relacionamento entre todas as entidades vivas e a ligação comum que seria Deus. (Radhakrishnan, 1984).

Os *shastras* propõem um estilo de vida que, afirmam, deve ser concretizado na experiência cotidiana em todas as esferas humanas, sempre colocando a Deus como o centro de

qualquer atividade ou meta (Weber, 1967; *Satsvarupa das Gosvami*, 1994). Assim, à visão antropocêntrica predominante no mundo contemporâneo, contrapõe-se uma concepção centralizada em Deus e na alma, o que em boa medida muda a lógica do pensar humano em relação a diversos objetivos e atividades perseguidos pela sociedade.

A sociedade Védica - utilizando a terminologia do sociólogo P. Sorokin - é a de uma "cultura ideativa", isto é, uma visão de mundo primariamente metafísica ao invés de sensitiva ou sensual (Sorokin, 1967). O tema da sociedade "*isavasya*" (centralizada em Deus) podemos encontrá-lo no primeiro *mantra* do *Sri Ishopanishad*.<sup>27</sup>

*"O Senhor controla e possui todas as coisas animadas ou inanimadas do universo. Devemos, portanto, aceitar apenas as coisas que nos são necessárias, reservadas como nossa cota, e não devemos aceitar nenhuma outra coisa, sabendo muito bem à quem pertence" (Sri Ishopanishad: p.5).*

Segundo esta visão, as *jivas* (almas individuais) não são proprietárias de nada e não compete à comunidade ou ao Estado assumir a posse de qualquer elemento da natureza. (*Satsvarupa das Gosvami*, 1994). Isso não quer dizer o rechaço à existência de um governo ou de uma autoridade senão mais bem, a uma opção centralizada em Deus, no qual o papel do indivíduo seria apenas administrar a natureza, por considerá-la propriedade do Supremo. Ao contrário de pensar na falta de uma estrutura de governo, nos textos védicos encontramos um sistema de organização hierárquica e a ocupação específica para grupo humano em cada categoria social e espiritual (*varnashrama dharma*).

Assim, o problema do ser humano estaria no desejo de produzir mais do que o necessário, sendo deste modo incapaz de administrar apropriadamente os benefícios de que nos provê o meio ambiente natural. Afirma-se no *mantra* do *Sri Ishopanishad* que a natureza designou para cada espécie uma partilha ampla, tanto para a sobrevivência como para a paz e a felicidade. Sob esta perspectiva, os seres humanos têm a propensão de desfrutar e possuir as coisas que estão além do que lhes foi naturalmente reservado. Portanto, a escassez se produz

---

<sup>27</sup> O *Sri Ishopanishad* é parte do *Yajur Veda*, e contém explicações sobre Deus, a alma e o proprietário último de todas as coisas que existem dentro do universo.

quando a humanidade não vive na sua condição natural, quer dizer, não segue as regulamentações definidas e apresentadas nos textos sagradas, como guias de seu comportamento com a natureza. (*Satsvarupa das Goswami*, 1994; *Prabhupada*, 1994).

#### 1.4. O conceito de natureza: a energia externa de Deus (*prakriti*).

Para poder compreender o tipo de relacionamento entre ser humano e natureza presente na concepção védica, precisamos esclarecer alguns conceitos que expliquem esta classe de vínculo. A natureza é vista como uma energia de Deus e, portanto, contém uma conotação sagrada que deve ser respeitada como uma parte dEle. Tanto o orgânico (*para prakriti*) quanto o inorgânico (*apara prakriti*) são vistos como parte da energia da Verdade Absoluta que cumpre uma função específica no mundo fenomenológico.

No pensamento védico explica-se que existem dois tipos de energia: uma material (inferior) e outra espiritual (superior). A natureza material é considerada a potência externa de Deus, que é temporária e apresenta mudanças contínuas, como por exemplo o corpo físico que passa por diferentes etapas: nascimento, velhice, doença e morte. A energia espiritual é aceita como sua potência interna, isto é, eterna, cheia de conhecimento e de bem-aventurança (*sat-cid-ananda*). A potência marginal são as *jivas* (almas individuais) e também é considerada energia espiritual.

A palavra *prakriti* quer dizer a natureza predominada, ao contrario de *purusha*, que significa o predominador ou desfrutador (o Ser Supremo). Dentro da categoria de *prakriti* encontram-se tanto os seres vivos (*jivas*) quanto a energia material (*maya*). A natureza material, que em termos modernos conhecemos como meio ambiente, é *apara prakriti*, quer dizer matéria morta, catalogada como energia inferior de Deus, e apenas tem vida com a presença da alma. Por si mesma a matéria não tem poder ou a potência para produzir nem gerar vida e, portanto, não tem a capacidade de criar qualquer tipo de substancia ou produto. Ela está formada por 24 elementos que, combinados, produzem todo tipo de corpos e formas, que somente tem vida graças à presença da alma.<sup>28</sup> Assim, as entidades vivas são *para prakriti*, isto é, “centelhas divinas”, que dão vida à matéria morta.

---

<sup>28</sup> No Bg 13.6-7 descrevem-se os 24 elementos materiais.

No Sétimo Capítulo do *Bhagavad-gita* é explicado o termo de *prakriti*, conceito relevante em nosso estudo para compreender a percepção presente na cultura védica de seu entorno natural. Neste contexto o ser humano não é o proprietário da matéria, senão que tem apenas a capacidade de manipulá-la.

*“Os elementos da natureza-terra, fogo, água, ar éter, mente, inteligência e ego falso – pertencem todos á energia inferior ou material do Senhor, enquanto que o ser vivo, a energia orgânica, é para prakriti (energia superior do Senhor). Ambas as prakritis, ou energias, são emanações do Senhor e, em última análise, Ele é o controlador de tudo que existe. Não há nada no universo que não pertença a para ou a apara prakriti; portanto, tudo é propriedade do Ser Supremo”.*  
(*Sri Ishopanishad*: p.6)

A escola *Bhagavata*, “*distingue a alma da matéria, mais ainda assim considera ambas femininas – para-prakriti e apara-prakriti respectivamente. Ambas são energias do energético*” (*Loka Saksi*, 1996: p.16).

No *Sri Ishopanishad* afirma-se que o ser humano não pode produzir nenhum tipo de material como terra, madeira, ferro, etc., mas pode simplesmente juntá-los e transformá-los em diferentes formas através do trabalho. A matéria prima é proporcionada por Deus e, portanto o ser humano deve usá-la de uma forma racional, apenas para manter seu corpo.

Dentro da concepção védica encontramos um conceito de tempo circular ao invés da visão linear, própria de nossa cultura ocidental. O mundo não seria um processo de progresso ascendente, onde a humanidade avança numa evolução contínua. Mas bem, similarmente a nosso corpo, a vida tem um início, uma evolução e um declive. O conceito de *kala* (tempo) tem uma preponderância importante neste sentido, -um dos cinco temas principais do *Bhagavad-gita* - pois provoca o término de qualquer acontecimento, pessoa ou circunstancia. O tempo que todo o devora.

A presente era histórica denominada *Kali-yuga* é considerada a inferior de todas. Segundo a cronologia védica ela começou há 5.000 mil anos, no momento em que *Krishna* desapareceu da face da Terra. Esta visão descreve o tempo num processo de quatro ciclos: *Satya yuga* (idade de ouro), *Treta yuga* (idade de prata), *Dvapara yuga* (idade de bronze) e finalmente *Kali-yuga*<sup>29</sup>. Esta última é definida como uma era em que predominam as desavenças e a hipocrisia, características consideradas como as mais destacadas neste momento da humanidade.

Sob esta visão, é difícil imaginar um aprimoramento das condições ecológicas, pois a degradação seria um processo natural que abrange todos os aspectos do mundo material. O estado atual da biosfera seria conseqüência de *Kali-yuga*, e da mentalidade prevalecente nesta era, que no fundo é causada pela inexistência ou escassa espiritualidade. Esta afirmação não significa passividade e resignação ou um convite à não ação, mas uma reflexão ao conceito de progresso e ao significado da vida. Deste ponto de vista, podemos pensar que todo o conhecimento védico visa alcançar a auto-realização e a compreensão de Deus, mais que qualquer outro objetivo temporário. Com esta lógica, poderíamos dizer que proporciona as condições para a compreensão espiritual, dando uma organização material própria para este progresso.

Outro conceito a ser considerado é o de *Tri-Gunas*. *Guna* textualmente significa “corda”, embora seu significado é explicado como os “modos da natureza material”. Descrevem-se três modos: bondade (*sattva*), paixão (*raja*), e ignorância (*tamas*) Estes três elementos seriam parte do mundo fenomenológico, presentes em diferentes porções em cada indivíduo e em cada sociedade. Todas as coisas seriam determinadas por esses aspectos, desde o tipo de comida, as etapas do dia, o tipo de personalidade, o tipo de fé, etc.<sup>30</sup>

*“A natureza material consiste em três modos -bondade, paixão e ignorância. Ao entrar em contato com a natureza, ó Arjuna de braços poderosos, a entidade viva eterna condici-  
ona-se a esses modos”.(Bg 14.5)*

---

<sup>29</sup> As quatro eras (*Maha-yugas*) tem uma duração de 4.320.000 anos. Cada uma destas eras tem uma duração diferente: *Satya-yuga* dura 1.728.000 anos; *Treta-yuga* 1.296.000; *Dvapara-yuga* 864.000; e *Kali-yuga* 432.000.

<sup>30</sup> No Bg intro-17; 14.15, 16; 15.7; 18.23-25.

Os textos védicos afirmam que aquelas três “cordas” nos prendem à natureza pelo desejo da alma condicionada de desfrutar. A maioria das pessoas se movimenta nestes três modos que as atam ao mundo material, porém cada uma delas dá um resultado diferente:

*“Do modo da bondade, desenvolve-se o verdadeiro conhecimento; do modo da paixão, desenvolve-se a cobiça; e do modo da ignorância, desenvolvem-se a tolice, a loucura e a ilusão”. (Bg. 14.17).*

A conclusão védica é transcender esses modos que só conseguem apegar mais ao plano material e dissociar-se de qualquer atividade que se relacione com objetivos mundanos, quer dizer, ausência de Deus e do autoconhecimento, inclusive superar o modo da bondade.

A palavra *karma* é muito utilizada no Ocidente, embora o seu significado não seja empregado com exatidão. Muitas vezes é confundido com *dharma* ou como sinônimo de destino. Contudo, os *shastras* explicam que toda ação tem uma reação, seja consciente ou inconscientemente. Dependendo das nossas ações podemos gerar uma consequência positiva ou negativa, nesta vida ou na próxima e explicam-se quatro tipos de reações. O futuro corpo da entidade viva estaria submetido ao tipo de atividade desenvolvida durante sua vida. *“Assim como alguém veste roupas novas, abandonando as antigas, a alma aceita novos corpos materiais, abandonando os velhos e inúteis” (Bg 2.22).*

A noção de *karma* não pode ser compreendida, sem um outro termo que permite visualizá-la num contexto: *samsara*. Este termo significa “ciclos de nascimento e mortes”, isto é, a transmigração da alma a diferentes corpos devido às diversas atividades feitas no transcurso da vida. De acordo com os três modos da natureza material, a alma se transporta a diferentes corpos que serão mais adequados para o tipo de atividade desejada.

*“Assim como o ar transporta os aromas, a entidade viva no mundo material leva de um corpo para outro suas diferentes concepções de vida. Com isso, ela aceita uma espécie de*

*corpo e ao abandoná-lo volta a aceitar outro”. (Bg 15.8.)<sup>31</sup>*

Nos *shastras* explica-se que *maya* é a energia ilusória do Senhor Supremo, que leva as entidades vivas a esquecer sua natureza espiritual e a Deus. Normalmente é entendida como ilusão no sentido que o mundo material não existe. Porém, seu verdadeiro significado não nega a existência da matéria, mas sim o temporário (todo o mundo material é transitório). Esse é o autêntico significado de *maya*: fazer pensar que o corpo atual é o verdadeiro "eu" e desenvolver uma falsa identificação com este em termos de nacionalidade, raça, crença, etc. *Maya* significa literalmente “aquilo que não é”, como uma miragem na qual somos levados a crer que a eternidade e a felicidade estão nas atividades do mundo material.

*“Ao identificar-se com o corpo, a jiva (alma) desenvolve milhares de desejos, e, então, tenta satisfazê-los... Ao agir sob a influencia de maya, a jiva submete-se á lei do karma”*  
(Satsvarupa das Gosvami, 1994)

Explica-se nos *shastras*, que apesar de *maya* ser muito poderosa, ela está subordinada ao controle do Senhor Supremo. A diferença da teologia cristã, que coloca a Satanás como um adversário de Deus, *Maya* é uma serva da Divindade que cumpre uma função específica no mundo material, como uma nuvem que cobre o Sol.

*“Bajo su influencia, el alma individual se cree ama de la creación y poseedora e beneficiaria suprema. Identificándose de ese modo con la energía material, es decir, con el cuerpo (los sentidos), con la mente y con la inteligencia material, y olvidando la relación eterna que la une a Dios, el alma, condicionada por dicha energía, se lanza a la búsqueda de los placeres de este mundo y se encadena así cada vez más al ciclo de los reiterados nacimientos y muertes”* (S.B. Glossário: p.588)

---

<sup>31</sup> Afirma-se na literatura védica que existem 8.400.000 espécies de vida em diferentes planetas do universo. A alma pode reencarnar em qualquer um deles, de acordo com suas atividades passadas.

O seguinte verso do *Srimad Bhagavatam* (2.9.2) sintetiza claramente os termos mencionados anteriormente (*karma, samsara, maya e gunas*):

*“Iludida, a entidade viva aparece em muitas formas oferecidas pela energia externa do Senhor. Enquanto desfruta nos modos da natureza material, a entidade viva aprisionada engana-se, ao pensar em termos de “eu ” e “meu”.(SB 9.2)*

#### 1.5. O sistema de *varnashrama*: a organização social e espiritual da cultura védica.

Para organizar a sociedade, os *Vedas* propõem o sistema “*varnashrama-dharma*” (ordens sociais e espirituais), o qual, asseguram, permitiria que todo mundo recebesse a sua parte de acordo as suas necessidades, sem problemas de fome ou desemprego, sob a administração dos *rajarshis* (reis santos) védicos. Segundo esta concepção, “*tanto as necessidades naturais quanto as aspirações transcendentais são satisfeitas numa sociedade centralizada em Deus*” (*Satsvarupa das Gosvami, 1994: p.65*). Explica-se que qualquer atividade material está submetida a “*Bhagavan*” (Deus, literalmente “possuidor de todas as opulências”), que é Ele quem designa as quatro divisões da sociedade humana (*varnashramas*), como a organização perfeita.

##### 1.5.1. Os Quatro *Varnas*

Segundo a concepção Védica, em toda comunidade civilizada qualquer que seja ela, há intelectuais, militares e políticos, fazendeiros e comerciantes, e operários comuns, que possuem deferentes aptidões.<sup>32</sup> Seguindo esta lógica, estas ordens sociais (*varnas*) não seriam fações políticas ou sociais, senão categorias naturais encontradas em toda civilização humana. Os quatro *varnas* incluem (1) os *brahmanas* (professores e conselheiros espirituais) (2) os *kshatriyas* (administradores e guerreiros), (3) os *vaishyas* (agricultores e comerciantes) e (4) os *shudras* (operários e artesãos). Os *shastras* afirmam que “*a sociedade torna-se exitosa quando as ordens naturais cooperam para a realização espiritual*” (*Satsvarupa das Gosvami, 1994; p.66*). Explica-se analogamente o corpo social como o corpo físico, no qual os *brahmanas* são a cabeça, os *kshatriyas* são os braços, os *vaishyas* são a cintura e os *shudras* são as pernas,

---

<sup>32</sup> No *Bhagavad-gita* (2.3,4; 8.28; 16.1-3), e no *Srimad Bhagavatam* (I-15.39,16.31; IV-20.9,13;21.7)

todas partes importantes para um desenvolvimento sadio de qualquer organismo, tanto biológico quanto social.

O funcionamento da sociedade indiana, tal como a conhecemos hoje em dia, principalmente em relação à sua divisão social, não representa a organização proposta na literatura Védica. (Dumont, 1992; Satsvarupa das Gosvami, 1994) Os *shastras* afirmam que um ser humano “*volta-se brahmana por suas obras e não por família ou nascimento; inclusive um chandala*”<sup>33</sup> *é um brahmana se é puro de caráter* (Rhadakrishnan, 1984:p.154). Segundo Dumont, no sistema de castas está “*colocado o acento sobre a função, mais do que sobre seu nascimento*” (Dumont, 1992: p.122).

De acordo com o *Bhagavad-Gita* (p.707), o sistema de *varnashrama-dharma* existe atualmente de maneira corrupta na Índia, onde as pessoas alegam que, pelo simples nascimento são *brahmanas* ou *kshatriyas* (as duas ordens superiores), muito embora elas não possuam, provavelmente, as qualidades próprias a este nível. *Srila Prabhupada* comenta sobre o tema:

*“a instituição social conhecida como varnashrama-dharma...que divide a sociedade em quatro categorias de vida social e quatro ocupacionais... não se destina a dividir a sociedade humana conforme o nascimento. Tais divisões são em função das qualificações educacionais. Elas visam a manter a sociedade num estado de paz e prosperidade”*  
(Bg. 16. 1-3).

#### 1.5.2. Os quatro *ashramas*

Além dos quatro *varnas* mencionados, são descritos quatro “*ashramas*”, ou ordens espirituais, que são diferentes etapas na vida humana para o desenvolvimento individual. Estas são (1) *brahmacharya* (vida de estudante celibatário), (2) *grihastha* (vida de casado), (3) *vana-*

---

<sup>33</sup> Significa “comedor de cachorro” ou paria. Este tipo de pessoas não está considerado no *varnashrama dharma* por não seguir nenhum tipo de regras ou regulações. O termo “comedor de cachorro” é utilizado para denominar o mais baixo dos seres humanos. Não está considerado comer vaca, pois na civilização védica não era aceito esse tipo de atividade.

*prastha* (vida retirada) e (4) *sannyasa* (vida de renúncia). Cada indivíduo poder passar por estas quatro etapas consideradas como um treinamento para a compreensão de Deus e o avanço espiritual. O *brahmachari*, não necessariamente pode se tornar um *grihastha*, senão continuar pelo resto de sua vida como monge celibatário. O ponto central nesta divisão de tipo religiosa, é que cada pessoa mantenha o *dharma* (dever) em qualquer das posições estabelecidas, praticando os deveres prescritos presentes nos livros sagrados.<sup>34</sup>

De acordo com a versão dos *shastras*, ao ser o *varnashrama* uma instituição criada por Deus, é um sistema perfeito, e os *arianos* considerava-la “como um instrumento material pelo qual a humanidade poderia elevar-se até a plataforma espiritual”(Satsvarupa das, 1994, p.66). Deste ponto de vista, cada ser humano segundo sua capacidade e desenvolvimento, poderia avançar espiritualmente dentro do *varnashrama*, e, de acordo com o seu progresso, poderá alcançar um determinado nível de realização tanto nesta vida quanto na seguinte.

#### 1.6. A noção de religião: *sanatana dharma*.

Para compreender o pensamento védico e suas manifestações na sua práxis, parece-nos apropriado destacar explicitamente que ele não deve ser considerado como mais uma forma de religião, afastada das outras esferas da vida social. Segundo o doutor *Radhakrishnan*, o pensamento védico não consiste numa aceitação de abstrações acadêmicas ou na celebração de cerimônias, mas em uma forma de vida ou de experiência social concreta. Assim, “esta experiencia no es un estremecimiento emocional, o una fantasía subjetiva, sino la respuesta de toda la personalidad, la integración del ser en la realidad central (Radhakrishnan, 1984: p.15) Segundo Weber. “o hinduismo é não simplesmente uma religião no nosso sentido do mundo” (Weber, 1967: p.21)

Segundo um conceito convencional, religião é o “reconhecimento humano do poder sobrenatural”, “a crença em Deus”, “qualquer sistema de fé ou culto”<sup>35</sup>. Uma noção mais abstrata a define como um sistema de crenças e práticas por meio das quais um grupo de pessoas luta com os problemas básicos da vida humana. Outra definição mais próxima à idéia de

---

<sup>34</sup> A ocupação de *sannyasi* é considerada a mais evoluída, inclusive que um *brahmana*, e representa o líder espiritual da sociedade.

<sup>35</sup> Dicionário de Religiões. São Paulo: Editora Cultrix, 1984. p.217.

estilo de vida é a seguinte: “A religiosidade humana, expressa-se não só em sistemas e tradições (religião explícita), mas também em modos de vida onde ela está escondida (implícita)”.<sup>36</sup>

Na cultura védica podemos perceber que o conceito de religião não está limitado a uma esfera da vida social, mas permeia e traspassa todos os âmbitos da vida que o indivíduo participa. Aqui não existe uma separação entre o sacro e o secular, característica básica do mundo moderno, e inexistente na cosmologia antiga. A visão religiosa está presente em qualquer atividade social e/ou individual, e, orienta o comportamento da pessoa visando seu progresso espiritual, relacionado com seu *karma*, com a transmigração da alma e a crença num Ser Supremo.

Como o objetivo da filosofia védica é a transcendência, entendida como a busca da eternidade e o encontro com a verdade Absoluta, o conceito de religião é considerado temporário e, portanto, passageiro.<sup>37</sup> Todas as designações como “cristão”, “muçulmano”, “hindu”, “judeu”, etc. seriam falsas identificações, pois elas não representam a verdadeira natureza da alma: *sac cit ananda*, isto é: eternidade, conhecimento e bem-aventurança. Segundo o *Bhagavad-Gita*, existe uma ocupação eterna própria de toda entidade viva, que não se refere a nenhum processo religioso sectário: esta função é denominada “*sanatana-dharma*”.

Se pudéssemos traduzir este conceito, um termo próximo seria “religião eterna”, considerada como a condição natural de toda entidade viva, independentemente de seu contexto social, racial, cultural e geográfico. Esta noção difere do conceito clássico de religião, que nasce num momento determinado. Também é diferente á visão de religião que, de acordo com Berger - e que a maioria dos autores ocidentais compartilha - é “um produto histórico”. (Berger, 1985: p10)

De acordo com as visões ocidentais mais corriqueiras, a noção de religião está relacionada com a fé. Deste ponto de vista, ela pode mudar e, portanto, se aproximar mais a um estado anímico que a uma compreensão intelectual ou vivencial. O conceito de *sanatana-dharma* é muito importante na concepção védica, porque questiona a divisão estabelecida por dife-

---

<sup>36</sup> Idem.

<sup>37</sup> *Bhagavad-gita*. intro-18,19,20.

rentes instituições religiosas ou espirituais. Expressa a função ou a atividade eterna da alma – o serviço ao Ser Supremo - independentemente de qualquer diferença externa de classe, raça, gênero e espécie em relação a Deus. Os seguidores dos Vedas afirmam que do ponto de vista espiritual todos os seres são iguais e, portanto, têm um direito intrínseco à vida. Este é um pensamento bem próximo à linha do biocentrismo ecológico desenvolvido no Ocidente, como veremos mais adiante.

*“A religião védica ou o varnashrama-dharma... é denominada eterna porque ninguém pode determinar o seu começo. A religião cristã tem uma história de dois mil anos, e a religião maometana tem uma história de mil trezentos anos; mas se tentarmos remontar às origens da religião védica, não seremos capazes de encontrar seu começo”.*<sup>38</sup>

O conceito de religião compreendido como a pertença a um grupo definido não é a conclusão encontrada no *Bhagavad-gita*. Pelo contrário, *Krishna* estimula a dedicação total da pessoa em seu serviço. *“Abandona todas as variedades de religião e simplesmente rende-te a Mim. Eu te libertarei de todas as reações pecaminosas. Não temas”.* (Bg 18.66)

#### 1.7. A filosofia *vaishnava*: A Verdade Absoluta como a Pessoa Suprema

Com freqüência afirma-se que a religião “hinduista” é politeísta. Esta é uma idéia baseada na enorme quantidade de deuses adorados, assim como nos diferentes nomes dados a Deus na Índia. *“Meus nomes são muitos, como tem declarado os grandes sábios”* (*Mahabharata, Santi Parva*). *Radhakrishnan* afirma que *“admitir las varias descripciones de Dios no significa caer en un politeísmo”*. *“A aquele que é único real os sábios chamam-lhe de formas diferentes”.* (*Rig Veda* i.164.46) O pensamento védico acredita na evolução do conhecimento de Deus, que depende em grande medida do desejo individual, e do *karma* pessoal e coletivo acumulado.

De acordo com a filosofia *Vedanta* - sem considerar o impersonalismo de *Shankara*-

---

<sup>38</sup> A. C. *Bhaktivedanta Swami* . Elevação à consciência de *Krishna*. SP: BBT, 1990. p.5.

*charya* - existem três aspectos de Deus, que podem ser entendidos segundo o desenvolvimento espiritual individual. Cada ser humano possui um nível espiritual diferente de acordo a suas atividades e a seu desejo pessoal. Assim, tenta-se aproximar a Deus de diversas formas e se O percebe segundo essa capacidade desenvolvida tanto em vidas passadas quanto na vida atual. Na concepção *vaishnava* estas três formas de compreensão sobre Deus, são diferentes aproximações transcendentais que permitem os cinco tipos de liberação.

Segundo os *shastras* e os mestres *vaishnavas*, o conhecimento sobre a Verdade Absoluta inicialmente começa com a compreensão do *Brahman impessoal*, isto é, a percepção de Deus como uma luz ou energia amorfa. Os seguidores do impersonalismo (*mayavadis*), perseguem o fundir-se na energia absoluta que, analogamente, seria a luz do Sol. Posteriormente a compreensão prossegue com *Paramatma* (Superalma), que consiste na percepção de Deus como localizado no coração, sendo os *yoguis* místicos os seus melhores expoentes. Finalmente, pode-se compreender a Deus como *Bhagavan*, a forma pessoal de Deus que envolve personalidade e pode-se conhecer através das *lilas* (estórias de atividades transcendentais). Nesta visão afirma-se que a compreensão destes três aspectos é conhecimento perfeito e completo, porém esta última etapa de entendimento é considerada a mais elevada.<sup>39</sup>

*“A Verdade Absoluta é percebida em três fases de compreensão pelo conhecedor da Verdade Absoluta, e todas elas são idênticas. Essas fases... são expressas como Brahman, Paramatma e Bhagavan” (SB 1.2.11)*

Também a alma individual é compreendida em três aspectos: primeiro, como a consciência que permeia o corpo inteiro; então, como a alma espiritual dentro do coração; e finalmente, como uma pessoa. De modo semelhante, Deus (*Krishna*) “é simultaneamente *Brahman*, *Paramatma* e (*Bhagavan*), assim como cada um de nós é simultaneamente consciência, alma e pessoa”.<sup>40</sup>

---

<sup>39</sup> Estes três aspectos de Deus são encontrados no *Bhagavad-gita*: Bg.intro-9; 2.2; 10.1,2. Também no *Sri Ishopanishad* encontramos informação sobre este assunto. (Invocação)

<sup>40</sup> *Srila Prabhupada* .“Física do Eu”. SP: BBT, 1990. p. 13.

Podemos afirmar que a visão Védica proclama que o papel do ser humano na sua passagem pelo planeta Terra, ou planetas semelhantes, é aproveitar a forma humana para sair do “*samsara*”, (ciclo de nascimento e morte). O conceito de transmigração da alma significa, simplificada, a obtenção de um outro corpo, superior ou inferior ao anterior, dependendo de suas atividades passadas<sup>41</sup>. O *Vedanta* propõe alcançar a liberação através de diferentes sistemas de *yoga* e de disciplinas que requerem austeridades e penitências drásticas. No *vaishnavismo* salienta-se a forma Pessoal de Deus e o relacionamento eterno das *jivas* (almas) com Este nos sistemas planetários espirituais (*Vaikunthas*)

A idéia de Deus como Pessoa não é encontrada apenas na concepção *Vedanta*, mas também está presente de uma maneira mais difusa e menos desenvolvida na teologia cristã e muçulmana. A clássica definição na Bíblia (Gênesis 1.26) do homem como um ser criado “a sua imagem e semelhança”, assim como as 99 características dadas a Deus no Alcorão, revelam uma aproximação a esta idéia. A noção de personalidade é essencial para a definição de uma pessoa, conjuntamente com suas atividades e relacionamentos. Nos *Vedas* descrevem-se seis opulências próprias do Ser Supremo que dão conta de personalidade: fama, poder, beleza, riqueza, conhecimento e renúncia. Estes atributos apenas podem ser encontrados simultaneamente na Pessoa Suprema (*Bhagavan*), o que não é possível jamais numa pessoa limitada (*jiva*).

Para os seguidores dos *Vedas*, a esperança de liberar-se do mundo material não significa esquecer as atividades terrenas, mas concentrar-se primeiramente em objetivos espirituais. Deste modo, para elevar-se a planos superiores, as pessoas teriam que purificar-se através da prática de diversas austeridades, regras e regulações. No caso dos *vaishnavas*, este caminho é a “*bhakti yoga*” (serviço devocional) e, em termos práticos é a meditação completa na Pessoa Suprema.<sup>42</sup>

Segundo o *Bhagavad-gita*, a visão de um verdadeiro ser auto-realizado, está no perceber todos os seres vivos de uma mesma forma, sem a distinção dada pela sua aparência externa. Assim, encontramos num dos versos do *Bhagavad-gita* esta frase que sintetiza clara-

---

<sup>41</sup> O termo *karma* é encontrado em diferentes capítulos do *Bhagavad-gita*: Bg.intro-10,11,25; 2.50, 51; 8.3; 9.2; 14.3.

<sup>42</sup> Este conceito será explicado no capítulo 3. Vide glossário.

mente o que é considerado um estado mental de um homem avançado espiritualmente:

*“Os sábios humildes, em virtude do conhecimento verdadeiro, vêem com a mesma visão um brahmana erudito e cortes, uma vaca, um elefante, um cachorro e um comedor de cachorro (pária)”. (Bg 5.18)*

Podemos encontrar no *Bhagavad-gita* outros versos que dão conta desta mesma idéia, que condensa uma visão que enfatiza a relação simbiótica entre todos os seres vivos. A diferença do panteísmo deixa-se claro que a entidade viva é simultaneamente igual e diferente da Personalidade Suprema<sup>43</sup>. Isto é, Deus existe como pessoa independente de sua criação. A noção de unidade e individualidade é um conceito chave na filosofia *Vaishnava*.

No paradigma védico existe uma compreensão da matéria e da alma diferente ao conceito cartesiano, que separa corpo de espírito através de um enfoque analítico. Nos *Vedas* dá-se ênfase ao relacionamento que existe entre Deus, e a sua criação, sendo esta última a energia ou expansão da divindade. Numa visão *vaishnava* não existe uma separação entre Deus, ser humano e natureza, pois tanto o ser humano quanto a natureza são energia de Deus, e portanto, sagrados.

*“Esta filosofia apresenta o princípio de que somos simultaneamente iguais e diferentes de Deus. Assim, quando a alma individual se ajusta com a Divindade, a natureza material vem em sua ajuda, pois ambas foram feitas para o serviço de sua fonte, a Divindade”.*<sup>44</sup>

Nesta compreensão, um ser verdadeiramente espiritual não faz distinção entre os diferentes corpos que envolvem a alma, que é o verdadeiro ser que habita a matéria. Tampouco explora a matéria morta, pois esta é parte da criação cósmica, que tem o objetivo de servir a

---

<sup>43</sup> O Panteísmo identifica a Deus com o mundo. Limita-se à adoração da natureza, vendo a Deus em tudo quanto existe.

<sup>44</sup> Revista Veda. *Loka Saksi*. “O Espírito da Natureza”. Visão Contemporânea da Milenar Cultura Védica. BBT. Pinda<sup>a</sup>, 1996.p.11

Divindade. *“Uma pessoa que sempre vê todas as entidades vivas como centelhas espirituais, iguais ao Senhor em qualidade, torna-se um verdadeiro conhecedor das coisas” (Sri Ishopanishad, mantra 7)*

## 2. Um nexu entre duas concepções de sociedade e natureza: a espiritualidade oriental e o ecologismo ocidental.

### 2.1. Algumas concepções críticas sobre a sociedade moderna e antropocêntrica.

#### 2.1.1. Antecedentes sobre a racionalidade ocidental na época moderna

Na evolução do pensamento ocidental, muitos cientistas têm colocado a questão religiosa ou espiritual como uma etapa ultrapassada pelos avanços científicos. É o claro exemplo do positivismo liderado por Comte, assim como a tradição Cartesiana. Porém, o tema da transcendência não está limitado ao âmbito do mundo oriental. Através do tempo, sempre tem estado presentes na história humana questionamentos e explicações metafísicas em pensadores antigos como Pitágoras, Sócrates, e Platão, e contemporâneos como Giordano Bruno, Voltaire, Franklin, Goethe, Emerson, Thoreau, Tolstoi, Gauguin, Hesse, Huxley, entre outros.

A ciência moderna, apesar de ser reconhecida pelos próprios cientistas como um conhecimento parcial e falível teoricamente, na prática é aceita como conhecimento absoluto e, capaz de explicar e, inclusive resolver os males que a humanidade experimenta. Um exemplo claro é a teoria da evolução - que sabemos é uma “teoria” - mas é aceita pela sociedade como a única explicação cosmogônica, sendo reconhecida como “científica” e, portanto, absoluta. Contudo a ciência moderna como escreve Crema: *“fundamenta-se nos clássicos cinco sentidos, no raciocínio lógico indutivo e dedutivo, na atitude-tentativa de descobrir ordem e uniformidade, na busca de relações ordenais causais entre os eventos, na previsibilidade,(e na) regularidade e controle...”*.(Crema, 1994: p.29).

Segundo a epistemologia védica, este tipo de ciência basicamente é *pratiyaksa* (percepção sensorial empírica) e *anumana* (teorias baseadas na evidencia). Podemos perceber que estes dois métodos não são completamente neutros nem objetivos, pois estão contaminados pela ideologia do pesquisador ou pelas quatro limitações humanas descritas no capítulo anterior.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Vide 1.2.3. onde se descrevem as quatro limitações humanas segundo a metodologia védica.

A concepção cartesiana tem uma influencia profunda na maneira de pensar o mundo, que está na base da revolução tecnológica e científica do Ocidente nos últimos séculos. Este antagonismo entre natureza e ser humano aprofunda-se cada vez mais, através do processo de artificialização que a sociedade industrial vai gerando. Este processo podemos vê-lo no campo da produção, da medicina, da agricultura, da tecnologia, do planejamento do espaço, etc., dando uma particularidade especial a este tipo de desenvolvimento. Em síntese esta concepção de mundo possui uma percepção particular por todo o que não seja humano, considerando-o alheio. *“A oposição homem-natureza encontrou... sua formulação máxima na filosofia cartesiana, que colocava o homem como sujeito e a natureza como objeto”.*(Vieira, 1990: p.16)

Segundo Crema, a crise planetária, *“multidimensional em sua abrangência, pode ser traduzida como uma crise de fragmentação, atomização e desvinculação”.*(Crema, 1994: p.22) Esta situação pode ser entendida como produto do paradigma mecanicista cartesiano-newtoniano, que tem condicionado a forma de conceber e experimentar a realidade, tanto social quanto natural. Um exemplo clássico que podemos citar é o conceito de progresso. Numa acepção moderna, este corresponde à idéia de evolução, isto é, de avanço linear através da história e, como resultado deste, a consecução de bens materiais, a produção tecnológica a grande escala e diversos confortos relacionados com o bem-estar corporal<sup>2</sup>. Contudo, este progresso seria obtido *“através de uma agressão sistemática à natureza, manipulação descontrolada de elementos químicos e irracional exploração ambiental”* (idem: p.25).

Embora as críticas feitas ao paradigma cartesiano, como promotor e catalisador da situação ecológica atual correspondam num sentido à realidade que estamos vivendo, não podemos esquecer um ponto importante. Os seguidores deste novo modelo histórico, afastaram-se do seu sentido metafísico original, quer dizer, a terceira divina substancia de Descartes: Deus.<sup>3</sup> *“Desvinculado do seu sentido metafísico original, o exitoso paradigma cartesiano-newtoniano consolidou-se ainda mais no século XVIII, quando os seus princípios passaram a ser... aplicados nas ciências sociais... com ampliada aplicação também na teoria política”.* (Crema, 1994: p.37)

---

<sup>2</sup> A preocupação pelo físico e o prazer corporal é manifestado na busca de meios sofisticados de comer, fazer sexo, defender-se e ter um lugar onde morar e dormir. É o velho tema filosófico do “ter”, mais que do “ser”.

<sup>3</sup> Os seguidores de Descartes adotaram apenas o aspecto mecânico da sua proposta filosófica, esquecendo o seu aspecto religioso.

A cerne da questão ecológica seria o paradigma da modernidade, *“que é o saber como dominação da natureza...”* (Boff, 1996: p.77) Segundo diversos autores, a igreja católica teve uma participação importante neste tipo de mentalidade, sendo cúmplice deste processo que levou à atual crise ecológica. Ela não foi o suficientemente crítica com o caminho que estava levando a ciência e, não articulou a sua própria bagagem teológica que possibilitaria uma relação de respeito e de veneração para com o criado. *“Foi sobretudo com a influencia judaica-cristã que a oposição homem-natureza, espírito-matéria, adquiriu maior expressão.”* (Vieira, 1996: p.2)

A teologia judaica-cristã serviu de moldura a partir da qual foi possível a união entre ciência e tecnologia, já que esta afirma que *“a natureza não tem outra razão de ser senão a serviço do ser humano e que, por isso, pode de ser explorada e dominada consoante bem entender o ser humano”*.(Boff, 1996: p.116)

O paradigma cartesiano criou as bases para o processo de uma análise da realidade social e ecológica de uma maneira não integrada e, afirmou as concepções antropocêntricas precedentes. *“O dualismo cartesiano, separa Deus, a Humanidade e a Natureza, isolando a natureza material de sua origem espiritual”*. (Loka Saksi Dasa, 1996: p.16)

A idéia de que apenas o ser humano tem alma, facilitou as atividades exploradoras da natureza e de qualquer ser vivo não humano. *“Desde que o homem passou a acreditar que podia ser o senhor da Terra e da Natureza, quis, conseqüentemente, dominar e destruir o que fosse desprovido de vida e alma. Quem pensa que é Deus e uno com Deus tem direito a destruir o que não é igual a ele. O dualismo cartesiano do ocidente separa Deus, Humanidade e Natureza”*. (idem: p.11)

A crítica de alguns autores contemporâneos à sociedade moderna abrange as duas grandes ideologias políticas predominantes deste século: o capitalismo e o socialismo - ambas defensoras do industrialismo e das idéias sobre “progresso”.(Nisbet, 1990) Segundo Vieira, o motivo da ausência de consciência ecológica nas ultimas décadas, é causado pelo grande debate ideológico entre capitalismo e socialismo. Contudo, ambos estão baseados na grande industria resultante da Revolução Industrial, e portanto *“tinham entre seus pontos em comum o desrespeito pela natureza e pelo meio ambiente, considerados matéria inesgotável para a exploração econômica da atividade produtiva”* (Vieira, 1990: p.15)

Outro ponto importante para destacar é o de que ambas ideologias são herdeiras do racionalismo iluminista da tradição ocidental que sempre considerou a natureza como um objeto a disposição do ser humano, para que este a subjugasse. *“Tanto no socialismo quanto no capitalismo se corroeu a base da riqueza que é sempre a terra com seus recursos e o trabalho humano. Hoje a terra se encontra em fase avançada de exaustão..., por causa da revolução tecnológica, da informatização e da robotização...”* (Boff, 1996: p. 25)

Neste contexto, os grandes vilões presentes em todas as críticas à sociedade contemporânea, são os principais fundadores de nosso paradigma moderno: Galilei, Descartes, Bacon, Newton. Contudo, o importante neste tema é identificar o tipo de mentalidade prevalecente nessa época, que gerou um tipo de prática e comportamento social e individual. Os Vedas explicam que a causa deste tipo de racionalidade é próprio desta era de *Kali*, e não consequência de determinados pensadores ou condições infraestruturais. Por este motivo existe a tendência à cobiça, à ira e à luxúria, que orientaria as atividades dos humanos em busca de poder, fama e de bens materiais. Descartes ensinava que a intervenção na natureza é para fazer-nos mestre e possuidor dela; Bacon dizia que devemos subjugar a natureza, pressioná-la para nos entregar seus segredos, amarrá-la a nosso serviço e fazê-la nossa escrava.<sup>4</sup>

#### 2.1.2. Uma visão antropocêntrica: um tipo específico de relação com a natureza.

Diversos filósofos, psicólogos e sociólogos caracterizam a sociedade ocidental como individualista, racionalista e hedonista, tanto pelas condutas, atitudes e hábitos quanto pelas metas desejáveis na sua existência. Poder-se-ia dizer que estamos frente a uma ética particular, que estaria definindo a articulação da sociedade e a maneira em que o ser humano percebe e manipula o natural, sentindo-se no pináculo da evolução. (A.J. Young; Mc Elhone, 1989)

De acordo com diversos autores, a ética da sociedade hoje dominante é utilitarista e antropocêntrica. *“Acredita que o ser humano... é a coroa do processo evolutivo e o centro do universo”*. (Boff, 1996:p23). Alejandro Rojas assinala que a humanidade deve superar o princípio cardinal organizador da civilização industrial, da modernidade e suas instituições

---

<sup>4</sup> Citado por Moltmann. Doutrina Ecológica da Criação: Deus na Criação. Petrópolis: Vozes, 1993. p. 51.

culturais, isto é, deve rejeitar a idéia de que o ser humano localiza-se no pináculo da evolução da natureza para poder encontrar uma saída à crise ecológica.

Segundo Vandana Shiva, o “sistema dominante” (“ocidental”, “moderno”, “racional”) é também um sistema local, com sua base social numa cultura particular, classe e gênero. Assim, o Ocidente seria uma tradição local estendida ao mundo, através da colonização intelectual. Esta concepção *“primeiro habita na mente e depois é transferida a outras áreas da vida humana, gerando modelos de produção que destroem a diversidade e legitimam a esta como progresso, crescimento e melhoramento”* (Shiva, 1993: p.7). Como uma metáfora ela coloca que a “monocultura da mente” faz desaparecer a diversidade da percepção, e conseqüentemente do mundo e, portanto, a desapareição de alternativas.

Esta visão de mundo, embora aceita universalmente, data de apenas alguns séculos. (Russell, 1982) *“Ela surgiu com a Revolução industrial, e veio a contrapor-se ao modelo eclesiástico da Idade média, no qual a fonte do conhecimento eram os ensinamentos religiosos - e não ciência - e para o qual Deus era o árbitro supremo”* (Russell, 1982: p.155)

Segundo Rojas, a conduta baseada na cosmologia antropocêntrica é coerente com os estilos ocidentais de desenvolvimento do pensamento e da vida sócio-econômica. Esta visão *“percebe a natureza como mercadoria, e o ser humano como reitor ou agente condutor, baseando-se no argumento do ‘direito humano’ ao total acesso dela para propósitos inteiramente humanos”*.(Rojas, 1993: p.99) Segundo o mesmo autor, a natureza intervém não só subministrando os recursos sobre os quais a sociedade humana construi-se, senão que também, proporciona todas as outras relações sobre as quais forma-se a identidade do ser humano e o significado da vida.

Para Capra, as últimas décadas deste século vem registrando um estado de profunda crise mundial, que é complexa e multidimensional, cujas facetas afetam todos os aspectos da vida: a saúde e o modo de vida, a qualidade do meio ambiente e das relações sociais, da economia, tecnologia e política.

*“É uma crise de dimensões intelectuais, morais e espirituais;  
uma crise de escala e premência sem precedentes em toda  
a história da humanidade. Pela primeira vez, temos que nos*

*defrontar com a real ameaça de extinção da raça humana e toda a vida no planeta” (Capra, 1982: p.19)*

Esta forma de se relacionar - entre seres humanos e não humanos - teria um desenvolvimento especialmente negativo com o aparecimento do industrialismo e a época que conhecemos como modernidade. *“A partir do século XVI, com o advento da civilização industrial e comercial, (o saque da natureza) constituiu-se em um projeto de exploração sistemático da natureza a partir de posições de poder”.* (Boff, 1996: p.30)

Vários autores consideram que a associação entre técnica e ciência criou a base de eficácia e de força ao projeto “imperial” de modernidade. A “tecnociência” seria a criadora de *“uma estreita associação a serviço da vontade obsessiva de poder- dominação. Ela constitui a nossa epocalidade e a singularidade do modo de ser do homem atual, primeiramente ocidental e depois mundial... marcando... todas as demais instancias civilizacionais”.* (Boff, 1996: p.116)

A maioria dos autores destaca que a crise atual é do paradigma dominante, do modelo de relações, e do sentido de viver preponderante, dirigido por metas de progresso, prosperidade, crescimento ilimitado de bens materiais e de serviços. *“A gravidade da crise moderna consiste de seu caráter estrutural e intrínseco”.*(Boff, 1996: p.32)

Segundo Russell, o verdadeiro problema da sociedade contemporânea, não está nas dificuldades materiais que o mundo externo impõe, mas nas limitações da própria mente. Esta classe de argumento está presente em reflexões feitas por muitos ecologistas que acreditam que o motivo da crise atual é o tipo de mentalidade individual e social, e o estado de consciência. *“A visão de mundo hoje predominante é a do ser humano que domina e manipula a natureza... e é intrinsecamente agressiva e nacionalista, cujas metas principais são produtividade, progresso material e eficiência, e crescimento econômico”* (Russell, 1996: p.154) O meio de alcançar estes ideais seria através da ciência, vista como a maneira suprema de chegar ao conhecimento.

De acordo com Tagore *“o Ocidente parece ter orgulho de imaginar que está subjugando a natureza; como se estivéssemos vivendo num mundo hostil e precisássemos arrancar tudo o que desejamos de uma relutante e estranha ordem de coisas. Tal sentimento é produzido pelo*

*hábito e treino da mente da cidade amuralhada.*<sup>5</sup>... Na vida citadina o homem naturalmente dirige a luz concentrada da sua visão mental para sua própria vida e obras, e isso cria uma dissociação artificial entre o homem e a natureza Universal em cujo seio ele vive” (Tagore, 1994: p.15)

Este mesmo autor afirma que no mundo ocidental o sentimento que prevalece é o de que a natureza pertence exclusivamente às coisas inanimadas e às feras, e de que existe uma ruptura total e intransponível em que a natureza humana se inicia. Como consequência desta idéia considera-se que tudo o que está embaixo na escala dos seres humanos é somente natureza, e tudo o que traz a marca da perfeição intelectual ou moral é natureza humana. Podemos observar que esta visão acredita na existência de uma separação entre as diferentes entidades vivas que habitam a biosfera. Pretende mostrar que o próprio ser humano não é um integrante mais da natureza e, que não forma parte da criação material.

*“A moderna civilização do Ocidente, por meio de todos os seus esforços organizados, procura produzir homens perfeitos e eficazes dos pontos de vista físico, intelectual moral. Nela as imensas energias das nações são empregadas para estender o poder do homem sobre aquilo que o cerca...”* (Tagore, 1994: p.21) Nesta perspectiva podemos observar que a característica principal desta sociedade é a meta da conquista, sem hesitar em meios para alcançá-la, tanto para lutar contra a natureza quanto contra outras raças ou povos.

Os autores mais místicos envolvidos na temática ambiental ou os seguidores da perspectiva biocêntrica afirmam que no fundo a crise ambiental é espiritual. *“A desintegração do planeta está diretamente relacionada á desintegração da personalidade humana, que já levou também a uma desintegração da ordem social”* (Loka, Saksi, 1996: p.19) Basicamente, a crise ecológica estaria vinculada à perda de valores e práticas coerentes com as leis naturais e divinas.

Com base nos autores mencionados anteriormente, poder-se-ia afirmar que a sociedade moderna orienta-se ao bem-estar material, compreendido em termos principalmente quantitativos, valorizando a renda per cápita, a maior possibilidade de consumo, a tecnologia

---

<sup>5</sup> Tagore faz a metáfora de cidade amuralhada referendo-se às civilizações ocidentais que colocaram fronteiras artificiais para dividir seu território. Ao contrario, na Índia não houve esse tipo de construções que mostram uma classe de mentalidade específica.

altamente sofisticada sendo, em termos gerais orientada a objetivos especificamente materiais (principalmente econômicos). Isto corresponde fundamentalmente a uma concepção ocidental dos objetivos e metas que deveria alcançar a humanidade, relacionada com o conceito de “moderno” e a noção de “progresso”. (Rojas, 1983).

Em contraponto à ampla concepção hegemônica (industrial e secular), existem diversas concepções de mundo que seguem outro tipo de racionalidade e, portanto, perseguem outras metas. De acordo com os ecologistas de tendências mais radicais, o conflito gera-se pela nossa separação da natureza e a perda do sentido do sagrado, e pelo reducionismo implícito. Segundo a literatura Védica, uma mentalidade instrumental é própria de uma filosofia sem Deus, centralizada em princípios relativistas e parciais. Assim, os mestres *vaishnavas* afirmam que quanto mais sofisticada é uma sociedade, mais materialista ela é, por ser baseada em valores distantes do pensamento e da prática espiritual. Deste ponto de vista propõe-se que a sociedade moderna, ao estar orientada principalmente em função de fins econômicos, destina toda a sua energia - tanto corporal quanto mental - à consecução de bens materiais (grosseiros ou sutis)<sup>6</sup> em detrimento do concentrar o seu esforço para conseguir liberação.<sup>7</sup>

Dentro do pensamento védico são explicados quatro processos considerados presentes em toda sociedade humana: *dharma* (religião, dever), *artha* (desenvolvimento econômico), *kama* (gozo dos sentidos) e *moksha* (libertação). Das quatro atividades, *moksha* é julgada a mais importante nas culturas que seguem metas espirituais. Este processo torna-se atraente quando a sociedade percebe qualquer outro prazer como temporário e desnecessário. (*Satsvarupa das Goswami*, 1994) Nesta compreensão a sociedade ocidental estaria orientada fundamentalmente para *artha* e *kama*, e em alguma medida *dharma*, excluindo *moksha* dentro das suas prioridades. Geralmente esta preocupação – a salvação - apenas aparece ao final da vida quando o corpo físico e a mente estão parcial ou totalmente deteriorados e, a possibilidade de treinamento em assuntos espirituais é difícil ou inexistente.

Uma visão compartilhada pela maioria dos críticos da sociedade moderna é considerar que as raízes da crise ecológica encontram-se na modernidade, caracterizada pelo

---

<sup>6</sup> Os elementos grosseiros são a terra, água, fogo, ar e éter. Os bens materiais desse tipo estão formados por esses princípios e, estão relacionados com os cinco sentidos. O aspecto sutil corresponde à mente, inteligência e falso ego, e, portanto, os bens materiais desse tipo são o prestígio, a fama, o poder, o status, etc. Encontram-se relacionados num nível psicológico.

<sup>7</sup> Sair do ciclo de nascimentos e mortes.

antropocentrismo e o industrialismo, e a ênfase colocada em conceitos chaves como crescimento econômico ilimitado e progresso. Todos estes termos aparecem no contexto de uma análise da relação homem e natureza.

Em síntese, de acordo a vários pensadores contemporâneos, a modernidade é marcada por três elementos principais: o antropocentrismo, o sentido pragmático-utilitarista do pensamento cartesiano, e a oposição do sujeito em relação ao objeto, que neste caso é a natureza. No ambiente ideológico dos últimos séculos o sagrado perde força e sentido e, começamos a viver um processo de dessacralização dos seres orgânicos (*para prakriti*) e da matéria inorgânica (*apara prakriti*).

## 2.2. Uma aproximação além do antropocentrismo moderno: o biocentrismo moderno

Poderíamos pensar que certos aspectos das escrituras védicas aproximam-se de uma visão ocidental do ecologismo, especialmente na sua linha biocêntrica, como uma forma de abordar a temática ambiental referente ao vínculo entre a sociedade e a natureza. Alguns autores afirmam que existe uma intenção no Ocidente, por parte de algumas tendências atuais do ambientalismo, de integrar esferas de relações que a sociedade moderna separou como a economia, política, ética e filosofia. (Leis, 1996; Viola, 1996).

Esta afirmação permitiria pensar numa aproximação e convergência de mentalidades entre culturas consideradas opostas (Oriente-Occidente), fundamentalmente provocada pelo fracasso da experiência moderna a nível da ética e os grandes problemas ecológicos gerados por uma visão marcada pelo utilitarismo e o pragmatismo. Segundo Leis, *"existe hoje abundante pesquisa empírica que mostra a aparição gradual e ampliada de novos valores que transcendem a orientação para as necessidades humanas básicas, própria de valores tradicionais (... chamados materialistas), em direção a valores ecológicos... e pós materialistas"*.(Leis, 1996: p.115)

Poderíamos supor que a incorporação da dimensão ética no interior da problemática ecológica -no confronto entre as várias concepções -, significa uma mudança relevante para qualquer tentativa de solução dos atuais problemas ambientais, orientada a um resgate de valores relativizados no mundo moderno. O fato de *"que os conteúdos específicos da ética e da*

*religião sejam diferentes daqueles da política, não autoriza a supor necessariamente que devam ser percebidos como excludentes entre si” (Leis, 1996: p.82)*

### 2.2.1. Antropocentrismo e biocentrismo

Dentro do mundo ocidental, de maneira simplificada, podem-se encontrar dois grandes paradigmas básicos: o biocentrismo e o antropocentrismo, que sintetizam algumas outras posturas existentes para a compreensão da problemática ecológica. (O’Riordan, 1991) Contudo, tem-se desenvolvido outras propostas que abrangem um espectro mais amplo e complexo deste tópico, acrescentando novas variáveis que refletem a percepção do mundo e da vida. Nos anos 50 e 60 predominam as posições mais polarizadas e dicotômicas, como as mencionadas, basicamente com uma postura de tipo mais maniqueísta. Deste modo, dentro de ambas posições (antropocentrismo e biocentrismo) encontramos uma gama de diversas linhas de pensamento que dão ênfase a um determinado assunto ou a um conjunto destes relacionados com a definição do problema e os meios para superá-lo. Dependendo do autor encontraremos diferentes classificações e enfoques para explicar e definir a questão ambiental, e também para entender conceitos como ambientalismo e ecologismo.

Leis propõe um esquema interpretativo que dá conta das diferentes correntes dentro da questão ambiental, que expressam as relações dos seres humanos com a sociedade e com a natureza. Esta matriz cruza o antropocentrismo e biocentrismo com os princípios de comunitarismo e individualismo, dando quatro alternativas dentro deste quadro. No centro do esquema aparece a síntese dos quatro cruzamentos anteriores, que corresponde à visão mais completa e abrangente em relação às anteriores. Em cada um dos cruzamentos encontramos diferentes concepções de mundo, valores e práticas que caracterizam sua ideologia. Contudo, interessa-nos resgatar o conteúdo das correntes do biocentrismo, que em grande medida participaram intensamente nas denúncias sobre agressões ao meio ambiente e chamaram a atenção pública para questões ambientais. (Leis, 1996) Porém, a sua relevância fundamental é a presença da questão ética como eixo essencial da sua filosofia, e não como mais uma variável na sua proposta.

### 2.2.2. Algumas interpretações sobre o ambientalismo

Existem várias formas de definir ambientalismo, de acordo a cada autor ou ao momento histórico em que foi elaborado o enfoque. Bookchin faz uma distinção entre ambientalismo e ecologismo, assinalando que existe uma proposta notoriamente diferente entre ambas

tendências. O ambientalismo é entendido como uma tendência dirigida a gerar mudanças - principalmente tecnológicas ou relacionadas com uma melhor administração dos recursos - dentro do mesmo sistema sócio-econômico para que este possa continuar funcionando. *“Los ambientalistas no cuestionan la más básica premisa de la sociedad contemporánea: que la humanidad debe dominar la naturaleza; mas bien trata de favorecer tal noción mediante el desarrollo de técnicas que reduzcan los riesgos ocasionados por la irreflexiva explotación del ambiente”*(Bookchin, 1978: p.86)

Segundo o autor, o ambientalismo se resumiria ao desenvolvimento de novas tecnologias, a uma maior informação sobre a problemática ambiental à população, a pesquisas sobre os impactos de atividades humanas sobre o entorno, a novas fontes de energia e, a uma administração adequada e racional dos recursos naturais. A característica psicológica que definiria esta postura seria a atitude hierárquica do ser humano em frente dos outros seres vivos, considerando-se acima destes e fora da natureza. Esta visão criaria uma distancia fictícia entre ambos e, portanto, uma separação entre os diferentes seres vivos.

O mesmo autor assinala que uma visão ecologista - a diferença do ambientalismo - é essencialmente holística, não hierárquica e biocêntrica. Ela está interessada pelas inter-relações complexas, enfatiza a criação de comunidades e, a organização da sociedade a “escala humana”. Esta idéia propõe que em frente da crise ambiental as transformações implicam uma reestruturação radical da sociedade segundo princípios ecológicos. O ser humano é entendido como parte da natureza e deveria estar submetido a suas leis, respeitando os seus ciclos naturais, e adaptando-se a esta. (Bookchin, 1978)

O Ambientalismo - definido por Viola (1996) como movimento social e histórico - assume que o atual modelo de desenvolvimento é insustentável a médio ou longo prazo, e que as transformações necessárias supõem um movimento multissetorial e global capaz de mudar os principais eixos civilizatórios da sociedade contemporânea.<sup>8</sup> Este enfoque poderia ser um veículo ou nexos entre concepções espirituais orientais e visões ecologistas no contexto da sociedade ocidental. Neste caso interessa-nos especificamente estabelecer um vínculo entre a

---

<sup>8</sup> O setor multissetorial na questão ambiental corresponderia: aos movimentos e organizações não-governamentais; agências estatais; organizações e movimentos sociais diversos; os grupos e instituições científicas; empresários.

concepção *vaishnava*, tal como praticada pelo movimento *Hare Krishna*, e as visões biocêntricas do ambientalismo.

No enfoque proposto como movimento social e histórico o ambientalismo é entendido como um “movimento vital”, quer dizer, transsocial e transpolítico que transcende as limitações dos partidos políticos e de grupos de classe, racial ou de gênero. A essência deste tipo de movimento consiste em desenvolver-se na forma de um feixe de correntes sinérgicas que correm em diversas direções, e que compõem um quadro de grande riqueza cultural e força histórica. (Leis, 1996)

De acordo com alguns autores, a crise ambiental não tem alternativas realistas fora de um ambientalismo baseado em uma ética complexa e multidimensional que recupere o sentido de fraternidade, e o sentido espiritual da vida social e natural. A compreensão de que a relação homem-natureza é um ponto central da problemática ética deve ser assumida como um dos maiores progressos da história intelectual do Ocidente nas últimas décadas. (Nash, 1987)<sup>9</sup> “*O surgimento de uma ética ecológica representa uma expansão e recuperação dramática da condição moral universal da humanidade*”. (Leis, 1996: p.120)

Evidentemente as críticas do ecologismo estão orientadas ao sistema na sua totalidade, tanto em seus meios quanto em seus fins. Neste contexto não existe um acordo nem possibilidade de uma mudança desde dentro da sociedade. A grosso modo essa é uma das diferenças significativas e determinantes na visão do ambientalismo, por um lado, e das correntes mais radicais do ecologismo, por outro. Esta definição apresenta em termos gerais, a separação que existe entre os diferentes grupos que reprovam o tipo de desenvolvimento atual, embora hajam matizes significativos na enorme variedade de enfoques.

De acordo com Skolimowski, o movimento ecologista tem triunfado ao conseguir mostrar os aspectos negativos do atual paradigma sócio-econômico, ou seja, de toda a civilização ocidental (“materialista” e “devastadora”). Porém falta criar ainda uma nova consciência que altere a nossa visão e as relações com o mundo. Para realmente gerar um novo estilo de vida, deveriam considerar-se invariavelmente quatro fatores que permitam superar a crise ecológica. “*De no considerar cuatro cosas: valores, teologia, conocimiento y tecnologia, el movimiento*

---

<sup>9</sup> Citado por H. Leis no livro “Labirinto: ensaios sobre ambientalismo e globalização”. p120.

*ecologista estará condenado a una frustrante ineffectividad*".<sup>10</sup> A teologia não é considerada como um assunto do passado, mas um aspecto relevante com uma forte presença na atualidade, tanto negativa como positivamente.

Vários autores julgam a variável teológica como um elemento importante na questão ambiental, que gradativamente tem sido incorporada ao discurso ecológico. Algumas tendências dentro do ecologismo não a consideram apenas necessária, mas essencial à própria cosmologia. O aparecimento de um setor religioso ou espiritualizado dentro do ambientalismo pareceria ser uma necessidade interna do próprio movimento. Segundo Leis, um ambientalismo extremamente laico *"não tem condições de perceber as causas profundas da crise ambiental, nem de avaliar sua gravidade"*. (Leis, 1996: p.120)

Dentro desta linha de pensamento, considera-se uma necessidade imediata o ingresso de um setor comprometido com valores espirituais que possa se somar aos atores já existentes no ambientalismo multissetorial. Este grupo funcionaria como um equilíbrio interno entre as diferentes posições dos atores dentro do ambientalismo. Este processo *"contribuirá decisivamente para estruturar e funcionalizar sinergicamente a crescente complexidade e multidimensionalidade do ambientalismo"* (Leis, 1996: p.115). Considera-se um imperativo a presença significativa de valores e de práticas espirituais, para que desta forma possam interagir fortemente com os elementos restantes do universo ambientalista.

A proposta multissetorial na questão ambiental parece uma tentativa muito interessante, embora, as possibilidades desde dentro da sociedade pareçam muito complexas e polêmicas, dada a diversidade de interesses e de posturas ideológicas presentes entre os diferentes participantes. Esta concepção do ambientalismo baseia-se na idéia de uma mudança desde, e dentro do sistema industrial e secular - tão criticado pelos ecologistas - com a participação de diferentes setores da sociedade. Parece difícil pensar numa articulação programática que contenha setores de tão diferentes áreas da sociedade, pois a concepção de mundo defere notoriamente e muitas vezes os interesses e as aspirações são contrapostas.

O relevante neste contexto é definir a orientação das tendências ecologistas mais próximas a uma visão védica, e também identificar certas semelhanças e pontos de encontro

---

<sup>10</sup> Skolimowski. Reexaminando el Movimiento Ecologista. Promundo Internacional. Documento de Trabajo N 2.Set-oct, 1987.p. 5.

entre esses dois enfoques. A conotação de sagrado outorgado à natureza permite um vínculo significativo entre ambas concepções, que definem um estilo de desenvolvimento material semelhante, apesar das diferenças a respeito do conceito de Deus.

### 2.2.3. A origem e algumas características do biocentrismo moderno.

As fontes mais importantes do moderno biocentrismo (ou ética holística)<sup>11</sup> são os trabalhos de Aldo Leopold, considerados os “escritos sagrados” do movimento conservacionista norte-americano.<sup>12</sup> Outro nome destacado neste contexto é Rachel Carson, que impactou o mundo com seu livro “Silent Spring” (Primavera Silenciosa), um clássico na história do movimento ecologista mundial (1962). Podemos identificar também em outros autores e em diferentes textos ocidentais, uma tendência a incluir aspectos éticos e/ou inclusive espirituais para analisar e explicar a temática ecológica. É o caso de diferentes autores como S. Ilich (ecologismo radical), Naess (ecologia profunda), F. Schumacher, T. Chardin, entre outros como os precursores da cosmologia biocêntrica, e críticos da sociedade industrial.

Todos estes questionamentos foram sistematizados no ano de 1968, quando um grupo de especialistas de várias áreas do conhecimento reúnem-se em Roma para discutir a crise atual e futura da humanidade, fundando-se assim o “Clube de Roma”. No ano 1972 foi publicado o relatório deste agrupamento, denominado “Os limites do Crescimento” que provocou grande polêmica no contexto internacional. (Rojas, 1994) Os resultados das pesquisas despertaram a atenção de diversos círculos governamentais até então indiferentes, proporcionando informação sobre as conseqüências de determinadas atividades humanas sobre o meio ambiente, isto é, o estilo de desenvolvimento econômico. A ênfase deste documento foi colocada no contexto da crise do petróleo, na natureza finita dos recursos energéticos e nos problemas decorrentes da explosão demográfica.

Encontramos uma idéia muito próxima ao enfoque biocêntrico num texto escrito por H. Marcuse: *“Em vez de tratar a natureza como objeto passivo de uma possível manipulação técnica, podemos dirigir-nos a ela como um parceiro numa possível interação. Em vez de uma natureza explorada podemos ir em busca da natureza fraterna. Ao nível de uma intersubjetividade ainda incompleta, podemos atribuir a subjetividade aos animais, às plantas e*

---

<sup>11</sup> Muitos autores ecologistas utilizam este termo, considerando-o como uma noção implícita na definição desde uma posição biocêntrica.

<sup>12</sup> Um dos seus trabalhos mais importantes é “A Escravidão da Terra”, 1949.

*até mesmo às pedras e comunicar-nos coma natureza, em vez de nos limitarmos a trabalhá-la, quebrando a comunicação.”<sup>13</sup>*

Os expoentes da visão biocêntrica afirmam que esta define de outro modo o lugar do homem na ordem espacial, sendo considerado um membro a mais da natureza. (Rojas, 1993; Capra, 1988; Leopold, 1949) Tal postura transcende as concepções que reduzem a biosfera à dimensão de sua utilidade para o ser humano. Reconhece na natureza um valor intrínseco, onde a vida não começa nem acaba com o homem, propondo que, em grande parte, as leis ecológicas são as que deveriam ditar a moral humana. (Rojas, 1993). A idéia essencial - o valor inerente em todo ser vivo - permite uma aproximação importante na compreensão da natureza, presente tanto no biocentrismo quanto na concepção védica, que levanta a questão do “direito natural”, nos humanos e os não humanos.

Em sua forma atual o biocentrismo - fundamentalmente na perspectiva da “Ecologia Profunda” - é um esforço para sintetizar atitudes filosóficas antigas (e algumas novas) a respeito da relação entre a natureza e a atividade humana, com especial ênfase sobre os aspectos éticos, sociais e espirituais, subestimados e ignorados pela concepção econômica do modelo dominante (Nash, 1989). Baseia-se ecleticamente em diversas escolas de pensamento, gerando diferentes tendências dentro da mesma concepção. Este interesse na busca de conhecimento oriental-espiritual tem a ver, em grande medida, com a necessidade provocada, por um lado, pela grave crise ambiental - como detonante e catalisadora - assim como também pela insatisfação vivenciada num sistema orientado a metas principalmente materialistas. (Capra, 1982)

#### 2.2.4. A Ecologia Profunda: uma visão sagrada da natureza

Dentro da linha biocêntrica, Bill Devall, um dos teóricos da *Deep Ecology* (Ecologia Profunda) propõe que existem duas grandes correntes ecologistas na segunda metade do século XX. A primeira seria reformista, e apenas tentaria diminuir o impacto ambiental ou modificar práticas poluentes. A segunda corrente compartilha vários objetivos dos reformistas, mas seria revolucionária. *“visa uma epistemologia, uma metafísica e uma cosmologia novas, assim como uma nova ética ambiental da relação pessoa/planeta”* (Ferry, 1994: p.96)

---

<sup>13</sup> Brandão cita este parágrafo no artigo “Outros Afetos, Outros Olhares, Outras Idéias, Outras Relações, do livro “A Questão Ambiental: cenário de pesquisa”. Textos NEPAM. Série “Divulgação Acadêmica” n.3. Campinas, 1995. p.19.

Segundo este mesmo autor o objetivo primordial da ecologia profunda, em contraste com o ambientalismo de tipo reformista, é questionar os modelos de pensamento convencionais no Ocidente moderno e propor uma alternativa para eles. Afirma que *“não é simplesmente um movimento social pragmático, orientado para o curto prazo, com a finalidade de sustar o uso da energia nuclear ou de purificar os cursos d’ água”*. (Ferry, 1994: p.105).

De acordo com os teóricos da ecologia profunda, os responsáveis pelo atual estado do mundo são:

*“a tradição judaico-cristã, porque coloca o espírito e sua lei acima da natureza; o dualismo platônico, pela mesma razão; a concepção tecnicista da ciência que se impõe na Europa a partir de século XVII com Bacon e Descartes, porque reduz o universo a um estoque de objetos para os fins do homem; e o mundo industrial moderno como um todo, que confere à economia o primado sobre toda e qualquer consideração.”*  
(Ferry, 1994: p.106)

A relevância dada às tradições culturais orientais na formação de uma ética ecológica é muito determinante. Geralmente os seguidores do biocentrismo consideram que o budismo é o estilo de vida mais próximo a uma sociedade ecológica, fundamentalmente pela sua orientação pacifista e por sua ênfase no princípio da compaixão como guia para agir.<sup>14</sup> O “hinduísmo” também é considerado uma inspiração para a prática ecológica, embora na sua parte mais mística e simbólica.

Segundo alguns autores, as fontes da ecologia profunda são principalmente o budismo e o xamanismo. De acordo com Ferry, as suas origens estão localizadas numa exterioridade radical em relação à civilização ocidental, principalmente no budismo Zen e, numa revalorização dos modos de vida tradicionais dos índios da América. Alguns elementos que a ecologia profunda elogia do budismo são o modo de vida meditativo, a não violência, a tolerância e, a compaixão como uma forma de se relacionar com o entorno, todas características presentes também no “hinduísmo”.

---

<sup>14</sup> O princípio de compaixão e de desapego são conceitos essenciais nesta filosofia. As noções de reencarnação e *karma* também estão presentes neste pensamento, ademais de outros termos sânscritos.

Por esta razão muitos adeptos a práticas ecologistas incorporam um estilo de vida que pratica a alimentação vegetariana, exercícios meditativos ou de relaxamento e, atividades consideradas de um menor impacto ambiental (relacionadas a um menor consumo, economia de energia, uso mínimo de tecnologia, etc.). Estas práticas são encontradas em diversas tradições orientais que se mantêm fiel apesar do passo do tempo.

*“Os seguidores da ecologia profunda estão em geral identificados com um holismo ético, baseado no valor inerente da Natureza e na igualdade das espécies dentro da comunidade biótica...”* (Leis, 1996: p.126) As críticas feitas por outras tendências ambientalistas a esta perspectiva biocêntrica, relacionam-se com a escassa importância dada à questão social e política e, a certas atitudes consideradas próximas a um anti-humanismo. *“A deep ecology expressa-se em uma clara ordem de prioridades que coloca os problemas das populações dos países pobres e, portanto, as relações da comunidade humana como um todo, muito depois dos problemas das florestas”.* (Young, 1990)

No seguinte texto, A. Naess e G. Sessions<sup>15</sup> tentaram agrupar seus principais termos e suas frases chaves que estão na base da ecologia profunda. Neste manifesto colocaremos apenas os pontos considerados mais importantes para a nossa análise: <sup>16</sup>

- O bem-estar e o pleno desenvolvimento da vida humana e não humana na terra são valores em si (intrínsecos, inerentes). Esses valores são independentes da utilidade do mundo não humano para os fins do homem.
- A riqueza e a diversidade das formas de vida contribuem para realização desses valores e são também, por consequência, valores em si.
- Os humanos não têm nenhum direito a reduzir essa riqueza e essa diversidade, salvo se for para satisfazer necessidades vitais.
- A intervenção humana no mundo não humano é atualmente excessiva e a situação degrada-se rapidamente.
- A mudança ideológica consiste principalmente no fato de valorizar a qualidade da vida (de habitar em situações de valor intrínsecas), muito mais do que em procurar incansavelmente obter um nível de vida mais elevado.

---

<sup>15</sup> Alguns dos teóricos mais importantes da ecologia profunda.

<sup>16</sup> Citado por Ferry no livro “A Nova Ordem Ecológica” p.104.

Segundo Leis, podemos encontrar outra vertente biocêntrica que, a diferença da ecologia profunda, está mais ligada ao comunitarismo. Esta corrente caracteriza-se por ser fortemente espiritualizada e utópica da ética ecológica, próxima de uma cosmovisão pré-moderna. Inscreve-se mais dentro das tradições religiosas ou filosóficas do que na ciência, porque define valores e comportamentos de uma concepção teleológica. (Leis, 1996) *“Essa vertente coloca-se claramente na contramão do processo de secularização moderno na medida em que reivindica o caráter sagrado de todos e de cada um dos seres deste mundo, e portanto a necessidade de uma total preservação de indivíduos e ecossistemas”*. (Leis, 1996: p.129)

Embora essa corrente filosófica aproxime-se mais em termos teóricos a nosso objeto de estudo, parece ser conveniente trabalhar aqui com a ecologia profunda, por ter uma presença mais concreta e observável na sociedade. A linha de pensamento biocêntrico-religioso descrita por Leis, define mais bem uma atitude ou uma postura de diferentes grupos ou pessoas que tentam viver de uma maneira alternativa à sociedade secular, que permeia diferentes agrupamentos humanos (ecologistas, pacifistas, espiritualistas).

### 2.3. Uma visão ecológica: um vínculo entre filosofia védica e ecologismo biocêntrico.

Um elemento em comum encontrado tanto na tradição védica quanto no ambientalismo biocêntrico, é a perspectiva holística, em contraposição a qualquer idéia de fragmentação. O holismo é uma concepção de mundo muito antiga, e o termo, etimologicamente falando, provém do grego *holos*, que significa “totalidade”. Este conceito também está presente nos textos védicos, explicado nas relações entre os diversos elementos da natureza como provenientes de uma mesma fonte (Deus), e possuidores de uma força vital intrínseca (alma). Basicamente é a percepção de que os seres vivos são mais que a soma das partes, defendendo que o conhecimento destas não é suficiente para a compreensão do conjunto (Crema, 1984). Segundo Capra, a consciência ecológica *“em seu nível mais profundo, é o reconhecimento intuitivo da unicidade de toda a vida, da interdependência de suas múltiplas manifestações e de seus ciclos de mudança e transformação”*. (Capra, 1988: p.55)

Pierre Weil assinala que a visão holística busca dissolver qualquer espécie de reducionismo: o cientista, o somático, o religioso, o niilista, o materialista, o racionalista, o

mecanicista, o antropocêntrico entre outros.<sup>17</sup> Este enfoque desenvolveu-se a partir de uma concepção sistêmica, nele subjacente, que considera que todos os fenômenos ou eventos se interligam e se inter-relacionam de uma forma global (Crema, 1994) A “teoria de sistemas” parece ser uma versão ocidental de uma concepção holística proveniente de antigas tradições orientais. Esta visão formava parte da cotidianidade das pessoas e, não apenas aos domínios das ciências biológicas ou humanas.<sup>18</sup>

Alguns autores propõem que uma visão ecológica exige uma visão de totalidade, que não resulta da soma das partes, mas da interdependência orgânica de tudo com tudo. Dessa maneira pode-se superar o pensamento dominante (analítico e não sintético), que é parcamente articulado com outras formas de experimentar e de conhecer a realidade. Deste ponto de vista uma consciência ecológica é holística e *“constitui uma prática e uma teoria que relaciona e inclui todos os seres entre si e com o meio ambiente, numa perspectiva do infinitamente pequeno das partículas elementares (quarks), do infinitamente grande dos espaços cósmicos... e do infinitamente misterioso do oceano ilimitado de energia primordial do qual tudo emana (... imagem de Deus)”* (Boff, 1996: p.18-19)

A base de uma visão ecológica seria a “relação”, e fora dela nada existe. Quando a ecologia reafirma a interdependência de todos os seres, relativiza todas as hierarquias e nega o direito dos mais fortes. *“Todos os seres contam e possuem sua relativa autonomia; nada é supérfluo ou marginal. Cada ser compõe um elo da imensa corrente cósmica que, na perspectiva da fé, sai de Deus e a Deus retorna”* (Boff, 1996: p.19)

De acordo com Capra, o mundo pode ser visto como uma *“teia dinâmica de relações, e todos os fenômenos naturais percebidos como estando derradeiramente interligados”*.(Capra, 1988: p.52) Deste ponto de vista, a abordagem ecológica propõe a possibilidade de compreender e agir de uma forma diferente ao atual estilo de desenvolvimento moderno, orientado fundamentalmente a fins econômicos e tecnológicos. O mesmo autor afirma que, ao integrar aspectos que vão desde a física quântica até concepções de filosofia oriental, são proporcionadas novas expectativas nas relações humanas e não humanas, orientadas a um funcionamento socio-ambiental mais harmonioso.

---

<sup>17</sup> Pierre Weil. A Neurose do Paraíso Perdido - Proposta para uma Nova Visão da Existência. Rio de Janeiro: Espaço e tempo/CEPA, 1987.

<sup>18</sup> A Teoria dos Sistemas nasce no Ocidente a partir das ciências biológicas e posteriormente foi incorporado na Sociologia, etc.

A física do século XX teve uma relevância muito significativa para uma nova visão da natureza, por causa de descobrimentos sobre universo e a matéria, abandonando muitas certezas que pareciam absolutas durante alguns séculos no Ocidente. Assim, transcendendo o modelo mecanicista, a física moderna desvelou um Universo dinâmico, interligado e sistêmico, que podemos resumir numa palavra: holístico. (Crema, 1994: p.52) Autores como Capra afirmam que as teorias e os princípios desta nova física levam uma visão de mundo internamente consistente e em perfeita harmonia com as concepções do misticismo oriental.<sup>19</sup>

Segundo o físico francês Jean Charon<sup>20</sup>, a nova física terá impacto sobre o pensamento religioso. Porém, isto será um encontro e não um choque, já que os resultados obtidos parecem ser compatíveis com a maioria das religiões e pensamentos espirituais da antigüidade milenar. *“As concepções orientais e ocidentais entraram num contato mais profundo. Hoje, alguns conceitos da nova Física, redescobriram... o que antiga filosofia oriental já conhecia há milhares de anos. Isto não significa,... que não existam pontos de vista diferentes...”* (Crema, 1994: p.53)<sup>21</sup>

*“A nova cosmologia projeta uma visão do mundo unificado mas não-hierarquizado, orgânico, holístico, feminino-masculino e espiritual”.*(Boff, 1996: p.65) De acordo com Vieira, neste momento da história humana, não somos guiados pelos antigos referenciais como Deus, a Razão, a ciência ou pelas leis da História. Estaríamos diante de um mundo de possibilidades para a criação e a abertura em direção a outras formas de organizar a sociedade. (Vieira, 1990) Tanto nas concepções teocêntricas (da tradição ocidental) quanto as antropocêntricas submeteram a natureza de acordo aos interesses apenas humanos.

Para que tenha sucesso uma nova ordem ética deveria encontrar outra centralidade, além do ser humano como referencial. Esta deveria possuir outra lógica baseada em parâmetros orientados ao bem comum, incluídos os seres não humanos. Segundo Boff, esta ética *“deve ser ecocêntrica, deve visar o equilíbrio da comunidade terrestre”* (p.35) Alguns autores destacam que este tipo de aliança deveria ser entre ser humano e natureza, mas,

---

<sup>19</sup> No seu livro “O Tao da Física: um Paralelo entre a Física Moderna e o Misticismo Oriental”, Capra descreve os diferentes cientistas que realizaram ou estão realizando trabalhos relacionados com este assunto. Entre eles: M. Planck, N. Bohr, W. Heisenberg, Chew, B. Nicolescu, etc.

<sup>20</sup> Cientista (físico) fundamentado nos trabalhos de Einstein, que formulou uma teoria unificadora focalizando a evolução do Universo. Ele esteve no Brasil no ano 1985, participando de uma Conferência organizada pela UNICAMP sobre as tradições orientais e a física moderna.

<sup>21</sup> Entrevista realizada em Brasil na revista Thot, 1985.

também, entre a mesma humanidade, enfatizando o aspecto mais social, esquecido muitas vezes no discurso ecológico mais radical.

O discurso ecológico coloca essencialmente a ênfase em uma nova ética, em uma consciência holística, e em uma mudança de mentalidade, que reflete o interesse pelos autores ocidentais de identificar o problema ecológico como uma desintegração do ser humano. O ser humano não apenas separou-se do mundo natural, como também estaria dividido internamente, preocupando-se apenas por satisfazer os desejos corporais.

Normalmente são utilizados os conceitos de “nova ética”, “nova consciência”, “nova cosmologia” para definir um tipo alternativo de sociedade constituída por valores e práticas discordantes com o modelo de desenvolvimento atual. Contudo, essas idéias correspondem a um passado longínquo, mais próximas a uma fase pré-moderna, do que a propostas modernas ou pós-modernas. Os defensores desta posição colocam este tipo de opção como um resgate de idéias e práticas passadas, porém adaptadas ao contexto atual apesar das condições adversas que a sociedade moderna oferece.

Sintetizando algumas reflexões sobre a problemática ecológica, podemos afirmar que no momento em que o ser humano percebe e aceita a crise ambiental como um problema concreto e a reconhece como não externa a ele, começa um real processo de transformação. Contudo, podemos ver na nossa própria experiência individual ou coletiva que o ser humano tem a tendência a agir em situações limites, quando a capacidade de tolerância desaparece. A possibilidade de uma ameaça de destruição da vida humana a nível planetário permitiria a *“reconciliação da razão com a natureza, a busca de uma nova ética, a superação da razão instrumental, o desenvolvimento de uma concepção orgânica homem-natureza...”* (Crema, 1994: p.57)

Para Russell, devemos abandonar uma visão de mundo com pouca sinergia em favor de uma com elevada sinergia. *“Se quisermos evitar uma catástrofe coletiva, torna-se cada vez mais nítido que algumas grandes mudanças fundamentais são necessárias...no modo como nos relacionamos...em nossas necessidades...naquilo que exigimos dos demais e do planeta.. em nossa maneira de perceber, conhecer e apreciar o mundo. ... Precisamos de uma visão holística, não-exploradora, ecologicamente coerente, pacífica, humanitária, cooperativa, global e com considerações a longo prazo...”*(Russell, 1982: p.155)

Em termos gerais, uma visão compartilhada pela maioria dos críticos ao desenvolvimento industrial e moderna, é a idéia de mudança no sistema de valores como um desafio ecológico, que abrange as condutas, atitudes, hábitos e costumes praticados por cada indivíduo. Seria uma *"ecosofia substituindo os velhos antagonismos que levam o planeta humano diretamente para seu desaparecimento"* (Vieira, 1990: p.8). Vários autores propõem uma ecologia com uma visão transversalizante, abrangendo elementos ambientais, sociais e mentais. Segundo Vieira a ecologia ambiental apenas antecipou a ecologia generalizada que impõe a reavaliação da finalidade do trabalho e das atividades humanas em função de critérios diferentes dos de rendimento e de lucro. Não é apenas o estilo de desenvolvimento econômico o centro do problema, mas também o *"monopólio da produção de sentidos e valores"*. (Vieira, 1990: p.19)

Podemos identificar outros aspectos que aproximam a concepção Védica ao ecologismo, e que possibilitam, portanto, um diálogo interessante entre pensamentos de diferentes latitudes, além da idéia de relação entre todas as entidades vivas, a importância da ética, e o conceito de totalidade.

Tanto a cultura védica quanto o biocentrismo propõem um modo de vida fundado numa estreita relação com a natureza, com ênfase na vida rural e em tecnologias menos sofisticadas. Isto implica um sistema de vida simples em termos de produção e consumo, calcado na prática da agricultura, o que estamos denominando aqui de *"cultura agrária"*.<sup>22</sup> Este estilo de vida apresenta-se como forma de organização social e econômica, em contraposição ao industrialismo, acusado como causa principal da degradação ambiental (Morrison, 1985; Nash, 1989). Neste contexto, deparamo-nos com diversos elementos inerentes a este modo particular de compreender a sociedade, que abrange a tecnologia, as relações sociais, os tipos de produção, os valores, os conceitos de desenvolvimento e o trabalho, entre outros.

Na economia *varnashrama*, a base da solução é a cultura agrária, na qual o *vaishya* (agricultor) prove o sustento básico para a sociedade a través do trabalho da terra e da proteção da vaca e do touro. *"La civilización humana debería depender de la producción de la naturaleza material, sin intentar ningún desarrollo económico artificial que conduzca al mundo hacia un caos de lujos artificiales y de complacencia de los sentidos"* (A.C. Bhaktivedanta, 1996:

---

<sup>22</sup> Este termo é utilizado na cultura védica para definir o modelo de desenvolvimento perfeito para o avanço material e espiritual.

p.41) Por outra parte, entre os temas básicos do biocentrismo encontram-se a igualdade intrínseca das bioespécies, as grandes reduções da população humana, a autonomia biorregional, a promoção da diversidade biológica e cultural, o planejamento descentralizado, as economias não orientadas para o crescimento, a tecnologia não dominante, e um maior uso dos sistemas locais de administração e tecnologia. (Colby, 1991)

Ambas posturas dão ênfase a uma baixa produção e consumo de produtos considerados não necessários para a existência humana. Nesta proposta assegura-se que este tipo de organização não significa a ausência de tecnologia ou a falta de desenvolvimento em diferentes áreas do saber humano, mas a utilização de “tecnologias apropriadas” e de baixo custo, que não provoquem efeitos negativos para o ambiente e para o ser humano, como por exemplo a ausência de máquinas sofisticadas. (A.C. *Bhaktivedanta*, 1996; Rojas, 1993)

No livro “Ecología y Supervivencia”(1995)<sup>23</sup> afirma-se que “*el obstáculo más grande para conseguir un equilibrio ecológico del medio ambiente es la visión materialista del mundo que define al individuo como una máquina bioquímica operando en un Universo sin Dios y sin alma. Desafortunadamente, esta teoría preponderante, forma la base del pensamiento científico mas moderno, conocido como reduccionismo*”.(p.48)

#### 2.4. O vedanta vaishnava e a ecologia profunda.

##### 2.4.1. Os três aspectos da filosofia vaishnava: Deus, entidade viva e natureza.

Desde uma visão *vaishnava*, qualquer manifestação material é entendida como uma expansão de Deus (*Brahman*) e, portanto, deveríamos ter uma veneração natural por ela. Esta atitude permitiria um desenvolvimento espiritual que ajudaria a progredir em direção a etapas mais sublimes de existência. “*A natureza surge do plano espiritual da liberdade, do Brahman, e a ação correta dentro da natureza reintegra a alma individual na liberdade da transcendência*” (*Loka Shaksi Das*, 1996: p.17)

Uma idéia presente em toda a literatura védica propõe que a natureza -orgânica e inorgânica - é uma manifestação de Deus e um reflexo do mundo espiritual. “*Os sábios da cultura védica viam a natureza material á luz de sua origem espiritual original: a consciência.*

---

<sup>23</sup> Livro que contem diversos artigos sobre espiritualidade e ecologia, principalmente textos escritos por A.C. *Bhaktivedanta Swami*, mestre *vaishnava* e fundador da ISKCON.

*Assim, eles tratavam as árvores, montanhas, pedras e tudo mais com grande respeito. Eles percebiam que todas as manifestações materiais eram sombras do espiritual.” (Idem: p.15)*

O objetivo dos *arianos*, mesmo no apogeu de sua prosperidade material, foi desenvolver conhecimento do Absoluto e de si mesmo, antes que qualquer tipo de progresso de outra índole. Como a natureza é compreendida como uma energia de Deus, esta deve ser tratada com veneração e utilizada para fins de subsistência ou para atividades sagradas. *“O coração da Índia sempre se voltou para trás com adoração, ao antigo ideal de uma fatigante auto-realização (e), á dignidade da vida simples no eremitério da floresta...” (Tagore, 1994: p.15)*

Na antiga Índia, o ideal de perfeição para o qual dirigiu seus esforços foi o desenvolvimento da vida contemplativa, e não do poder em termos de organização defensiva ou ofensiva. As aspirações humanas determinam a direção das suas atividades e objetivos, que correspondem à mentalidade prevalecente, materializando-se numa civilização particular. Podemos vê-las, através da sua organização social e política que existia antigamente. O *rishis*, ou homens sábios, eram os encarregados de orientar aos reis ou administradores, pois estes eram consideradas pessoas santas possuidoras de qualidades virtuosas. (Tagore, 1994: p.22)

Segundo Tagore é importante destacar que a Índia não esteve apenas centrada na especulação filosófica em sua concepção da criação, mas o “objetivo vital” era realizar a grande harmonia do cosmos no sentimento e na ação.

*“Com a meditação e o serviço, com a regulação de sua vida, ela cultivava sua consciência de tal modo que cada coisa tinha um significado espiritual para ele. Terra, água, luz, frutos e flores não eram para ela fenômenos meramente físicos a serem usados e depois deixados de lado... Intuitivamente sentia que o fato essencial deste fenômeno tem um sentido vital para nós; devemos estar totalmente vivos para ele e com ele estabelecer uma relação consciente, não meramente impelidos por uma curiosidade científica ou sede de proveito material, mas percebendo-o com espírito de simpatia, com amplo sentimento de alegria e paz.”(Tagore, 1994: p.16-17)*

No Décimo Primeiro Canto de *Srimad Bhagavatam* encontramos uma história que relata o diálogo entre um sábio sacerdote (*brahmana*) e um grande rei (*Maharaja Yadu*). Neste volume o sábio explica para o *Maharaja* que aprendeu sua sabedoria graças a vinte e quatro *gurus*. Entre eles encontramos dezenove elementos da natureza, tanto seres animados quanto inanimados, que proporcionam ao sábio instruções espirituais. Estes são: a terra, o ar, o céu, a água, o fogo, a lua, o sol, o pombo, o pitón, o mar, a mariposa, a abelha, o elefante, o veado, o peixe, a ave *kurana*, a serpente, a aranha e a vespa. Cada um destes elementos ou seres vivos mostraram algum ensinamento para o sábio, tanto para imitar quanto para rejeitar. Como um exemplo, o *brahmana* aprendeu da Terra a tolerância, pois esta sempre fornece o necessário para os seres vivos, apesar das diversas agressões que enfrenta continuamente.<sup>24</sup>

De acordo com vários autores, a percepção de que não existe separação entre Deus (*Ishvara*), entidade viva (*jiva*), e natureza (*prakriti*) levou á Índia a desenvolver uma prática não agressiva contra o seu entorno. No *shastras* está escrito que nos tempos védicos existiam três tipos de florestas, cada uma delas com uma funcionalidade específica. Uma era utilizada com fins extrativos, outra era considerada para o proveito social como lugar para a comunidade e, outra, como um lugar sagrado destinado aos renunciantes e praticantes de diversas linhas espirituais.<sup>25</sup>

O problema da crise atual começaria quando a consciência da pessoa fica restrita apenas a seu “eu humano” e, se afasta da suas próprias raízes essenciais, criando assim um mundo artificial. (Tagore, 1994) “É o que acontece quando o homem perde a sua perspectiva interior e mede a sua grandeza pelo seu tamanho e não pela sua ligação vital com o infinito...” (p.20)

Desde uma perspectiva *vaishnava* tanto o holismo (unidade) quanto o individualismo (diferença) são elementos necessários para compreender a relação entre Deus, a natureza e o ser humano. A Humanidade seria uma com Deus e a Natureza, e diferente deles simultaneamente. Esta idéia é explicada na metafísica de *Sri Chaitanya: achintya-bheda-abheda tattva*. (“a inconcebível unidade e dualidade simultâneas”). Deste modo o conceito de unidade e diferença, são dois aspectos presentes na relação existencial, só possível desde uma compreensão metafísica da realidade.

---

<sup>24</sup> O livro “Iluminação pelo caminho Natural” escrito por *Hridayananda Dasa Goswami Srila Acharyadeva*, está baseado num relato do *Srimad Bhagavatam*. p.4

<sup>25</sup> Informação obtida através de *P. Loka Saksa*, devoto membro da ISKCON que participa de diversas atividades relacionadas com a ecologia e a espiritualidade.

Esta filosofia destaca a importância de tomar em conta o nosso ambiente (como energia divina) conjuntamente com o cultivo de nossa espiritualidade. Nessa perspectiva, não podemos divorciar a natureza de sua origem espiritual e devemos aprender a respeitá-la se quisermos obter um destino espiritual superior. Na ecologia profunda também encontramos a visão sagrada da natureza, e sua adoração como parte da criação cósmica, embora desde um ponto de vista impersonalista.

#### 2.4.2. Um paralelo entre a filosofia *vaishnava* e a ecologia profunda: convergências e diferenças.

Embora encontremos muitas semelhanças entre os enfoques da filosofia védica e algumas tendências dentro do ecologismo, identificamos diferenças significativas mais no nível teórico do que prático. Recapitulando, as convergências entre ambas posições encontram-se principalmente no conceito de holismo, na cultura agrária, na idéia de natureza como sagrada e o seu valor intrínseco, além de paralelos entre tipos de tecnologia e de produção. Ambas criticam uma visão antropocêntrica e o modelo de desenvolvimento industrial.

O *vedanta vaishnava* de *Sri Chaitanya Mahaprabhu* aproxima-se em alguns aspectos à teologia cristã, e por outro, ao ecologismo da Ecologia Profunda. No primeiro caso compartilha-se a existência de um Deus pessoal, e a idéia de serviço. Isto quer dizer que existiria uma relação única e verdadeira entre a pessoa individual (alma) e a pessoa suprema (Deus), em uma atitude de devoção e vínculo eterno. Em ambos casos não se aceita a idéia de “fundirmos em Deus” (aspecto impessoal) e perder a individualidade. No segundo caso destaca-se o argumento que o ser humano não tem o monopólio da alma e existe um respeito da natureza que é realizado com veneração. A ênfase está colocada na unidade, antes que na individualidade.

A divergência básica identificada entre o *vaishnavismo* e a ecologia profunda, relaciona-se com o conceito da Verdade Absoluta. Os seguidores da primeira perspectiva aceitam a existência de um Deus Pessoal (*Bhagavan*), com quem podemos nos relacionar de diferentes formas. Este tipo de relacionamento ou *rasas* são basicamente cinco: neutralidade (*shanta-rasa*), servidão (*dasya-rasa*), fraternidade (*sakhya-rasa*), paternidade (*vatsalya-rasa*) e amor conjugal (*madhurya-rasa*). O serviço e a devoção a Deus (*bhakti-yoga*) são palavras chaves na prática *Vaishnava*, e o centro principal de todas suas atividades. Uma maneira de seguir a lei

divina é a veneração à natureza - embora esta seja temporária - que representa uma das potências do Absoluto.

Os seguidores da ecologia profunda aceitam a Deus como impessoal, que desde uma perspectiva védica equivale ao *Brahman* impessoal - um dos três aspectos do Absoluto.<sup>26</sup> Esta idéia é muito próxima ao panteísmo, onde existe uma maior identificação com o conceito de unidade do que com o de individualidade. O objetivo final da existência é fundir-se no Absoluto que não possui qualidades (*nirguna*) e desta maneira alcançar a liberação.

Segundo a filosofia védica, a ecologia profunda estaria caracterizada por ser *sunyavada* (niilista) e *nirvishesha* (impersonalista), isto é, a idéia de fundir-se no absoluto, perder a individualidade e a possibilidade de relação. Desde esta perspectiva, a partir desta diferença filosófica podemos inferir que a ecologia profunda não tem uma conotação transcendental, pois a adoração à natureza material seria temporária e não conduziria à liberação (*moksha*). Esta classe de adoração, podemos colocá-la e defini-la como uma das atividades no modo da bondade (*sattva-guna*), pois dá principalmente importância ao relacionamento entre o ser humano e a natureza, e à veneração e proteção da natureza em si mesma. Segundo um argumento védico, os ecologistas estariam dando mais importância à energia (natureza) que ao energético (Deus), quem produziu essa manifestação.

## 2.5. Uma breve síntese conceitual

A realidade social e natural, especificamente a problemática ambiental, é muito complexa para analisá-la de uma forma integral e integrada. Com a finalidade de simplificar os diferentes enfoques desenvolvidos no Ocidente, destacamos uma visão dicotômica para atingir nosso objeto de estudo. Assim, estudamos a visão biocêntrica que proporciona uma explicação da crise ecológica, alternativa à hegemônica (antropocêntrica). A partir desta classificação tivemos a possibilidade de fazer alguns paralelos entre esta visão biocêntrica moderna - principalmente a ecologia profunda - e a antiga cultura védica.

No que toca à relação ser humano-natureza, podemos dizer sinteticamente que dentro da civilização ocidental deparamo-nos com duas grandes tendências filosóficas: o

---

<sup>26</sup> Explicado no capítulo 1 deste trabalho: uma aproximação ao pensamento védico. (1.6)

antropocentrismo (predominante) e o biocentrismo (emergente), que definem o estilo de desenvolvimento material e a forma de agir do ser humano nas diferentes esferas da vida social e ambiental.

A primeira perspectiva tem dominado a maneira de se relacionar com a natureza no Ocidente. A maioria dos autores vistos no trabalho afirma que existe no antropocentrismo uma visão principalmente utilitarista e hierárquica, colocando o homem como elemento superior e dominante, frente às outras formas de vida. Esta perspectiva corresponde a uma etapa da história ocidental que tem direcionado um estilo de vida marcando a sociedade em todas as esferas da vida. Qualquer campo de conhecimento (medicina, nutrição, uso de energia, arquitetura, tecnologia, etc.) estaria baseado e orientado por este tipo de racionalidade (dominante).

A segunda posição - a biocêntrica - começa a ser conhecida através de diferentes organizações preservacionistas e, pelos escritos de pensadores modernos que refletem sobre o tipo de racionalidade prevalente na sociedade mundial. A ênfase colocada no aspecto sagrado da natureza orienta uma atitude de menor agressão e maior tolerância para com a natureza. O eixo principal é o valor intrínseco outorgado a cada espécie viva que ocupa uma função específica na biosfera. A filosofia desenvolvida por esta linha de pensamento - muitas vezes apoiada pelas ciências biológicas e físicas modernas - não apenas se manifesta em um conjunto de valores, princípios e diretrizes. A essência desta proposta é a prática quotidiana, manifestada em atitudes e condutas, materializada num sistema de vida concreto que abrange todas as esferas humanas.

Apesar desta última possuir importantes semelhanças com a visão metafísica das escrituras védicas, notamos que a posição dos *shastras* propõe um teocentrismo como forma de organização humana. Este tipo de teocentrismo defende que Deus deveria ser o centro da nossa atenção e adoração, afirmando que este sistema seria a única forma adequada de vida para alcançar verdadeira liberação e progresso. Esta perspectiva considera que existe um vínculo indissolúvel entre Deus, o ser vivo e a natureza, em um processo infinito de inter-relações, característica inerente à criação. Porém, tanto a natureza quanto o ser humano estão subordinados ao Criador e, portanto, são dependentes e condicionadas.

O caminho para a harmonia material estaria dado pelo reconhecimento destes três aspectos interligados (Deus, entidade viva e natureza) e pela prática concreta dos ensinamentos apresentados nos *shastras* (livros sagrados), pelos *gurus* (mestres espirituais) e pelos *sadhus* (sábios). Ao ser humano caberia a responsabilidade de saber utilizar a suas potencialidades de uma forma consciente, pois este teria livre arbítrio para escolher e decidir sobre o seu comportamento e as suas ações.

### 3. Alguns aspectos da cultura védica no Movimento *Hare Krishna*.

*“Aquele que não é invejoso, mas é um amigo bondoso para todas as entidades vivas, que não se considera proprietário e está livre do falso ego, que é equânime tanto na felicidade quanto na aflição, que é tolerante, sempre satisfeito, autocontrolado e ocupa-se em serviço devocional com determinação, tendo sua mente e inteligência fixas em Mim - semelhante devoto Me é muito querido”.*(Bg. 12.13-14).

#### 3.1. A ISKCON e sua relação com os fundamentos védicos.

Uma maneira de nos aproximarmos atualmente do conhecimento védico - tanto na sua teoria quanto na sua prática - é através da pesquisa de alguma organização que se defina no presente como seguidora de tal pensamento. Por este motivo, escolhemos aqui como objeto de estudo sociológico o “Movimento *Hare Krishna*”, como continuador da tradição *vaishnava* e com um modo específico de se relacionar com a natureza.

Trata-se de um movimento de longa tradição, originado na Índia há mais de quinhentos anos atrás e, atualmente, com uma presença viva no mundo ocidental, e uma representação significativa no Brasil. Depois de mais de três décadas desde sua formação nos EUA podemos constatar que este Movimento tem se espalhado pelos cinco continentes e influenciado em alguma medida a cultura ocidental, introduzindo certas práticas e concepções de vida em princípio vistas como alheias e exóticas.

Muitos *gurus* vieram para o Ocidente para mostrar e ensinar diferentes formas de *yoga*, meditação e *sadhana*<sup>1</sup>, porém esta intenção ficou geralmente limitada a uma elite socioeconômica específica. O custo dos cursos ou programas muitas vezes era alto e estava orientado a um estrato social mais intelectualizado e “culto”.<sup>2</sup> Chama a atenção que embora muitos dos

---

<sup>1</sup> Atividades e práticas de purificação externa e interna.

<sup>2</sup> A maioria dos *gurus* não provém de uma sucessão discipular e pregam a filosofia *mayavadi*.

mestres indianos tivessem uma boa aceitação, principalmente nos países mais desenvolvidos, não conseguiram difundir a cultura védica nem estabelecer comunidades que tentassem reconstruir o *varnashrama*. A leitura do *Bhagavad-gita* também ficou reduzida a grupos muito minoritários de pessoas, sem que se conseguisse torná-la mais conhecida.

### 3.1.1. Linha filosófica do MHK.

O MHK pertence a uma linhagem discipular denominada *Brahma-Madhva-Gaudiya Sampradaya*, que corresponde a uma das quatro linhas espirituais reconhecidas nos *Vedas* como autorizadas.<sup>3</sup> O MHK nasce nos Estados Unidos com essa denominação, mas tem uma longa história e vasta tradição na Índia, principalmente no século XV, com o renascimento da prática da *bhakti-yoga* ou devoção a Deus. *Sri Chaitanya*, líder social e espiritual daquela época influenciou a face da Índia, provocando grandes transformações filosóficas, religiosas, sociais e políticas.

A denominação oficial deste movimento é “*Sociedade Internacional da Consciência de Krishna*” (*ISKCON*), instituição fundada por “*Sua Divina Graça A.C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada*”. Atualmente está sob a autoridade e direção do GBC (*Governing Body Commission*) formado por seus líderes mais antigos e ativos. O objetivo principal desta instituição - difusora da cultura védica - seria educar todas as pessoas no avanço do conhecimento de *Krishna* ou Deus.<sup>4</sup>

O GBC adota uma declaração que explica sua posição oficial da relação entre a *ISKCON* com o “Hinduismo” e define a organização da seguinte forma:

*“A Sociedade Internacional para a Consciência de Krishna (ISKCON), também conhecida como movimento Hare Krishna, foi fundado por Sua Divina Graça A.C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada. A ISKCON segue os ensinamentos dos Vedas e das escrituras védicas, incluindo o Bhagavad-gita e o Bhagavata Purana; este ensina e pratica o Vaishnavismo, ou devoção a Deus no seu aspecto pesso-*

<sup>3</sup> As outras sucessões discipulares são: *Rudra, Sri e Kumara Sampradaya*

<sup>4</sup> *AC. Bhaktivedanta Swami Prabhupada. A Ciência da Auto-realização. São Paulo: BBT, 1980.*

*al supremo de Radha-Krishna*".<sup>5</sup>

Este movimento utiliza o *Bhagavad-gita* e o *Srimad Bhagavatam* como textos principais - considerados pelos *vaishnavas* os mais adequados para esta era - para difundir seu conhecimento pelo mundo todo, além da mensagem legada por *Sri Chaitanya* e seus discípulos, os seis *Goswamis* de *Vrindavana*.<sup>6</sup> Esta filosofia teísta *vaishnava*, destaca o aspecto pessoal de Deus, reconhecido como "*Bhagavan*", a diferença de outras linhas espiritualistas que adoram o aspecto impessoal (*Brahman*), ou o aspecto localizado no interior de cada entidade viva (*Paramatma*). (Bg.2)

*"A presença dentro do hinduismo de uma tradição mono-teísta em que a semelhança da tradição cristã, a alma humana não se despersonaliza para se fundir com um Absoluto Impessoal, permanecendo eternamente individualizada, embebida na suprema alegria do encontro amoroso com a Personalidade Divina".<sup>7</sup>*

Os textos védicos declaram a necessidade de busca espiritual, argumentando que a vida humana é a única oportunidade para o autoconhecimento e a auto-realização, já que os animais não têm uma consciência desenvolvida para este tipo de processo. Eles afirmam que existem quatro tipos de atividades próprias tanto do ser humano quanto do animal: comer, dormir, defender-se e acasalar-se. A diferença radica em que o ser humano pode ir em busca de Deus, compreender os tópicos espirituais e evoluir de forma consciente. Porém a maioria das pessoas permanece dentro dessas quatro atividades, empregando o tempo em desenvolver materialmente melhores métodos para desfrutá-las. A modo de exemplo explica-se que o animal dorme ou pratica sexo no chão enquanto o ser humano numa confortável cama. A atividade seria a mesma (dormir e fazer sexo) embora de uma maneira mais sofisticada. O ser humano satisfaz suas necessidades, desejos ou impulsos básicos de uma forma mais complexa, utilizando a tecnologia para facilitar seu objetivo (podemos aplicar este princípio nas duas

---

<sup>5</sup> INTERNET. <http://www.shamantaka.org/main/twohk.htm#menu4>

<sup>6</sup> *Vrindavana* é uma das cidades mais sagradas da Índia e hoje em dia conta com aproximadamente 5.000 templos.

<sup>7</sup> Prefácio escrito pelo Prof. Ricardo Mário Gonçalves - Livre-Docente de História Oriental da USP - no *Bhakti-rasamrita-sindhu*, 1977.

atividades restantes).

Como seguidor dos *Vedas*, o MHK coloca-se não apenas como uma alternativa ao estilo de vida do mundo contemporâneo - industrial e secular - mas também como uma alternativa espiritual diante da era atual, que os *shastras* denominam “*Kali yuga*” considerada como a etapa mais degradada de todas.<sup>8</sup>

### 3.1.2. O movimento social e espiritual de *Chaitanya Mahaprabhu*.

Na Idade Média da Índia, *Sri Chaitanya Mahaprabhu* - líder social e espiritual daquela época – divulgou seus ensinamentos baseados nos *shastras*, que promoviam fundamentalmente o “Canto dos santos nomes”, (de Deus) e um estrito comportamento próprio de um *Vaishnava*.

A través da história indiana existiram muitos seguidores desta corrente filosófica (Escola *Bhagavata*), que finalmente foi unificada por *Sri Chaitanya* no século XV, personalidade reconhecida como um *avatar* na Índia. Podemos fazer uma analogia ou equivalência religiosa a respeito da relevância deste *avatar*: *Sri Chaitanya* é para os *vaishnavas* como o Senhor Jesus Cristo para os cristãos, Maomé para os muçulmanos ou *Buddha* para os budistas. Ele ressuscitou a devoção entre os seguidores de uma perspectiva teísta e personalista - adoradores de *Vishnu (Krishna)* - enfatizando a prática do *bhakti-yoga* como forma de liberação, que estava adormecida pelo avanço das escolas *mayavadis* (impersonalistas). Ademais ele unificou as quatro escolas *vaishnavas* já existentes, antepondo a essência da filosofia antes que as diferenças formais.

*Sri Chaitanya* deixou apenas oito versos (*slokas*) denominados *Sri Sri Shikshastaka*, escritos que condensam a mensagem essencial de seus ensinamentos. Porém, muito de seus seguidores dedicaram-se a escrever diversos livros sobre a sua filosofia, destacando sempre o serviço e adoração a Deus, caracterizada pela devoção e a renúncia.

A continuação reproduzimos os oito versos - escritos em forma de louvor - que sintetizam a filosofia e a prática do *bhakti-yoga*, destacando o aspecto pessoal de Deus e seu rela-

---

<sup>8</sup> Existem referências sobre este tópico no *Bhagavad-gita* e no *Srimad Bhagavatam*.

cionamento com todos os seres vivos: <sup>9</sup>

1

*Gloria ao sri-krishna-sankirtana, que limpa o coração de toda poeira acumulada durante anos e extingue o fogo da vida condicionada e dos repetidos nascimentos e mortes. Este movimento de sankirtana é a benção principal para toda a humanidade porque espalha os raios da lua da benção. É a vida de todo o conhecimento transcendental. Aumenta o oceano de bem-aventurança transcendental, e nos capacita a saborear plenamente o néctar pelo qual sempre ansiamos.*

2

*Ó meu Senhor, apenas Teu santo nome pode outorgar todas as benções aos seres vivos, por isso tens centenas e milhões de nomes, tais como Krishna e Govinda. Nestes nomes transcendentais, aplicaste todas as Tuas energias transcendentais. Não há sequer regras rígidas para cantar estes nomes. Ó meu senhor, por Tua bondade, permites que nos aproximemos facilmente de Ti através de Teus santos nomes, mas desventurado como sou, não sinto atração por eles.*

3

*Ó Senhor todo-poderoso, não tenho nenhum desejo de acumular riqueza, nem desejo belas mulheres, nem quero ter seguidores. Só quero prestar-Te serviço devocional imotivado, nascimento após nascimento.*

4

*Ó filho de Maharaja Nanda, sou Teu servo eterno, porém, de alguma forma caí no oceano de nascimentos e mortes. Resgata-me, por favor, deste oceano de mortes e considera-me um átomo a Teus pés de lótus.*

---

<sup>9</sup> Estes versos podem ser encontrados no "Manual Vaishnava" da BBT.

5

*Ó meu Senhor, quando meus olhos se decorarão com lágrimas de amor fluindo constantemente ao cantar Teu santo nome? Quando minha voz se abafará, e quando os pêlos de meu corpo se arrepiarão ao recitar Teu nome?*

6

*Ó Govinda! Sentindo saudades de Ti, para mim parece que um instante dura doze anos ou mais. De meus olhos, fluem lágrimas como torrentes de chuva, e sinto que o mundo está vazio na Tua ausência.*

7

*Não conheço ninguém além de Krishna como meu Senhor, e Ele sempre o será mesmo que me trate de forma um tanto bruta ao me abraçar ou que parte meu coração por não estar presente diante de mim. Ele é completamente livre para fazer qualquer coisa, pois sempre será o meu Senhor adorável, incondicionalmente.*

Um *sloka* muito citado pelos devotos é aquele que dá ênfase na atitude de humildade e tolerância como exemplo de avanço espiritual, refletido numa conduta de respeito a toda a criação, que começa com a devoção a Deus:

*“Deve-se cantar o santo nome do Senhor com um estado de espírito humilde, julgando-se inferior à palha na rua; deve-se ser mais tolerante que uma árvore; desprovido de todo sentido de falso prestígio; e deve-se estar pronto a oferecer todo o respeito aos outros. Nesse estado de espírito pode-se cantar o santo nome do Senhor constantemente.”*

A mensagem essencial do “Avatar dourado” (*Gouranga*) - como também é conhecido *Sri Chaitanya* - é o “canto dos santos nomes de Deus”, fundamentalmente o *maha-mantra Hare Krishna* como forma de liberação. Em sânscrito *maha* significa grande e *mantra* “libertar a mente”, palavra formada por duas sílabas: *man* (mente) e *tra* (libertar). Poderíamos dizer que é

uma combinação de sons (transcendentais) que liberta a mente da ansiedade e da perturbação da vida (material).

Os textos védicos destacam o *maha-mantra* como supremo e como o método para reviver a consciência pura e original. O *Kali-santarana Upanishad* explica que as dezesseis palavras deste mantra - *Hare Krishna, Hare Krishna, Krishna Krishna, Hare Hare, Hare Rama, Hare Rama, Rama Rama, Hare, Hare* - destinam-se especialmente a neutralizar os maus efeitos da atual era de desavenças e ansiedade inerentes à era de *Kali-yuga*.<sup>10</sup> O *Bhagavatam* assinala que esta prática religiosa é especialmente adequada para esta era, pois é extremadamente fácil de executar, e ao mesmo tempo, muito poderosa.

### 3.2. Origem, definição e evolução do MHK no Ocidente.

#### 3.2.1. Antecedentes gerais.

O Movimento *Hare Krishna* aparece como “Sociedade Internacional” nos Estados Unidos no ano 1966, num contexto de grandes mudanças políticas, sociais e culturais, e fatos que provocaram efeitos visíveis em toda a humanidade. A década dos anos sessenta marcou uma época de transformações sociais e culturais, que favoreceram o aparecimento de diversos grupos contra-culturais, de protesto, sociais, ambientais e religiosos, questionando o estilo americano de vida. A Guerra de Vietnã e a Revolução Cubana são um exemplo destes acontecimentos que não apenas provocaram impacto social e político, mas também profundas dúvidas e incertezas sobre o destino da humanidade. Os problemas ecológicos também se manifestaram de uma forma evidente e substancial, principalmente nos países capitalistas e mais industrializados.

Neste contexto sócio-político foi que chegou desde a Índia ao Ocidente um *swami* indiano - *A.C. Bhaktivedanta Swami* - com o propósito de difundir a “Consciência de *Krishna*”, desconhecida até esse momento fora dos limites da Índia. Ninguém o apoiou no seu próprio país, pois a maioria dos renunciantes e devotos não acreditava que no Ocidente as pessoas pudessem aceitar um estilo de vida tão diferente e voltado para o desenvolvimento espiritual. Os ocidentais são conhecidos na Índia como *mlecchas* (não seguidores dos *Vedas*) e como

---

<sup>10</sup> Revista Vida Suprema, Ano I, N#3, 1990.

yavanas (comedores de carne), considerados como *shudras*, os mais baixos nas ordens sociais e, como *chandalas* que quer dizer, sem nenhuma qualificação espiritual (párias).

### 3.2.2. O fundador: A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada.

*Srila Prabhupada* nasceu numa família *vaishnava* e desde pequeno aprendeu - principalmente com a orientação de seu pai - a adorar as deidades e a participar nas atividades religiosas. Ele nasceu em Calcutá, Índia, no ano de 1896 e morreu no 1977 em *Vrindavana*, o lugar mais sagrado da Índia para os seguidores de *Krishna*.

Seu mestre espiritual deu-lhe a instrução de divulgar a consciência de *Krishna*, fundamentalmente através dos livros. A distribuição de livros é uma das ocupações principais dos devotos como forma de difundir os ensinamentos de *Prabhupada* e uma importante maneira de arrecadar fundos para a sua contínua publicação e, também para manter os templos e atividades vinculadas à propagação da filosofia *vaishnava*. Neste contexto, o mestre espiritual de *Prabhupada* - *Srila Bhaktisiddhanta Sarasvati Thakura* - entrega a seu discípulo a missão de pregar a Consciência de *Krishna* no mundo ocidental, com o propósito de expandir o conhecimento e a devoção por Deus, além das fronteiras da Índia. Existe uma predição de *Sri Chaitanya* que afirma que em todas as aldeias e lugares do mundo serão cantados os santos nomes de Deus. Os devotos destacam essa profecia pelo fato de estar presentes em muitos países e ser conhecidos mundialmente, principalmente pelo *maha-mantra*, que nos inícios da década dos 70 foi muito popularizado.<sup>11</sup>

*Srila Prabhupada* - com o título de *swami* e a ordem de *sannyasi* - chegou desde a Índia ao Ocidente na década dos anos '60 em pleno apogeu do movimento Hippie e de uma efervescência cultural e social, tal vez nunca antes vista neste século. Ele foi o responsável pela formação e expansão do MHK nos EUA com o objetivo de divulgar o conhecimento védico e a mensagem de *Sri Chaitanya* ao mundo ocidental. *AC Bhaktivedanta Swami Prabhupada* é o décimo *acharya* dentro deste *parampara*, (sucessão discipular) contando desde *Sri Chaitanya*.

---

<sup>11</sup> Os Beatles foram muito próximos a *Srila Prabhupada* e, especialmente John Lennon e George Harrison ficaram muito entusiasmados pelo estilo de vida e pelo mantra *Hare Krishna*. G.H. escreveu uma canção "My Sweet Lord" - que foi sucesso por muitos meses -, dedicada à *Consciência de Krishna*, além de financiar a publicação de alguns livros do Movimento.

Segundo a tradição védica, a partir de uma férrea disciplina e um treinamento permanente em práticas principalmente de austeridade, o antes discípulo pode-se tornar um mestre capacitado a ensinar e a orientar futuros estudantes interessados em seu desenvolvimento espiritual. No caso de *Srila Prabhupada*, ele foi escolhido por seu mestre espiritual para continuar uma “sucessão discipular” na qual se entrega um conhecimento que não pode ser mudado, sendo fiel aos ensinamentos originais transmitidos pelo *guru*, *shastra* e *sadhu*. Uma forma de preservar este conhecimento é não acrescentar qualquer informação que não pertença aos textos védicos ou à mensagem recebida pelos *acharyas* prévios do *parampara* correspondente. Porém, isto não significa que um *guru* autorizado (pertencente ao *parampara*) não possa adaptar ou salientar certos conteúdos da filosofia de acordo ao tempo, lugar e circunstancia.

Podemos questionar se uma sucessão de mestres pode realmente, com toda precisão, passar a mensagem de um mestre para o seguinte, sem modificá-la ou sem lhe acrescentar nada. Por esta razão coloca-se um especial cuidado na qualificação do futuro mestre, o qual tem que mostrar determinados sintomas para poder ser reconhecido como tal. *Rupa Goswami*<sup>12</sup> enumera uma lista dos seis sinais de um *guru*:

*“Qualquer pessoa sóbria que pode tolerar o impulso para falar, as exigências da mente, as reações da ira e os impulsos da língua, do estômago e dos órgãos genitais esta qualificado para fazer discípulos em toda parte do mundo”.*  
(*Upadeshamrita*, texto 1)

Por outra parte o discípulo deve ser submisso, porém não seguir de uma forma cega a seu mestre espiritual, quem deve estar dotado de todas as qualidades descritas anteriormente. Por este motivo podemos observar a grande importância dada à prática e à experiência individual do discípulo baseada sempre nas ordens do *guru*. No *Bhagavad-gita Krishna* propõe a *Arjuna*:

*“tenta aprender a verdade aproximando-te de um mestre espiritual. Faze-lhe perguntas com submissão e presta-lhe*

---

<sup>12</sup> Filósofo e erudito *vaishnava* do século dezesseis e discípulo de *Sri Chaitanya*.

serviço. *As almas auto-realizadas te podem transmitir conhecimento porque viram a verdade*".(Bg. 4.34).

Os *Vedas* explicam que *Brahma* - o primeiro ser criado dentro deste mundo material - recebeu o conhecimento diretamente de Deus (*Krishna*) e posteriormente o transmitiu a seu filho *Narada* e assim sucessivamente. A través da historia da humanidade este conhecimento foi transmitido em forma oral por diferentes pessoas considerada qualificadas (santas e eruditas). Porém cada certo tempo a essência da mensagem se perdia, mas novamente era recuperado por diversos *avatares*. O conhecimento que era transmitido oralmente foi escrito e sintetizado no *Bhagavad-gita*, obra considerada como essência dos *Vedas*, especialmente escrita para qualquer tipo de pessoa sem importar seu nascimento, intelecto ou preparo acadêmico.

### 3.2.3. Seita, religião ou sociedade espiritual.

Por causa da enorme variedade de organizações surgidas nas últimas décadas, denominadas por elas mesmas como "espiritualistas", existe uma tendência por parte da população leiga a classificá-las como seitas ou como grupos esotéricos pertencentes à mesma categoria. Esta posição é compreensível dada a escassa informação que temos desses assuntos, se bem que, cada vez mais encontramos pesquisas sobre este tópico. A partir desta situação, consideramos necessário conhecer as origens, a história, a evolução e a filosofia que professa um determinado grupo religioso - em nosso caso o movimento *Hare Krishna* - assim como suas concepções próprias, e o seu estilo de vida. Desta maneira podemos determinar em que tipo de categoria identificaríamos este movimento religioso.

Segundo o dicionário de Ciências Sociais, seita é definida como um "*tipo de grupo religioso formado em protesto a outro grupo religioso, e geralmente se separando dele...* Outra qualidade é que *"o número e a qualidade de membros são limitados..."* e tem uma "*posição de isolamento*".<sup>13</sup> De acordo com esta definição o MHK não se encaixa com aquelas três características próprias de uma seita. Não houve uma separação com outro grupo religioso, mas sim uma continuação de uma prática milenar que corresponde a uma das tradições da filosofia védica. Também não pretende limitar o seu número de aderentes nem permanecer afastados da sociedade, com uma presença evidente nas ruas e na vida profissional, acadêmica, etc.

---

<sup>13</sup> Dicionário de Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1986.

Seu objetivo é promover na própria sociedade e mais ainda no indivíduo, novos hábitos e práticas possíveis de realizar na própria vida cotidiana.

Existem muitas outras acepções de seita, entendidas tanto de um ponto de vista pejorativo quanto a um conceito neutro. No primeiro caso defini-se como uma “*comunidade fechada, de cunho radical... ou teoria de um mestre seguida por numerosos prosélitos*”. Também é descrita como um “*grupo de pessoas que defendem com fanatismo ou intolerância uma crença qualquer*”.<sup>14</sup> Outro significado mais imparcial e geral é apenas de “*escola ou orientação filosófica*”. Na Índia é muito comum utilizar seita neste sentido como uma maneira de distinguir as diferentes linhas filosóficas e práticas.

No livro “*A Ciência da Auto-realização*” Srila Prabhupada explica que a maioria das pessoas tem uma idéia errada do movimento da Consciência *Krishna*, pensando que este representa a religião hindu. A verdade é que não existe no léxico sânscrito a palavra hinduismo, que já vimos, é uma denominação dada por outros povos à cultura indiana. Portanto, a filosofia pregada por este movimento é baseada no *Bhagavad-gita*, nos *Vedas* e na cultura *varnashrama*. Prabhupada define-o como um movimento “cultural essencial” para a toda a sociedade humana e, que não tenta destruir ou competir com outras fé ou religiões. “*Este movimento... destina-se especialmente a educar as pessoas como elas devem amar a Deus*”. (p. 121)

Dentro deste contexto o MHK também não pode ser considerado como apenas uma religião ou uma filosofia. De acordo a todos os antecedentes compilados, poderíamos defini-lo como um sistema de vida que abrange diferentes esferas das atividades humanas, passando pelo tipo de alimentação, as relações humanas, o consumo, a organização social e econômica, e a cultura. Como movimento espiritual seguidor dos *Vedas*, este corresponde a uma das duas tendências principais da filosofia védica como já foi explicado anteriormente: a linha personalista denominada *vaishnavismo* ou *vishnuismo*, seguidores da cultura ariana.<sup>15</sup>

### 3.2.4 O MHK no Brasil.

O movimento *Hare Krishna* chega no Brasil no ano 1974, mas apenas o ano seguinte

---

<sup>14</sup> Nicola Abbagnano. Dicionário de filosofia. SP: Editora Mestre Jou, 1970.

<sup>15</sup> Uma é a *vaishnava* (Escola *Bhagavata*) e a outra a *Mayavada* (Escola Monista).

pode ser considerado o de sua efetiva formação. O primeiro templo foi criado em São Paulo com a participação de um número reduzido de pessoas. Gradativamente o movimento foi tomando força, atraindo principalmente jovens que começaram a morar no templo e a organizar trabalho de pregação nas ruas com distribuição de livros (*sankirtana*), e de alimento (*prasadam*).

Atualmente existe na maioria das principais cidades do País um templo, somando mais de vinte em todo Brasil, além de várias fazendas (comunidades rurais) espalhadas pelas diferentes regiões. Estas estão localizadas em Parati-RJ (*Goura Vrindavana*), Pindamonhangaba-SP (*Nova Gokula*), Curitiba-PR (*Nova Goloka*), Autazes-AM (*Nova Jarikhanda*), Caruarú-PE (*Nova Vrajadhama*). Também existem templos rurais que funcionam como retiros espirituais em Teresópolis-RJ (*Vrajabhumi*) e em Porto Alegre-RS (*Prabhupada Ashrama*). Contudo, podemos constatar que alguns templos têm fechado por diversos motivos, principalmente por problemas econômicos ou por falta de devotos (internos) que morem nos *ashramas*.

As características que encontramos no MHK no Brasil correspondem às mesmas de qualquer lugar do mundo, apenas com alterações circunstanciais e contextuais. As atividades quotidianas, as cerimônias, a rotina, as regras e regulações, a alimentação, o vestuário, etc. são reproduzidos da mesma forma nos diferentes cantos do mundo. Podemos encontrar diferenças em certos detalhes condicionados pelo tipo de recursos, número de devotos, aceitação social, e a idiosincrasia específica de cada país ou região. O funcionamento e a estrutura básica desta instituição não muda, mas adapta-se ao modo de vida próprio de um contexto socio-cultural e econômico.

Num contexto de comunidade rural a mentalidade urbana da maioria dos devotos dificulta sua adaptação a este tipo de entorno e às condições de infra-estrutura e manejo da vida nas fazendas, marcadas pela carência de facilidades materiais. A idéia de auto-suficiência e produção agrícola orgânica, em muitos casos se vê frustrada pela falta de capacitação técnica ou profissional nessa área, mas também em grande medida pelos hábitos internalizados num ambiente urbano e industrial.

Uma experiência concreta é *Nova Gokula* em Pindamonhangaba, lugar onde não teve sucesso até agora a agricultura orgânica nem a produção de leite, mesmo com uma quantida-

de significativa de vacas. A falta de experiência e a negligência na área econômica tornaram insustentável a manutenção destes animais, que segundo a filosofia é uns dos pilares da economia védica. Em *Goura Vrindavana* encontramos outro tipo de experiência, com maior sucesso neste aspecto do que em *Nova Gokula*. Apesar de que a quantidade de devotos morando na comunidade de Parati é consideravelmente inferior, podemos verificar o desenvolvimento incipiente de cultivo ecológico, de cuidado das vacas e de diversos projetos tendentes a uma maior autarquia e preservação ambiental.

### 3.3. Os diferentes sistemas de *yoga*: controlar os sentidos e a mente

Existem diferentes sistemas de *yogas* desenvolvidos nos *Vedas*, mas o propósito basicamente é o mesmo: o controle dos sentidos e o progresso na compreensão espiritual. “*El primer deber en todos los asuntos espirituales es controlar la mente y los sentidos. A menos que uno los controle, no podrá avanzar nada en la vida espiritual*”.<sup>16</sup>

O tipo de *yoga* mais conhecida no Ocidente é a *hatha-yoga*, porém bem diferente à sua forma original praticada pelos *yoguis* como forma de liberação. “*Os yoguis abandonando o apego, agem com o corpo, a mente, a inteligência e mesmo com os sentidos, com o único propósito de se purificarem*”.(Bg. 5.11) A *hatha-yoga* foi adaptada ao contexto cultural ocidental e basicamente se caracteriza pelas diferentes posturas físicas (*asanas*) que atuam tanto no aspecto corporal quanto mental, e direcionadas principalmente à saúde através de técnicas de respiração (*pranayama*).

Explica-se nos textos védicos que a luxúria confunde o ser vivo atacando os sentidos, a mente e a inteligência. A *yoga* refreia este impulso, regulando os sentidos e controlando outras emoções como a ira.<sup>17</sup> No *Bhagavad-gita* afirma-se que:

*“A yoga consiste no desapego de todas as ocupações sensuais. Para estabelecer-se em yoga deve-se fechar todas as*

---

<sup>16</sup> Prefácio do *Upadeshamrita* escrito por *Srila Prabhupada*.

<sup>17</sup> Bg.3.40-41

*portas dos sentidos e fixar a mente no coração e o ar vital no topo da cabeça". (Bg. 8.12)*

A literatura védica descreve quatro principais sistemas de *yoga*: *karma-yoga*, *jñana-yoga*, *astanga-yoga* e *bhakti-yoga*. Cada um deles corresponde a um grau diferente de compreensão espiritual embora num processo evolutivo, que começa com o desapego do resultado das atividades e acaba com o desenvolvimento de amor puro por Deus (*Prema*).

O sintoma para reconhecer se alguém alcançou o estado de perfeição *yóguica*, é o desapego das atividades mundanas e o desenvolvimento de apego por Deus. O desapego significa não perturbar-se pelos acontecimentos externos por considerá-los temporários e, vê-los apenas como momentos ou circunstâncias alheias à própria natureza espiritual.

*"Aquele que não se regozija ao conseguir algo agradável nem se lamenta ao obter algo desagradável, que é inteligente em assuntos relacionados ao eu, que não se confunde, e que conhece a ciência de Deus, já está situado na transcendência".(Bg. 5.20)*

Os *vaishnavas* praticam a "*bhakti yoga*", sistema de *yoga* que visa estabelecer uma relação com Deus através de diversas atividades denominadas "serviço devocional". De acordo com a filosofia védica este sistema "*é diretamente consciência de Krishna... e uma alma pura serve eternamente a Deus como sua parte integrante fragmentaria*".(Bg 5.29) Diz-se que alguém está elevado em *yoga* "*quando, tendo renunciado a todos os desejos materiais, não age em troca de gozo dos sentidos nem se ocupa em atividades fruitivas*".(Bg 6.4).

#### 3.4. A *bhakti-yoga*: servir a Deus com devoção.

Segundo os *Vedas*, a *bhakti-yoga* corresponde a uma prática prescrita para esta etapa da humanidade (*Kali Yuga*) caracterizada pelas desavenças e pela hipocrisia, como consequência da ausência de princípios não religiosos. Em outras eras da história da humanidade podia-se praticar outros tipos de sacrifícios e austeridades devido à existência de uma maior longevidade, inteligência e religiosidade, mas em *Kali-yuga* a prescrição é a *bhakti-yoga*. Os

Vedas descrevem que em *Satya-yuga* o preceito era a meditação, em *Treta-yuga* os grandes sacrifícios e em *Dvapara-yuga* a adoração às deidades, todas elas atividades consideradas impossíveis de praticar hoje em dia.<sup>18</sup>

Este processo de serviço devocional consta de nove itens que são os seguintes: ouvir (*sravanam*), cantar (*kirtanam*), lembrar (*smaranam*), servir (*sevanam*), adorar (*arcanam*), orar (*vandanam*), obedecer (*dasyam*), manter amizade (*sakhyam*) render-se (*nivedanam*).<sup>19</sup> De acordo com a literatura védica, praticando todos ou apenas um deles a pessoa pode alcançar a plataforma espiritual, isto é, alcançar a auto-realização (estado de espírito de desapego e felicidade) e o amor puro por Deus (relação incondicional com a pessoa Suprema).

Segundo Mário Gonçalves<sup>20</sup>:

*“a fenomenologia bhakti, ou amor divino... geralmente é negligenciada pelos pesquisadores ocidentais do pensamento oriental”. E acrescenta: “o psicólogo das religiões e o antropólogo encontrarão uma importante exposição metódica dos diferentes sintomas físicos e psicológicos experimentados pelo devoto, quando sua alma é arrebatada pelo êxtase do encontro com a personalidade Divina. Certamente esses estudiosos se mostrarão tocados pelo uso da linguagem amorosa pelos místicos da tradição Vaishnava, fenômeno que revela uma notável coincidência com os grandes místicos do Ocidente, como Sta. Teresa de Ávila e São João da Cruz.”(1977)*

No *“Bhakti-rasamrita-sindhu”* (O Néctar da Devoção)<sup>21</sup> é afirmado que o “serviço devocional” inclui muitas técnicas práticas para livrar-se do *karma* e do *samsara* e, desta forma,

<sup>18</sup> As quatro eras são explicados no capítulo 1.

<sup>19</sup> *Sri Prahlada Maharaja* recomenda esse processo e podemos encontrar esta informação no *Upadeshamrta* e no *Bhagavad-gita*, citados por *Srila Prabhupada*.

<sup>20</sup> Prof. Livre-docente de História Oriental da Universidade de São Paulo.

<sup>21</sup> Também definida como *“A Ciência completa da bhakti-yoga”* escrita por *Srila Rupa Goswami* e resumida por *Srila Prabhupada*.

acabar com o condicionamento material causado principalmente pela identificação do “eu” com o corpo e a matéria. Os *shastras* afirmam que no caso do ser humano, este desenvolve diferentes apegos durante toda a sua vida (com o país, a classe social, a raça, o sexo), sem tomar consciência de sua verdadeira natureza, isto é, do ser uma alma espiritual eterna e transcendente, diferente da matéria.

*“Aquele que executa seu dever sem apego, entregando os resultados ao Senhor Supremo, não é afetado pela ação pecaminosa, assim como a folha de lótus não é tocada pela água”.* (Bg. 5.10).

### 3.5. Princípios, regras e práticas do MHK.

#### 3.5.1. Princípios, regras e regulações.

Não existe na filosofia *vaishnava* uma dissociação entre o conhecimento teórico e a experiência concreta. Explica-se que o conhecimento (*jñana*) torna-se sabedoria (*vijñana*) quando alcançamos a união entre a filosofia e a prática, como única forma de vivenciar e conseguir as metas almejadas.<sup>22</sup> Existem muitas restrições e austeridades na vida prática de um devoto que, geralmente, são contrapostas ao modo de vida ocidental, principalmente das culturas de origem judaica-cristã.

O presidente do Templo de Jundiaí, *Jay Gokula dasa*, resume as ocupações práticas de divulgar e propagar a Consciência de *Krishna* da seguinte forma:<sup>23</sup>

- Vida saudável e hábitos puros (não comer carne, peixe nem ovos, não se intoxicar, não praticar sexo ilícito e não participar de jogos de azar).

- Vida simples e consciência elevada (cultivar a renúncia às atividades artificiais temporárias e buscar auto-satisfação e bem-aventurança na meditação constante no Senhor Supremo).

- Vida espiritual e a importância de se cantar os santos nomes de Deus em glorificação ao Senhor, em especial os *Maha-Mantra: Hare Krishna, Hare Krishna, Krishna Krishna, Hare*

<sup>22</sup> *Jñana* significa conhecimento recebido em sucessão discipular e *vijñana*, aplicar esse conhecimento que sabe distinguir entre matéria e espírito.

<sup>23</sup> Revista Vida Suprema. n.6 Ano II. Jul. 1991.

*Hare, Hare Rama, Hare Rama, Rama Rama, Hare Hare.*

- As qualidades que denotam uma pessoa santa (tolerância, misericórdia, pacifismo, amizade) e acima de tudo o respeito para com todas as entidades vivas, entendendo que este é o verdadeiro sentido da Ecologia: a proteção a todas as entidades vivas.

- A Filosofia Védica cientificamente apresentada pelos *acharyas* prévios, livre de falácias e fanatismos, como uma chance para todos poderem conhecer a Pessoa de deus e o êxtase amoroso por tal pessoa imaculada.

- A Verdade Absoluta de que não somos estes corpos perecíveis, mas sim almas eternas e partes integrantes de Deus.

- A maneira prática, não utópica de se viver em Consciência de Krishna, expondo e deixando à disposição de todos nossa cultura, arte, música, bhakti-yoga, literatura, culinária lactovegetariana, sabedoria milenar, meditação mântica, etc.; sempre visando um completo entrosamento social, para o bem estar de todos.

No livro "Retornando" - baseado nos ensinamentos de *Prabhupada* - enumeram-se as atividades e os princípios que os *vaishnavas* consideram necessários para alcançar os objetivos descritos nos *shastras*, com o propósito último de sair do ciclo do *samsara*:

1. Cantar o *Maha-mantra Hare Krishna* todos os dias. Consiste em uma vibração que produz um determinado som ou palavra que permite o controle da mente e o vínculo com Deus.
2. Estudar regularmente a literatura védica, especialmente o *Bhagavad-gita* e o *Srimad-Bhagavatam*, a fim de desenvolver completa compreensão da natureza do eu, das leis do *karma*, do processo de Reencarnação, e dos meios para tornar-se auto-realizado.
3. Comer apenas alimentos vegetarianos e oferecidos em sacrifício a Deus. No *Bhagavad-gita* está escrito que Krishna diz que todos devem comer apenas alimentos oferecidos em sacrifício; caso contrário, estarão envolvidos nas reações do *karma*. Além de evitar a carne, peixe e ovos, deve-se abandonar os tóxicos e qualquer tipo de estimulante. Segundo os *Vedas*, comer carne significa participar de um processo de matança desnecessária a outros seres vivos. Afirmam que as leis do *karma* estabelecem que quando alguém mata um animal para come-lo, em sua próxima vida aquele que matou também será morto ou comido.
4. Outra técnica para livrar-se do *samsara* está oferecer o fruto do trabalho a Deus, isto é, orientar qualquer ocupação em serviço a *Krishna*. "Deve-se executar trabalho como sacrifício a *Vishnu*, caso contrário, o trabalho prende a pessoa a este mundo material" (Bg.3.9) Os *shas-*

tras afirmam que se o trabalho for executado apenas para satisfação pessoal, tem-se que aceitar os resultados *kármicos* e receber boas ou más reações em vidas futuras. Contudo, os devotos propõem que não é necessário mudar de ocupação. Pode-se ser escritor e escrever sobre *Krishna*, artista e pintar *Krishna*, cozinheiro e cozinhar para *Krishna*.

5. As pessoas conscientes de *Krishna* não devem ocupar-se em sexo ilícito, quer dizer, fora do casamento e sem o propósito de gerar filhos. Os pais devem criar seus filhos na consciência de Deus. Segundo os Vedas, estes são os responsáveis pelas reações *kármicas* de sua descendência. As escrituras afirmam que o sexo sem controle provoca filhos não desejados, além de dificultar o processo espiritual no controle dos sentidos e da mente.

6. Associar-se regularmente a pessoas que estejam no mesmo caminho, isto é, que estejam praticando *bhakti yoga*.

A modo de síntese a prática dos *vaishnavas* resume-se em seguir quatro princípios: não comer carne, peixe nem ovo, não se intoxicar, não praticar sexo ilícito e não participar em jogos de azar, compromisso feito pelos discípulos antes de ser iniciados ante um *guru*. O cantar do “*maha mantra*” é fundamental neste tipo de *yoga*. Os *shastras* explicam que este processo é recomendado especificamente em *Kali-yuga*, com exigências mínimas em austeridades e regras, todas possíveis de realizar para o homem moderno. Aliás, é aconselhado como o método mais direto e simples para alcançar a verdadeira liberação nesta era, e como única forma de acabar com o ciclo de nascimento e morte, apesar de que ainda são reconhecidas outras formas de crescimento espiritual. Toda religião teria uma função específica de acordo à mentalidade da época.

### 3.5.2. Atividades espirituais e vida quotidiana

O canto congregacional (*kirtana*) e o canto individual (*japa*) são uma das atividades mais importantes para este movimento, pois as escrituras afirmam que estabelece uma relação direta com Deus (*Krishna*) e mantém a mente calma e os sentidos controlados. Este processo consiste em cantar o “*maha mantra*”, isto é, a repetição constante de um texto que contém três palavras sânscritas: *Hare, Krishna e Rama*:

*Hare Krishna, Hare Krishna*

*Krishna Krishna, Hare Hare*

*Hare Rama Hare Rama*

*Rama Rama Hare Hare*

A palavra *Hare* significa a energia que “põe a alma condicionada em contato com Deus”, isto é, a energia impessoal de Deus. As duas restantes (*Krishna* e *Rama*) são nomes de Deus que envolvem qualidades (“o todo atrativo” e “a fonte de todo prazer” respectivamente)<sup>24</sup>. O significado deste mantra é o seguinte: “O Senhor todo-atrativo, fonte de todo prazer, ó energia do Senhor, por favor, ocupai-me em Vosso serviço devocional”.<sup>25</sup>

Para um ocidental não acostumado a este tipo de atividades e hábitos, pode parecer surpreendente que alguém possa dedicar aproximadamente duas horas durante o dia para cantar um *mantra* e dedicar a sua vida em executar esse tipo de *yoga*. Porém na Índia é muito comum e corriqueiro ver pessoas cantando *mantras*, realizando oblações e cerimônias de diferentes ídoles, com diferentes objetivos individuais ou coletivos, tanto materiais quanto espirituais.

O canto congregacional vai acompanhado de instrumentos musicais, como a *mirdanga*<sup>26</sup> e os *karatalas*<sup>27</sup> - e a entusiasta dança dos devotos e, a maiorias das vezes, dos convidados que ficam envolvidos pelo ambiente festivo e descontraído. Este momento de adoração exaltada, com freqüência contrasta com a severa disciplina que deve cumprir um devoto na sua atividade diária.

A disciplina de um devoto que mora no *ashrama*<sup>28</sup> consiste em levantar-se cedo - quatro horas da manhã - e participar na adoração das deidades<sup>29</sup> do templo a través do canto de diferentes *mantras* em sânscrito e a oferenda feita pelo *pujari* (adorador).<sup>30</sup> Estes rituais terminam aproximadamente às 7.30 AM com a adoração ao *guru*. Realizam-se diversas cerimônias durante o dia, orientadas fundamentalmente para a adoração a *Krishna* e, para a própria purificação pessoal.

Por volta das oito horas faz-se o desjejum e se “toma *prasadam*”, isto é, alimento ve-

---

<sup>24</sup> Definições encontradas no Glossário do *Bhagavad-gita*.

<sup>25</sup> Revista Vida Suprema. n.3, Ano I, 1990.

<sup>26</sup> Tipo de tambor de barro utilizado para o Canto Congregacional .

<sup>27</sup> Címbalos de mão.

<sup>28</sup> Lugar sagrado onde se realizam práticas espirituais. Também denominado “Templo”.

<sup>29</sup> Oferecem-se diversos utensílios às deidades, como incenso, fogo (lâmparas), água, flores, etc.

<sup>30</sup> A palavra em sânscrito é *archa-vigraha* e não tem a conotação de ídolo como é compreendida no Ocidente. A deidade é considerada uma representação de Deus que facilita o contacto entre o devoto e a divindade, e que é instalada através de uma cerimônia religiosa feita pelos *brahmanas*.

getariano oferecido a Deus, através de um *mantra* específico. A diferença da tradição ocidental, cristã ou judaica na qual se agradece o alimento a Deus antes de comer, neste caso se oferece a preparação primeiramente a *Krishna*, sem a ter antes experimentado. No *Bhagavad-gita Krishna* afirma: “Se alguém Me oferecer, com amor e devoção, folhas, flores, frutas ou água, Eu as aceitarei”. (Bg. 9.26)

Segundo a literatura védica, a intenção deste ritual é, mais que tudo, uma forma de mostrar a devoção, a lembrança e o reconhecimento do devoto por Deus, devido a que Ele prove todos os recursos materiais para a subsistência. O ato de oferecer significa que Deus purifica o alimento deixando-o livre de *karma* e, portanto, liberando a pessoa das reações pecaminosas que envolve a matança de qualquer ser vivo, inclusive de um vegetal.

Durante o dia a maior parte dos devotos sai para a rua com o propósito de distribuir livros e incenso como forma de divulgar os ensinamentos de *Prabhupada* e a cultura *vaishnava*. Outros devotos cozinham, fazem a limpeza do templo, ou realizam outras atividades relacionadas ao serviço devocional.<sup>31</sup>

A maioria das pessoas aproxima-se ao templo através da leitura dos livros e, muitas vezes pela curiosidade que envolve o tipo de pregação e os costumes próprios da vida devocional. Não é fácil para os devotos conseguir que alguém aceite seguir regras e princípios que entram em choque com o modo de vida de um ocidental cristão, acostumado a ser apenas observante em sua religião. Através das diversas entrevistas a *Srila Prabhupada*, podemos confirmar que ele sempre enfatizava aos seguidores de outras religiões, a importância de seguir os mandamentos de seus próprios sistemas religiosos de uma forma estrita. Ele comentava que qualquer religião que ensinasse a amar a Deus é de primeira classe e, portanto, transcendental.

Todos os domingos é realizado um festival no templo, dia em que vão visitantes que participam nas diferentes cerimônias. Aproximadamente às 18 horas começa o *bhajan* (canções) e às 19 horas se realiza o *kirtana* (glorificação coletiva a Deus), com danças e música

---

<sup>31</sup> Geralmente são os *brahmacharis* (monges) que fazem *sankirtana* (distribuição de livros) e os *grihasthas* (devotos casados) realizam outro tipo de tarefas, mas em muitos casos, sem abandonar seu trabalho dentro da sociedade.

num ritmo que convida a unir-se ao compasso dos devotos. Depois se realiza uma palestra baseada no *Bhagavad-gita* para finalizar com um jantar vegetariano, distribuído para todos os convidados.

Segundo Prabhupada “o seguidor do movimento de consciência de Krishna deve se tornar um ‘*gosvami perfeito*’”, que significa “amo dos sentidos” (literalmente *go* é “os sentidos”, e *svami* “o amo”).<sup>32</sup> Os candidatos a *vaishnavas* devem seguir uma disciplina austera, que envolve uma série de atividades e princípios tendentes em primeira instância a mudar os hábitos considerados negativos que são adquiridos na sociedade ocidental (intoxicação, consumo de carne, etc.). Depois de um período que varia de acordo a cada pessoa, o *bhakta* (devoto neófito) pode aspirar a ser iniciado, isto é, aceitar um mestre espiritual que lhe dará um novo nome, sendo o seu guia espiritual por toda a sua vida. O aspirante deve prometer cantar dezesseis voltas (cantar o *maha mantra* 16 vezes num “rosário” de 108 contas) e seguir quatro princípios básicos.<sup>33</sup> Esta cerimônia tem uma longa tradição na Índia e esta aberta à presença do público.

Além do *sankirtana* e das festas abertas aos diversos tipos de visitantes, os devotos realizam um programa denominado “Alimentos para Vida”,<sup>34</sup> o qual visa a distribuição de alimentos para diferentes grupos de pessoas, tanto para a população mais carente e marginalizada quanto para universitários, pessoas idosas e instituições de beneficência. Segundo o Movimento *Hare Krishna*, este tipo de trabalho social não é apenas material, mas sobretudo espiritual. Pois, de acordo com os *vaishnavas*, a comida vegetariana que primeiro foi oferecida a Deus, purifica o coração e a mente, ajudando no processo de revelar a original consciência divina inerente a todo ser vivo.

---

<sup>32</sup> Prefácio do *Upadeshamrita*.

<sup>33</sup> Estes princípios já foram explicados anteriormente no capítulo 3.5.1.

<sup>34</sup> O programa “Food for Life” (Alimentos para a Vida) é uma atividade difundida pelo mundo todo e segundo estatísticas atuais, desde sua formação tem distribuído mais de um bilhão de refeições em diferentes países.

#### 4. O MHK e seu relacionamento com o meio ambiente.

“Se temos suficientes cereais, frutas, vegetais e ervas, então qual a necessidade de manter um matadouro e matar os pobres animais? Um homem não precisa matar animal algum se ele tem suficientes cereais e vegetais para comer. O fluxo das águas de um rio fertiliza os campos, e isso é mais do que necessitamos. Os minerais são produzidos nas montanhas, e as jóias no oceano. Se a civilização humana tem suficientes cereais, minerais, jóias, água, leite, etc. por que então deveria ansiar por terríveis empreendimentos industriais à custa do trabalho de alguns homens desafortunados”. (SB 1.8.40)

##### 4.1. Uma forma de organização sócio-espiritual e ecológica: o *varnashrama* e a cultura agrária.

A visão orgânica da vida na filosofia védica corresponde à idéia que toda entidade viva é uma alma individual e, ao mesmo tempo, fragmento de Deus. Não é difícil imaginar que deste ponto de vista o respeito pela natureza não é apenas uma maneira de manter o equilíbrio natural para preservar a vida, mas, principalmente, permitir a existência de outras formas vivas (não humanas), também possuidoras de alma e capazes de se relacionar com Deus. Segundo os *Vedas*, esta centelha espiritual transmigra de corpo em corpo, e ninguém tem o direito de deter este processo evolutivo, pelo menos de forma consciente.

O MHK tenta adaptar o sistema *varnashrama* ao contexto ocidental atual, mas sem mudar a essência, tornando-o mais flexível e tolerante. *Srila Prabhupada* afirmava que o primeiro passo para uma sociedade espiritual era formar *brahmanas*, ou seja, homens qualificados para orientá-la, possuidores de qualidades morais superiores como a veracidade, limpeza, austeridade e compaixão. Este grupo de *brahmanas* formaria a cabeça da sociedade, encarregada de dar a direção ao corpo e guiar desta forma, a comunidade toda, visando o bem-estar individual e coletivo, humano e não humano. Em termos teóricos, a motivação destes *brahmanas* seria

orientar aos administradores para manter o equilíbrio social, sem interesses particulares. Segundo os textos védicos, o verdadeiro objetivo do *varnashrama-dharma* é despertar o interesse pelo autoconhecimento e o desapego e, desta maneira, progredir gradualmente no caminho da auto-realização.

Antigamente na civilização védica existiam os *gurukulas*, ou “casa do mestre espiritual”, onde as crianças provenientes dos três *varnas* superiores eram treinadas a partir dos cinco anos em disciplinas relacionadas ao controle dos sentidos, ao desapego e, ao estudo dos *Vedas*.

Segundo os *shastras*, um ambiente propício para o desenvolvimento espiritual é a vida no campo, pois ela seria a mais adequada a prover as condições favoráveis para suprir as necessidades básicas e para a pessoa concentrar-se em atividades transcendentais. Neste contexto as pessoas gastariam uma porção da energia humana para a produção de alimentos, abrigo e moradia, e ocupariam a maior parte do tempo em progresso espiritual.

*“No campo as dores cruciantes deste mundo material são atenuadas. Desse modo, você pode organizar sua vida visando a um benefício verdadeiro. Benefício espiritual... Você trabalha só um pouco - apenas para sua manutenção - um mês e meio em primavera para plantar, e um mês e meio no outono para colher. Você ocupa todos seus talentos e energias para compreender Deus...” (Srila Prabhupada, 1969)<sup>1</sup>*

Contudo, não está se afirmando uma dicotomia em termos de antagonismo entre campo e cidade, mas, sim, entre agricultura e industrialismo. O problema colocado nos *Vedas* e explicado por *Prabhupada*, está relacionado com o uso da energia humana em atividades direcionadas apenas ao aumento da produção, à ganância e à criação de necessidades artificiais. No *Bhagavatam*, *Prabhupada* escreve:

*“A energia produtiva do trabalhador é mal usada quando ele é ocupado em empreendimentos industriais...A produção de*

---

<sup>1</sup> Entrevista a *Srila Prabhupada* na fazenda *New Vrindavan*, em Virginia Ocidental (EUA) do ano 1976.

*máquinas operatrizes e ferramentas aumenta o modo de vida artificial de uma classe de proprietários interessados e mantém milhares de homens à mingua e na inquietação. Esse não deve ser o padrão de civilização” (SB 1.9.26)*

Sri La Prabhupada afirma que a prosperidade humana floresce pelas “dádivas naturais”, e não pelos gigantescos empreendimentos industriais, produtos de uma civilização sem Deus. Estes presentes da natureza, tais como cereais, grãos, frutas, legumes, rios, colinas de jóias e minerais, são abundantes e outorgados pelo Supremo e, portanto, suficientes para uma convivência pacífica e satisfatória. Desde esta ótica, o problema real começa quando o ser humano tem o desejo de assenhorear-se da natureza material e esquece sua condição natural de alma espiritual, pensando que é este corpo material. Este tipo de identificação confundiria e perturbaria a alma individual, já que as atividades começam a ser orientadas apenas a metas materiais, abandonando a reflexão e a busca de conhecimento supramaterial.

As indústrias de diversas classes seriam apenas um exemplo da mentalidade prevalente na era de *Kali-yuga*, e, não, um estágio de progresso ascendente através de história, como se afirma desde um ponto de vista ocidental.<sup>2</sup>

*“Quanto mais continuarmos a aumentar essas indústrias problemáticas para sufocar a energia vital do ser humano, tanto mais haverá inquietação e insatisfação das pessoas em geral, embora apenas poucas possam viver suntuosamente através da exploração”.(SB 1.8.40)*

As comunidades rurais visam ser uma reprodução da antiga “cultura védica”, com o propósito de serem auto-suficientes e cultivarem uma vida espiritual num ambiente favorável a este objetivo. A ênfase colocada na prática agrária entra em contraposição com o industrialismo moderno que, segundo a literatura védica, é caracterizado por desenvolver atitudes e práticas “asúricas”<sup>3</sup> no ser humano, tanto nos empresários, quanto nos trabalhadores e na sociedade

---

<sup>2</sup> É a teoria que propõe uma história linear e em constante evolução, a diferença da idéia do tempo circular proposto pelas visões orientais ou platônicas.

<sup>3</sup> Em sânscrito a palavra *asura* significa demônio, mas tem uma conotação diferente à idéia que conhecemos no Ocidente. Os *asuras* seriam pessoas que tem qualidades defeituosas (ausência de veracidade, limpeza, compaixão, austeridade, autocontrole, livre de ira e cobiça, etc), e não acatam os preceitos das

no seu conjunto. A cultura agrária, em contraposição, fomentaria atitudes e comportamentos favoráveis ao cultivo espiritual e estimularia as qualidades “divinas”. A base e o sustento da sociedade seria a agricultura e, fundamentalmente, o cuidado e a proteção da vaca e do touro.

O especial cuidado com os animais em geral, e a vaca em particular, reflete a tradição de uma cultura longínqua no tempo – tal como mostram os textos védicos – que protegia a vaca por ser o animal preferido de *Krishna*. Os devotos afirmam que de um ponto de vista apenas prático é mais produtivo uma vaca viva (que proporciona leite e derivados por mais de 10 anos) do que uma morta, quando ela pode satisfazer o prazer por pouco tempo através da carne.

A literatura védica afirma que o ser humano não deve se alimentar de carne, porque não corresponde à sua natureza nem a seu nível de consciência, além deste não possuir um sistema fisiológico e anatômico adequado para digerir carne. Outro aspecto relevante relacionado ao consumo carne é que esta prática é desfavorável para o desenvolvimento de certas virtudes como a compaixão, que corresponde a um dos quatro princípios seguidos pelos *vaishnavas* e, uma das qualidades consideradas básicas para uma melhor compreensão espiritual.

*“A Terra que faz parte da energia de Deus, prove a todas as criaturas o necessário para a sua manutenção... porém, entre as espécies, os seres humanos têm uma responsabilidade para com a Terra”.<sup>4</sup>*

De acordo com esta visão, um argumento econômico para não consumir carne é que as empresas ou indústrias de qualquer setor produtivo não podem produzir as necessidades essenciais do ser humano, tais como os cereais, grãos, leite, frutas e verduras. A matéria prima que nos proporciona a natureza é praticamente gratuita e não requer um grande esforço para seu produto final e nem as complicadas máquinas para obter o resultado último.

A diferença da visão moderna na qual o conceito de propriedade apenas se associa com o ser humano, na cultura védica existe uma concepção que nega qualquer possessão material, a qual pertenceria só a Deus. Desta forma todas as entidades vivas têm o direito intrínseco à

---

escrituras sagradas. Não teriam pontos referenciais éticos nem inclinação espiritual.

<sup>4</sup> Introdução do livro “Vida Simples. Pensamento Elevado”, uma coletânea de palestras e conversas dadas por *Srila Prabhupada*.

sua própria existência de acordo a suas necessidades e características inerentes e, portanto, elas podem usufruir do meio natural segundo a sua natureza específica.

*“A sabedoria da Índia milenar ensina que Krishna, ou Deus, o proprietário último de tudo, animado e inanimado, e que cada ser vivo na Terra, segundo suas necessidades, tem o direito inerente de partilhar as riquezas dadas por Deus neste planeta”.<sup>5</sup>*

Segundo esta concepção, a missão do ser humano é trabalhar a terra apenas para satisfazer as necessidades básicas e se dedicar completamente à vida espiritual, aproveitando as dádivas da natureza de uma forma desapegada. O esforço individual e social deveria centrar-se basicamente no cultivo espiritual, cumprindo as funções estabelecidas e prescritas nos *shastras*, sem desviar a atenção e a energia humana em assuntos mundanos e temporários.

Ainda segundo esta visão, tanto o corpo individual quanto a natureza material são instrumentos outorgados por Deus, razão pela qual deveriam ser bem aproveitados no cuidado e no respeito do veículo para auto-realização. Assim, na economia védica,

*“considera-se que uma pessoa é rica pela quantidade de cereais e vacas que ela tenha.. todas as outras coisas são necessidades artificiais criadas pelo homem para destruir sua vida valiosa no nível humano e perder seu tempo com coisas que não são necessárias”.(S.B.3.2.29).*

A preocupação essencial para com o meio natural parece ser uma atitude relacionada com o conceito de considerar a matéria apenas como um instrumento para o processo espiritual. Mas o conhecimento de que “não somos este corpo e sim espírito puro”, deve realizar-se no comportamento e nas ações quotidianas, assim como nos valores e princípios seguidos de uma forma consciente e prática. Esse raciocínio é o guia essencial na prática *vaishnava*, pois sem vida prática não tem sentido a filosofia. Se as pessoas defendem o meio ambiente, mas na sua própria vida pessoal não conseguem ser coerentes com este valor dirigido à vida, não há ma-

---

<sup>5</sup> Idem.

neira de se realizar um avanço nem sequer em termos materiais. No seguinte parágrafo descreve-se a atitude ideal de um devoto que possui qualidades espirituais, ou de qualquer pessoa que almeje uma melhoria ética:

*“O devoto de Krishna, preocupado com todas as entidades vivas, naturalmente advoga um modo de vida que esteja em comunhão com a Terra. Embora sejam transcendentalistas e aspirem a voltar para o reino eterno de Deus, um planeta espiritual, os devotos se importam com a Terra”. Assim se desenvolve a consciência espiritual”.*<sup>6</sup>

Os *arianos* veneravam a natureza mais do que tudo, por considerá-la manifestação de Deus e fonte de subsistência capaz de prover o necessário para as diferentes formas de vida. A abundância de bens materiais numa sociedade e a sua adequada distribuição dependeria do modo como são seguidas e respeitadas as injunções védicas. No primeiro Canto do *Bhagavatam*, a rainha *Kuntí* descreve a civilização védica, destacando o encanto da natureza, a abundância dos recursos naturais e a beleza da criação:

*“Todas as cidades e vilas estão florescendo sob todos os aspectos porque as ervas e cereais existem em abundância, as árvores estão cheias de frutas, os rios estão fluindo, as colinas estão repletas de minerais e os oceanos plenos de riquezas...”* (SB. 1.8.40).

Poderíamos dizer, a modo de síntese, que o fim último de toda entidade viva (*jivatma*) seria sair do mundo material (não reencarnar mais), terminando com sua posição de alma condicionada à matéria. O objetivo final para os devotos que seguem uma visão personalista de Deus (*Bhagavan*) é voltar ao céu espiritual, lugar descrito como eterno, pleno de conhecimento e bem-aventurança, e a companhia de *Krishna*, a Pessoa Suprema. Dentro desta lógica a existência de cada pessoa no mundo material deveria ser aproveitada de uma maneira que permita alcançar as qualidades divinas e poder permanecer de uma forma pacífica num contexto complexo e diversificado.

---

<sup>6</sup> Introdução do “Vida Simples, Pensamento Elevado” de *Srila Prabhupada*. VIII.

Este mundo é considerado apenas uma passagem pela existência e, portanto, o apego à família, ao lar e à terra, seria ilusório, isto é, transitório, ainda que real. A base da estrutura política e social segundo a cultura védica, são os *varnas*, caracterizados por dividir a população em quatro classes sociais, onde cada indivíduo ocuparia uma função específica segundo suas qualificações. Na estrutura espiritual - os *ashramas* - cada indivíduo desempenharia sua função religiosa de acordo a suas aptidões. Na estrutura econômica a agricultura é o pilar fundamental, junto com o comércio e as atividades artesanais.

#### 4.2. O vegetarianismo: um dos pilares da sociedade védica.

Os *Vedas* explicam que em *Kali-yuga* existem os quatro maiores tipos de vícios: ligação ilícita com mulheres, matança de animais, intoxicação e jogos especulativos.<sup>7</sup> *Sriia Prabhupada* menciona que a atividade mais pecaminosa é a matança de animais e o consumo de carne, proveniente de matadouros planejados e dispostos para este objetivo.

Com o transcurso do tempo - principalmente no século XX - o consumo de carne tem se globalizado e criado um estilo de vida muito peculiar, que abrange todos os estratos sociais e as diversas culturas. Paralelamente à propaganda do “fast food”, dos hamburgers e dos produtos industrializados, têm surgido alarmantes denúncias provenientes de médicos, ecologistas e grupos defensores do meio ambiente, alertando sobre os prejuízos e as conseqüências desfavoráveis no consumo deste tipo de alimentação para a saúde humana e para a natureza.

Os *vaishnavas* e as pessoas de diversos setores da sociedade que promovem uma dieta vegetariana reconhecem-se respaldados pelas atuais pesquisas médicas e pelos estudos econômicos, quando eles apóiam um menor consumo ou mesmo a abstenção de carne na dieta normal, aconselhando uma vida mais natural, isenta de violência. Evidências científicas confirmam essa tese e proporcionam dados atuais, explicada no *Ayur-veda* há milhares de anos atrás.<sup>8</sup>

Os motivos para evitar carne são variados e explicados com diferentes argumentos, passando pela economia, a saúde, a ecologia, a ética, a religião, o *karma* individual e coletivo, e

---

<sup>7</sup> SB. 1.1.6

<sup>8</sup> Sistema médico milenar que trata a saúde desde uma ótica integral (corpo-mente). Um dos temas tratados nos *Vedas* relacionados com a saúde (física e mental), os hábitos e a qualidade de vida. Significa “ciência da vida” ou a “ciência da saúde”.

sobretudo pelo direito à vida. O vegetarianismo não é um costume próprio da cultura “hinduista”, mas de inúmeros tipos de povos ao redor do mundo. Ele é também assumido por diferentes personagens históricos que aderiram a esta prática por motivos especialmente éticos. Por estes motivos podemos perceber que não é uma moda nem uma forma de vida destinada a uma elite socioeconômica e cultural específica.

O vegetarianismo está associado a outras práticas e hábitos vinculados a uma forma particular de entender o mundo, a vida, a natureza, o ser humano e a suas relações e interações. O termo “vegetariano” empregado pelos fundadores da Sociedade Vegetariana Britânica em 1842, vem da palavra “*vegetus*”, que significa íntegro, são, fresco, ou vigoroso. Uma pessoa mental e fisicamente vigorosa é denominada de “homo *vegetus*”. O significado original do conceito envolve um tipo de filosofia e um sentido moral da vida, muito mais que apenas uma dieta de frutas e vegetais.

É interessante constatar que a maior parte dos comedores de carne assinala que eles consomem este tipo de alimento quase sempre apenas por gosto, por prazer. Além dessa explicação e aprofundando mais no tema, encontramos que o único fundamento concreto para se preservar este hábito é um costume que vem desde os primeiros anos de existência do indivíduo, apoiado pela nutrição ocidental que dá ênfase à proteína. O mito da proteína há muito tempo que foi contestado e há, inclusive, pesquisas atuais mostrando como pode ser prejudicial o excesso deste nutriente no organismo humano. A antiga referência sobre o ideal protéico era de 160 gramas por dia, mudou hoje para apenas 45 gramas diárias.<sup>9</sup>

Os únicos defensores do consumo de carne que proporcionam um argumento coerente com os seus interesses particulares, são os donos das grandes empresas “cárnicas”, quando colocam o tema desde um ponto de vista econômico. A continuação propomos uma lista de alguns argumentos que defendem e promovem o vegetarianismo, explicados de uma maneira básica, mas enunciando as principais razões desde diferentes óticas e perspectivas.

#### A. Razões econômicas:

Enquanto nos países ricos as pessoas morrem por doenças cardiovasculares e cânceres relacionados com o excessivo consumo de uma dieta de alimentos animais, o resto da po-

---

<sup>9</sup> É um cálculo aproximado baseado no peso de cada pessoa e aceito pela OMS.

pulação não tem o mínimo para nutrir os seus corpos.<sup>10</sup>

Segundo um estudo realizado pela Earthsave Foundation,<sup>11</sup> a produção da carne fomenta a fome no mundo. De acordo com os seus dados, se os norte-americanos diminuíssem seu consumo de carne em apenas um 10%, 100 milhões de pessoas seriam beneficiadas e poderiam ser alimentadas adequadamente, devido a que a terra, a água e a energia empregadas na criação de gado ficariam livres para o cultivo de vegetais e cereias.

J.M. Casado Sierra confirma esta informação baseado na experiência europeia: *“50 millones de personas podrían alimentarse si los países de la Unión Europea redujeran en un 10% su consumo de carne. Si esto también lo hicieran los norteamericanos, habría alimento para 100 millones de personas más”*. (J.M. Casado, 1997)

Segundo alguns cálculos estimativos, um pedaço de filé de 150 gramas, destinado ao consumo de uma só pessoa, poderia alimentar 50 pessoas se a área de seu cultivo fosse destinada à produção de cereais. Isto significa que o custo de produção equivalente a 50 xícaras de cereal é igual a um pedaço de carne, considerando a água, o espaço e o alimento empregado para alimentar o animal que será sacrificado.

Para alimentar durante um ano a uma pessoa que coma alimentos que incluam carne, seriam necessários 3.000 metros quadrados de terra, mas para alimentar a uma pessoa durante este mesmo lapso de tempo, desde que ela coma alimentos vegetais, bastariam apenas 660 metros quadrados. Com o espaço de terra calculado para apenas um consumidor de carne, poderia-se alimentar a uma maior quantidade de pessoas que comem alimentos vegetais.<sup>12</sup>

Outros dados gerais que apoiam esta posição são os seguintes:

- Um bilhão de pessoas poderiam se alimentar com os cereais e a soja destinados ao consumo do gado norte-americano a cada ano.
- Sete pessoas poderiam ser nutridas com o valor nutritivo dos cereais e da soja empregadas para produzir carne consumidos por um norte-americano médio a cada ano.
- A quantidade da produção total de cereais dos EUA consumida pelo gado é de aproxi-

---

<sup>10</sup> INTERNET <http://www.redaalternativa.com/hambre.htm>

<sup>11</sup> INTERNET <http://www.redaalternativa.com/tcarne.htm>

Earthsave Foundation, Sta Cruz, California.

<sup>12</sup> Idem.

madamente 70%.

B. Razões sócio-ecológicas:

Os problemas econômicos mencionados anteriormente em relação à produção e ao consumo de carne provocam desestabilidade e desequilíbrio social que atinge uma grande massa da população. Ao invés de alimentar o gado com cereais e grãos, estes poderiam ser dados para as pessoas carentes, economizando desta forma uma quantia suficiente para acabar com a fome e a desnutrição, um dos grandes problemas sociais que enfrenta a sociedade atual. Além de uma inadequada distribuição dos alimentos a nível mundial, existe também uma produção desnecessária e com fins meramente lucrativos.

O consumo de carne também utiliza os recursos naturais incorretamente. Um terço de todas as matérias primas consumidas pelos EUA está dedicado à produção de gado. A modo de exemplo: para produzir 450 gramas de carne de vaca utilizam-se 7 Kg. e 200 gramas de cereais. Outro dado a considerar é que a quantidade de nutrientes investidos em cereais e soja são esbanjados na criação de gado: 90% de proteína, 99% de carboidratos e 100% de fibra.

Do ponto de vista do espaço-ambiente a produção de gado para consumo de carne utiliza a massa da terra de uma forma exagerada e consome grandes quantidades de energia. Também esgota as reservas de água e a contamina, recebendo importantes subvenções governamentais. Ela provoca erosão do solo, desertificação e destruição das selvas tropicais, aumentando o dióxido de carbono, a quantidade de metano e a quantidade de agrotóxicos, entre outras conseqüências.

Podemos observar que os problemas econômicos e ecológicos estão intimamente relacionados com a qualidade de vida da população e, portanto, com o seu desenvolvimento social e psicológico. Esta situação gera graves conseqüências sociais manifestadas na desnutrição, na má qualidade da alimentação, na marginalização e na enorme quantidade de pessoas que não possuem nem sequer as condições básicas para sobreviver. O desmatamento massivo – na Índia como exemplo – têm gerado efeitos sociais manifestados em doenças, desnutrição e gasto para a saúde pública, que poderiam ser evitados.

### C. Razões de saúde:

Podemos constatar que nas últimas décadas deste século e, particularmente nestes últimos anos, estamos presenciando uma discussão de vários temas polêmicos relacionados com os hábitos cotidianos, típicos da sociedade industrial moderna. O tema do tabaquismo, a nutrição, o excesso de gorduras, a vida sedentária, entre outros, estão presentes no discurso público, nas grandes conferências e nas atividades quotidianas.

Os argumentos mais proeminentes estão relacionados com a saúde e a qualidade de vida, no sentido de melhores condições não só físicas, mas também mentais. Um país altamente desenvolvido como os EUA, está visivelmente preocupado pelo estilo alimentar de sua população. Problemas coronários, renais e hepáticos, hipertensão, obesidade, câncer, são algumas das doenças identificadas como consequência direta do consumo de carne. A pesquisa nesta área está fortemente influenciada pelo gasto social em saúde que significa para o governo, mais que em outra causa. A porcentagem significativa de doentes provocado pelo modo de vida moderno inclui uma dieta pobre em fibras, vitaminas e minerais, em contraposição a um alto índice de gorduras saturadas, proteínas e produtos refinados como o açúcar, sal e farinhas. As consequências do consumo de carne estão sendo reavaliadas em termos médicos, ambientais, econômicos e até psicológicos.

Estudos científicos sobre este tema não faltam e as conclusões são muito semelhantes, concordando basicamente em três pontos: alimentação, vida sedentária e stress. A ciência moderna que anteriormente subestimava os antigos argumentos e orientações de culturas não carnívoras a respeito de nutrição, freqüentemente confirma este tipo de conhecimento. As pesquisas experimentais em matéria de alimentação e qualidade de vida revelam uma conexão estreita entre doenças e hábitos alimentares, que fazem refletir sobre uma atividade realizada mecanicamente.

Uma das explicações científicas está associada à anatomia e à fisiologia do ser humano, quando comparado com o animal carnívoro e o herbívoro. A continuação mostramos um esquema sobre este assunto, que descreve em parte o aspecto biológico da alimentação vegetariana e carnívora.

### Comparações fisiológicas e anatômicas

CARNÍVORO	SER HUMANO	HERBÍVORO
Têm presas	Não têm presas	Não têm presas
Sem poros cutâneos, transpiram através da língua	Transpiram através de poros cutâneos	Transpiram através de poros cutâneos
Dentes frontais agudos para cortar, sem dentes molares posteriores para triturar	Sem dentes frontais agudos, têm molares posteriores achatados	Sem dentes frontais agudos, têm molares posteriores achatados
Trato intestinal 3 vezes o comprimento do corpo de modo que a carne em rápida decomposição possa ser eliminada imediatamente.	Trato intestinal 6 vezes o comprimento do corpo	Trato intestinal 6 vezes o comprimento do corpo
Forte concentração de ácido clorídrico no estômago para digerir a carne, ossos, etc.	Ácido do estômago 10 vezes menos concentrado que o dos carnívoros	Ácido do estômago 10 vezes menos concentrado que o dos carnívoros
Pequenas glândulas salivares (não são necessárias para preparar a digestão de grãos e frutas)	Glândulas salivares muito desenvolvidas, necessárias para preparar a digestão de grãos e frutas	Glândulas salivares muito desenvolvidas, necessárias para preparar a digestão de grãos e frutas
Saliva ácida. Ausência de enzima ptialina que prepara a digestão dos cereais	Saliva alcalina. Presença de ptialina para preparar a digestão dos cereais.	Saliva alcalina. Presença de ptialina para preparar a digestão dos cereais.

Fonte: Baseado no quadro de A.D. Andrews no seu livro Fit Food for Men.<sup>13</sup>

#### D. Razões éticas:

O tema da matança de animais não aparece apenas na literatura védica ou em diferentes textos sagrados como o Corão e a Bíblia. Diversos filósofos e pensadores ocidentais defenderam a proteção de animais e criticaram a matança deles. São conhecidos vários sábios através da história que compartilharam este mesmo pensamento, mais como uma conduta ética

<sup>13</sup> Chicago, Associação Higienista Americana, 1970.

que como uma simples decisão apenas pessoal, como normalmente acontece hoje em dia.

O vegetarianismo - mais como um estilo de vida que como uma simples dieta - está se tornando um tema importante que abrange não apenas uma opção individual, como o seria o escolher um esporte. O argumento de ser o vegetarianismo uma opção pessoal não está encontrando apoio nas pesquisas sobre este tema, pois como já vimos, o consumo de carne está sendo associado a efeitos na qualidade de vida da sociedade em seu conjunto, já que existe aí um impacto a nível socioeconômico e ambiental.

Existem vários pensadores ao longo da historia ocidental, que optaram pelo vegetarianismo, e em muitos casos eles foram ativistas dentro de suas próprias profissões.<sup>14</sup> Entre os antigos, Pitágoras, reconhecido filósofo grego - mais conhecido pelo seu aporte às matemáticas e à geometria - era mais que tudo um grande naturalista e na sua vida quotidiana testemunhava sua opção de vida. O biografo Diógenes conta que muitas vezes Pitágoras pagava aos pescadores para que devolvessem os peixes no mar. Ele disse há 26 séculos atrás: *“...La Tierra nos da una inmensa cantidad de riquezas de inocentes alimentos y nos ofrece banquetes que no involucran derramamientos de sangre ni matanças...”*<sup>15</sup>

Sócrates e Platão eram vegetarianos convictos e defensores desta concepção de mundo. O primeiro explicava que uma das causas principais da guerra era o consumo de carne, pois para cuidar do gado os donos de terra tinham que possuir cada vez mais terreno para mantê-lo. Como conseqüência desta concepção de mundo as pessoas começam a brigar por alcançar um maior espaço e poder produzir mais quantidade de carne.<sup>16</sup>

Plutarco - escritor romano - redigiu um ensaio sobre o hábito de comer carne intitulado “Acerca de comer carne”, que reflete claramente o seu pensamento e os seus hábitos:

*“...me pregunto por qué gran accidente y en que estado mental el primer hombre utilizó su boca para desgarrar y llevó sus labios a la carne de una criatura muerta, tendió su*

---

<sup>14</sup> Ademais dos citados no texto, foram vegetarianos: Clemente de Alexandria, o Rei Asoka, Montaigne, Akbar, John Milton, Sir Isaac Newton, Emanuel Swedenbourg, Voltaire, B. Franklin, J.J. Rousseau, Lamartine, Emerson, Thoreau, G. B. Shaw, R.Tagore, A. Schweitzer.

<sup>15</sup> Na publicação realizada em espanhol pelo MHK “Sabe Usted lo que Come” p.8

<sup>16</sup> Na “República de Platão” explica-se com detalhe esse argumento. Editora Nova Cultural, 1997.p.58-60.

*mesa con cuerpos y pálidos y se aventuró a llamar alimento y nutrición a esos seres en que en un momento se alegraron, lloraron, se movieron y vivieron...”<sup>17</sup>*

E continúa...

*“Cómo pudieron sus ojos soportar la matanza cuando sus gargantas eran cortadas y sus miembros descuartizados? Cómo pudo su nariz soportar esos olores? Cómo es que esa contaminación no tornó su gusto y pudo beber jugos y serúmenes de heridas mortales?...Por un poco de carne les privamos del sol, la luz y de la duración de la vida a la cual tienen derecho”<sup>18</sup>*

Leonardo da Vinci escreveu: *“Realmente el hombre es el rey de las bestias, porque su brutalidad excede la de ellas. Vivimos de la muerte de otros, somos como cementerios andantes. Llegará un momento en que el hombre verá el asesinato de los animales como ahora él ve el asesinato de los hombres”<sup>19</sup>*.

Gandhi - o grande apóstolo da não-violencia - disse: *“La grandeza de una nación y su progreso moral pueden ser juzgados por la manera en que ellos tratan a sus animales. Yo siento que el progreso espiritual requiere que en algún momento dejemos de matar a nuestras criaturas hermanas para la satisfacción de nuestros deseos corporales”<sup>20</sup>*

Tolstoy, um dos maiores escritores da literatura universal, disse: *“El hombre suprime innecesariamente su capacidad espiritual más grande, aquella de simpatía y piedad hacia las criaturas vivas como él mismo, y por violar sus propios sentimientos se vuelve cruel...Mientras nuestros corpos sean las tumbas vivientes de animales asesinados, como podemos esperar alguna condición ideal en la Tierra?”<sup>21</sup>*

O grande físico, A. Einstein também era vegetariano e comentou muitas vezes a sua op-

---

<sup>17</sup> Sabe Ud. Lo que Come, op.cit., p.103.

<sup>18</sup> Idem p.8

<sup>19</sup> Idem p.9

<sup>20</sup> Idem p.9

<sup>21</sup> Idem p.8.

ção pessoal, afirmando que esta influía significativamente no comportamento e no destino da humanidade. *“Por la pura acción física sobre el temperamento humano, el modo de vida vegetariano influiría de una manera muy positiva el destino de la humanidad.”*<sup>22</sup>

#### E. Razões espirituais e religiosas:

Encontramos inúmeras afirmações nos diversos livros sagrados sobre restrições e proibições de comer carne, poucas vezes consideradas relevantes pelos seguidores daquelas tradições. As interpretações sobre estes textos as vezes desorientam as pessoas em relação aos deveres e hábitos cotidianos. A modo de exemplo, no Alcorão explica -se como se deve matar um animal para poder ser comido. O sacrifício envolve um ritual especial, com “fórmulas” e explicações detalhadas do processo, que não pode ser realizado por qualquer pessoa. Uma faca adequada, um corte certo e um *mantra* específico possibilitam o sacrifício do animal. Neste contexto podemos perceber que um muçulmano - seguidor do Corão - não poderia se alimentar de carne se o animal não houvesse sido morto da forma descrita e autorizada.

Na Gênese (1:29) da Bíblia encontramos a seguinte afirmação feita por Deus: *“Eu entrego a vocês todas as ervas que produzem semente e estão sobre toda a terra, e todas as árvores em que há frutos que dão semente: tudo isso será alimento para vocês”*. (Bíblia 1:29)

Continuando com a Gênese (9:4) *“Mas não comam carne com o sangue, que é a vida dela. Vou pedir contas do sangue, que é a vida de vocês”*.

*Siddhanta Gautama -Buddha* – se propôs a tarefa de pregar a não-violência, e sua filosofia resume-se à compaixão para com todos os seres vivos. A mensagem básica é a pregação de *ahimsa*, que significa não gerar violência a outras entidades vivas e, portanto, não se alimentar de carne.

O *Manu-samhita* - o antigo livro de leis da Índia - declara: *“habiendo considerado bien el disgustante origen de la carne y la crueldad de la matanza de seres vivos, uno debe abstenerse completamente de comer carne”*. Segundo *Manu*, o autor dos códigos civis e princípios religiosos do texto mencionado, mesmo aquele que mata um animal deve ser considerado um assassino, porque a comida animal não se destina em absoluto ao homem civilizado cujo dever prin-

---

<sup>22</sup> INTERNET <http://www.vegetarismus.ch/info/s3.htm>

cial é preparar-se para voltar ao Supremo.<sup>23</sup> Esta situação piora quando é premeditado e com fins especificamente lucrativos.

Um argumento elementar na filosofia védica é o conceito de *karma*. Aquela pessoa que mate ou participe de alguma maneira nessa matança terá que responder por aquele ato. A lei de “ação e reação” é um motivo determinante para evitar tirar a vida de qualquer ser vivo e uma das explicações mais encontradas nos livros sagrados. Mas acima de tudo, encontramos o conceito do “valor intrínseco” propriedade de todas as entidades vivas, que como já temos visto durante todo este texto, permeia a filosofia védica.

4.3. A proteção da vaca (terra) e do boi (dharma) como idéia filosófica e prática na concepção védica.

A cultura védica ainda mantém certa influencia na Índia moderna, apesar das constantes e diversas invasões estrangeiras - persas, gregos, portugueses, ingleses - ocorridas durante a sua história. O cuidado da vaca hoje em dia na Índia é um dos vestígios da antiga civilização védica, que conseguiu permanecer no tempo junto a outras tradições sociais e religiosas. Os indianos respeitam a vaca, e é possível vê-la solta nas ruas das cidades sendo de maneira geral amplamente respeitada. Em muitos lugares da Índia, aquele que fere ou atropela uma vaca será severamente punido legalmente e desprezado socialmente.

De acordo com os *Puranas*, *Maharaja Parikshit*<sup>24</sup> ao viajar por seu vasto reino, viu um homem negro tentando matar uma vaca. O rei prendeu imediatamente o carniceiro e castigou aquele homem, que era *Kali* personificado. Segundo a civilização védica, um *rajarshi* (rei santo) não pode tolerar insultos ao mais importante dos animais, a vaca, e nem tolerar desrespeito ao mais importante dos homens, o *brahmana*. O seguinte verso explica a reação do rei enfrente da agressão do *shudra* e a importância da vaca e do touro.

*“Certa vez, quando Maharaja Parikshit estava a caminho de conquistar o mundo, ele viu o senhor de Kali-yuga, que era inferior a um shudra, disfarçado de rei e ferindo as pernas de um touro e uma vaca. O rei captura-o de imediato para apli-*

---

<sup>23</sup> S.B.1.7.37. p. 409.

<sup>24</sup> Rei que governou há aproximadamente 5.000 anos atrás em *Bharata-varsha* (Índia).

*car-lhe a punição suficiente”*.(S.B. 1.16.4)

Além desses pontos analisados, podemos constatar que a pessoa que está maltratando os animais é um homem vestido de rei como se fosse governante, mas sem as qualificações necessárias para sê-lo. *Prabhupada* explica que este tipo de governante, que não segue os quatro princípios morais, é o tipo de homem que está administrando a atual sociedade e está levando à população e à sociedade à decadência espiritual.<sup>25</sup> A era de *Kali* também estaria caracterizada pela má administração, pois pessoas desqualificadas tomam o poder e governam sem ter nenhuma virtude ou preparo ético. O *Bhagavad-gita* destaca a importância de uma adequada liderança, pois ela é o modelo para a população. “*Seja qual for a ação executada por um grande homem, os homens comuns seguem, e o mundo inteiro procura imitar todos os padrões que ele estabelece através de seus atos exemplares*”.(Bg. 3.21)

De acordo com um regulamento *smriti*, a vaca é a mãe e o touro, o pai do ser humano, porque a primeira sustenta-o com leite depois que sua própria mãe não a amamenta mais. O touro representa o pai porque ganha a vida para manter os filhos, arando a terra para produzir grãos alimentícios e proporciona estabilidade econômica. *Prabhupada* afirma que “*a sociedade humana matará seu espírito de vida matando o pai e a mãe*”.<sup>26</sup>

*Srila Prabhupada* explica no significado do *Bhagavatam* (S.B.1.16.8.) que o touro é o símbolo do princípio moral, e a vaca é a representante da Terra, e quando eles são abatidos e comidos, a sociedade degrada-se. A felicidade da população encontra-se vinculada e depende do cuidado para com ambos animais. O motivo deste paralelo é que o touro ajuda na produção de cereais na lavoura, e a vaca dá leite, o alimento milagroso de valores nutritivos completos.<sup>27</sup> Ele assinala que “*há um milagre no leite, pois ele contém todas as vitaminas necessárias à manutenção de condições psicológicas humanas para realizações superiores...*” ( SB. 1.16.4)

A continuação descreve-se um verso do *Bhagavatam* que mostra o encontro entre a vaca (terra) e o touro (*dharma*):

*“A personalidade dos princípios religiosos, Dharma, estava perambulando sob a forma de um touro. E ele encontrou-se*

---

<sup>25</sup> S.B. 1.16.4. p.355.

<sup>26</sup> S.B.3.2.29

<sup>27</sup> S.B. 1.16.18. p. 371.

*com a personalidade da Terra sob a forma de uma vaca que parecia tão pesarosa como a mãe que tivesse perdido seu filho. Ela tinha lágrimas em seus olhos, e a beleza de seu corpo perdera-se. Então Dharma interrogou a Terra...” (SB. 1.16.18)*

Segundo a literatura védica, os quatro princípios da religião (*dharma*), a saber: austeridade, limpeza, misericórdia e veracidade, são a base de uma civilização saudável e próspera, especialmente no aspecto espiritual. O princípio da misericórdia está relacionado com a proteção à vaca e ao touro, e sem este tipo de qualidade a sociedade corrompe-se. No seguinte verso explica-se que *dharma* (representada pelo touro), conversa sobre sua situação, e pergunta à vaca sobre seu estado anímico e sua tristeza. O touro perdeu as três pernas (três pilares da religiosidade) e sobrou só uma perna, que simboliza a veracidade, único princípio restante.

*“Perdi minhas três pernas e agora permaneço sobre uma só. Estás te lamentando por meu estado de existência? Ou estás em grande ansiedade porque de agora em diante os ilegais comedores de carne irão explorar-te...?” (SB.1.16.20)*

De acordo com a literatura védica, com o progresso da era de *Kali* diminuíram particularmente quatro coisas: a duração da vida, a misericórdia, o poder de lembrança, e os princípios religiosos. O touro simbólico permanecia sobre uma perna, pois os princípios da religião foram perdidos na proporção de três entre quatro. Quando três quartos da população do mundo tornam-se irreligiosos, a situação dos animais e da natureza torna-se desfavorável e a humanidade caminha numa direção incerta.<sup>28</sup>

Segundo o *Srimad Bhagavatam* o meio de vida da sociedade humana é *visha*, isto é, a agricultura e o negócio de distribuição de produtos agrícolas.<sup>29</sup> *Prabhupada* afirma que a indústria seria um meio sofisticado de vida e especialmente, em uma grande escala, uma das fontes dos problemas da sociedade.<sup>30</sup> O industrialismo seria uma maneira artificial de organizar a sociedade, criando produtos e necessidades fictícias, fomentando o consumo de bens inúteis, e

---

<sup>28</sup> SB 1.16.20. p.373.

<sup>29</sup> S.B.3.6.32

<sup>30</sup> Idem.

desviando a atenção das pessoas voltadas para metas materiais e desejos ilimitados. *Sri Prabhupada* afirma que o “princípio básico de desenvolvimento econômico centraliza-se na terra e nas vacas”<sup>31</sup>, que deveria ser a orientação de uma sociedade civilizada.

Dentro do *varnashrama*, os *vaishyas* ou membros das comunidades mercantis, são aconselhados a proteger as vacas e aumentar os produtos do leite, (principalmente coalhada e manteiga). A agricultura e a distribuição de alimentos são os deveres primários deste *vama*, apoiado pela educação no conhecimento védico e, também, pelo treinamento na caridade.<sup>32</sup> *Prabhupada* explica que assim como os *kshatriyas* recebiam o encargo da proteção aos cidadãos na civilização védica, os *vaishyas* encarregavam-se da proteção aos animais, destacando que a matança de animais é sintoma de uma sociedade bárbara ou não *ariana*.<sup>33</sup>

Os *vaishyas* estão encarregados tanto da produção quanto da distribuição de alimento e outros produtos de necessidade humana. Dividem-se em muitos subgrupos: *kshetri* (donos de terra), *krishana* (lavradores de terra), *tila-vanik* (produtores de cereais), *gandha-vanik* (comerciantes de condimentos), *suvarna-vanik* (comerciantes de ouro e banqueiros), entre outros.

*Prabhupada* afirma que a “civilização humana significa avanço ao serviço da cultura bramânica e, para mantê-la, a proteção às vacas é essencial”.<sup>34</sup> Hoje em dia não são respeitados nem os *brahmanas* nem as vacas, especialmente no Ocidente. “Meu Senhor é o benquerente das vacas e dos *brahmanas*, e é o benquerente de toda a sociedade humana e do mundo”.<sup>35</sup> Apenas na Índia existe a proteção da vaca como uma tradição ainda mantida pela comunidade “hinduista”. Porém a grande influencia muçulmana e inglesa tem imposto outros tipos de hábitos alheios à cultura védica, como é o fato de comer carne.

Nos textos védicos explica-se que existem sete mães naturais do ser humano: a biológica, a ama (a pessoa que cuida da criança), a vaca, a terra (*Bhumî*), a esposa de um *brahmana*, de um rei (*maharaja*) e de um mestre espiritual (*guru*).<sup>36</sup> Para um indiano é muito difícil imaginar alguém comendo sua própria mãe, e esta afirmação não corresponde a uma comparação me-

---

<sup>31</sup> S.B.1.10.4, p.6.

<sup>32</sup> S.B.1.9.26, p.536.

<sup>33</sup> Idem.

<sup>34</sup> S.B.1.16.4

<sup>35</sup> *Vishnu Purana* 1.19.65. Citado no *Baghavad-gita* na página 666.

<sup>36</sup> S.B. 1.14.42

tafórica, senão prática.

Parece exagerado para uma mentalidade ocidental a relevância dada à proteção da vaca (*go-rakshya*), mas é um dos pilares básicos da civilização védica, e ela abrange todos os aspectos da vida social e religiosa de sua sociedade. Existem cinco produtos recebidos da vaca (*pañcha gavya*) e que provem os recursos necessários para as atividades vitais e sagradas. Estes são: o leite, o *ghi*, o iogurte, a urina e o esterco<sup>37</sup>. A partir deste fato podemos compreender que a vaca é um animal utilizado para todo tipo de atividades humanas: para a alimentação (leite, iogurte ou coalhada) para fazer sacrifícios e cerimônias ritualísticas (*ghi*), para a saúde (urina, leite e iogurte), para a arquitetura (esterco), como combustível (esterco), etc.

Segundo o *Ayur-veda*, o leite é um alimento *sattvico*, isto é, possui certas características que ajudam ao desenvolvimento espiritual e intelectual das pessoas e pertence ao modo da bondade (*sattva-guna*). *“Do modo da bondade, desenvolve-se o verdadeiro conhecimento; do modo da paixão, desenvolve-se a cobiça; e do modo da ignorância, desenvolve-se a tolice, a loucura e a ilusão”* (Bg. 14.17)

Segundo esta ciência médica, o alimento *sáttvico* prolonga a duração da vida, proporciona lucidez mental e auxilia a força corporal. Também afirma-se que estimula e ajuda a desenvolver os tecidos mais finos do cérebro para a compreensão espiritual.

*“Os alimentos apreciados por aqueles que estão no modo da bondade aumentam a duração da vida, purificam a existência e dão força, saúde, felicidade e satisfação. Semelhantes alimentos são suculentos, gordurosos<sup>38</sup>, saudáveis e agradáveis para o coração”*(Bg.17.8)

Segundo a classificação *ayur-védica*, o leite é *madhura rasa*, um tipo de “sabor” que prove benefícios físicos e mentais. Também estimula o crescimento de todos os tecidos do corpo e dá força vital ou sensorial; promove a longevidade; é agradável para os cinco órgãos dos sentidos e a mente; proporciona força e boa complexão; fomenta a saúde da pele do cabelo; é

---

<sup>37</sup> S.B. 8.8.2, 11.

<sup>38</sup> Refere-se à gordura própria do leite.

bom para a voz e a energia; é nutritivo e revitalizante; dá firmeza, atua em condições de fraqueza, extenuação e ajuda à recuperação das doenças.<sup>39</sup>

No *Bhagavad-gita* (18.5) afirma-se que o sacrifício (*yajña*), a caridade (*danam*) e a austeridade (*tapas*) são essenciais para manter a sociedade humana em paz e prosperidade. Por isso recomenda-se a proteção da vaca, que serve para as diferentes oblações realizadas em inúmeras cerimônias. (Bg 18.44)

*“Os brahmanas, as vacas, o conhecimento védico, a austeridade, a veracidade, o controle da mente e dos sentidos, a fé, a misericórdia, a tolerância e o sacrifício são diferentes partes do corpo do Senhor Vishnu, e são a parafernália de uma civilização piedosa”.*(SB 10.4.41)

Na civilização védica mesmo os animais recebiam proteção dos governantes, não sob o ponto de vista sentimental, mas pelo fato de nascer neste mundo material. Sob esta perspectiva, todas as entidades vivas são consideradas almas espirituais apenas diferenciadas por diversos e variados corpos e mentalidades e, portanto, têm o direito de viver. Desta maneira, esta classe de “reis santos” (*rajarshis*) protegia os seres vivos (*prajis*) para que pudessem viver e cumprir seus períodos de vida.<sup>40</sup> *“Ninguém tem o direito de matar criatura alguma - nem mesmo uma formiga - porque ninguém pode devolver a vida a essa criatura”.*<sup>41</sup> Esta perspectiva está baseada no fato da incapacidade de o ser humano de dar a vida por si mesmo e, portanto, ele não deve possuir o direito de matar. *“Matar é uma transgressão das leis da natureza... Matar criaturas inocentes é a atividade mais pecaminosa. Se você usa seus recursos humanos para realizar essa atividade tão pecaminosa, então terá de sofrer em sua vida seguinte”.*<sup>42</sup>

#### 4.4. A consciência de *Krishna* e a ecologia.

O conceito de ecologia, etimologicamente falando, é relativamente novo no Ocidente e vem do grego *oikos* (casa, habitat) e *logos* (estudo, compreensão), e, *oikos* provem do sânscrito

---

<sup>39</sup> Ghiotti D. e Devoto R. Salud y Vitalidad. *Ayur Veda*. Medicina Milenaria para el Hombre de Hoy. Editado por el Centro Cultural Védico. Lima - Perú, 1997.

<sup>40</sup> S.B.1.12.19. p.129.

<sup>41</sup> *Srila Prabhupada* em “Vida Simples, Pensamento Elevado”. p. 25.

<sup>42</sup> *Idem*.

okas. A cultura agrária ou o estilo de desenvolvimento socioeconômico descrito nos *Vedas*, reflete um modo de vida baseado na produção agrícola e na utilização limitada das matérias primas, vistas como propriedade de Deus, *Krishna*.

Neste contexto podemos perceber que o conceito de ecologia não é um termo dissociado de uma concepção mais ampla do desenvolvimento humano. Na realidade, ela se estende à economia, à arquitetura, à alimentação, à administração, etc. e não apenas à proteção ambiental. As idéias modernas sobre ecologismo e a relação de respeito intrínseco entre as entidades vivas provém em certa forma deste antigo conceito que destaca a comunhão entre os diversos elementos que compõem a vida. O biocentrismo, mesmo não destacando o aspecto pessoal de Deus, enfatiza a aliança entre todas as espécies vivas.

As *lilas*<sup>43</sup>, ou as atividades transcendentais descritas nos *Puranas*, contam as histórias e as aventuras dos diferentes *avatares* ou dos grandes personagens espiritualistas. As *lilas* de *Krishna*, encontradas no *Srimad Bhagavatam* relatam, principalmente, sua vida de vaqueiro quando criança há 5.000 atrás, e a convivência com as *gopis* (vaqueirinhas), os amigos e os parentes na floresta de *Vrindavan*. A palavra *Vrinda* significa "a deusa de todas as plantas e árvores".<sup>44</sup> O ambiente em que se desenvolve a vida de *Krishna* é bucólico, cheio de imagens naturais, junto aos animais e à vida simples, mostrando a comunhão que existe entre as diferentes entidades vivas que inter-relacionam-se simbioticamente.

Especificamente no Décimo Canto do *Srimad Bhagavatam* descrevem-se as *lilas* de *Krishna*, sempre em companhia de seus amigos e de animais tais como a vaca, os pavões e os veados. Além das aventuras sobre *Krishna* e os ensinamentos filosóficos descritos neste texto, encontramos uma descrição muito expressiva e elucidativa do contexto natural e cotidiano que envolvia os acontecimentos da aquela época. A floresta, os animais, a alimentação, as relações interpessoais, as atividades, apresentam e proporcionam uma riqueza informativa e cultural bastante completa do modo de vida baseada no *vamashrama*. De acordo com esta filosofia a relação que cada entidade viva tem com Deus (*Krishna*) é essencial na filosofia *vaishnava* e descobri-la é a meta principal do ser humano.

---

<sup>43</sup> Este conceito poderíamos defini-lo como "jogo cósmico", passatempos transcendentais ou histórias espirituais que exemplificam e mostram a vida dos *avatares* para iluminar e orientar as pessoas.

<sup>44</sup> *Guneshvara Dasa e Jira Goswami Das. Tulasí. La Amada de Krishna. Asunción: Editorial Arte Nuevo S.R.L., 1996.*

Segundo as descrições fornecidas nos *Puranas*, a vida rural, livre de ansiedade, centrada em Deus e na cooperação mútua e sem violência, é um espelho ou uma reprodução do que seria o mundo espiritual aqui na Terra. *Sri Sri Prabhupada* explica que existe aquele lugar neste mundo: *Vrindavana* é um reflexo do que seriam os planetas espirituais, onde as almas são individuais, têm atividades, e possuem uma relação particular com Deus, vivendo um prazer ilimitado (*ananda*). Por esta razão, *Vrindavan* é considerada uma das cidades mais sagradas e introspectivas do mundo, principalmente porque *Krishna* realizou seus passatempos naquela região.

Segundo uma perspectiva *vaishnava*, poderíamos dizer que ser consciente de *Krishna* impõe um modo de vida de acordo às leis naturais estabelecidos pela Pessoa Suprema, provocando o mínimo impacto no funcionamento da natureza material. Porém todos os elementos da natureza deveriam ser utilizados para a adoração e o serviço a Deus. Os devotos de *Krishna* comentam que não se trata de voltar a uma vida primitiva nem à época medieval, mas a utilizar o corpo e a energia humana em indagar sobre a verdade absoluta e adquirir conhecimento transcendental.

De acordo com esta ótica, o tempo deveria ser usado para compreender a alma espiritual (*jivatma*) e a Deus (*Bhagavan*), o provedor dos bens naturais. O gasto de energia humana, física e mental, orientada a fins materiais e mundanos seria uma perda de tempo desnecessário, sendo algo que envolve geralmente a crueldade e a arrogância. Os desejos por riquezas, sofisticação, poder, dinheiro – objetivos principais da sociedade moderna - seriam impulsados pela luxúria e manipulados pelo modo da paixão (*rajaguna*). Quando este desejo é frustrado, a pessoa (ou a sociedade) é invadida pela ira e, posteriormente, pela cobiça.<sup>45</sup>

Este círculo vicioso - centrado numa visão antropocêntrica e secular - seria um dos componentes essenciais da sociedade moderna, inerente a *Kali-yuga*. Ele corresponde a um tipo de mentalidade determinado por esta era, e não é, por isto mesmo, um produto do acaso ou de uma evolução mecânica e sem direção. Na literatura védica afirma-se que a maneira de fazer frente às más influências da “Era de Ferro” é cantar e glorificar os santos nomes de Deus e seguir os princípios estipulados pelos *acharyas*. Esta prática facilitaria a vida e atenuaria os três tipos de misérias: as causadas por outros seres vivos (*adhibautika*), as provocadas pelas

---

<sup>45</sup> Estas três características estão presentes nos sete pecados capitais, que também são descritos minuciosamente na literatura védica.

doenças físicas e mentais (*adhyatmika*), e as catástrofes naturais (*adhidaivika*)<sup>46</sup>.

De acordo a esta lógica a causa da crise ambiental é uma crise de consciência. Desta forma qualquer problema tratado desde uma perspectiva material será sempre uma solução parcial, que pode ter sucesso em identificar apenas o sintoma. A ISKCON considera que a solução deve ser uma mudança na consciência, seguindo o padrão dos ensinamentos védicos e substituindo os valores materialistas pelos espirituais. Apesar de reconhecer a necessidade de promover e melhorar as condições ambientais, eles argumentam que o verdadeiro ambiente natural da entidade viva é o mundo espiritual.

De acordo com este enfoque, existe uma predeterminação relativa para a vida individual e coletiva controlada pelo *karma*, porém também existe o livre arbítrio. Este tipo de liberdade permite escolher uma atitude, e uma conduta que possa provocar um determinado impacto no meio ambiente. Os textos védicos explicam que o corpo humano é o único que permite optar por diferentes alternativas e desenvolver consciência por Deus e, portanto, tem uma responsabilidade especial para manter, ou não, o equilíbrio social e ecológico.

---

<sup>46</sup> S.B. 3.5.40; 3.25.23; 3.9.8; 3.31; 3.1-31; 10.57.30-3.

## 5. Últimas reflexões

O conhecimento e a compreensão básica de alguns dos conceitos e princípios védicos, ajudam a elucidar um amplo e variado conjunto de idéias e percepções acerca da temática ambiental. Podemos encontrar uma riqueza conceitual e valores éticos desenvolvidos há milhares de anos pela cultura *ariana*, porém muito atual e pertinente com a nossa realidade contemporânea. É interessante constatar que existe um vínculo bastante significativo entre as modernas visões ecologistas e uma concepção ancestral sobre a vida e o mundo, que demonstram em certo modo a existência de alguns valores e princípios que ultrapassam um contexto temporário e local.

A história de cada sociedade tem um universo de experiências e práticas únicas de acordo a sua idiossincrasia e cultura, plasmadas na vida pessoal de cada indivíduo. Contudo, estas circunstâncias não são necessariamente um empecilho para assimilar outro tipo de concepções que possam enriquecer e contribuir nos conteúdos e nas atividades de um tipo específico de sociedade.

É mais oportuno ainda considerar esta reflexão quando estamos frente a uma crise global que envolve e abrange o planeta e, como consequência, todos os aspectos de nossa vida. É muito freqüente considerar esta crise como principalmente econômica e política, embora a realidade demonstre vários outros assuntos relevantes. Queremos insistir e salientar que as causas são mais complexas e variadas, e dependem antes de tudo da vontade humana e de uma profunda transformação da consciência individual e coletiva. Não é difícil imaginar que as políticas, os programas e o planejamento de um determinado projeto sócio-político são o produto de um tipo de mentalidade condicionada por seu contexto sócio-cultural, que ao mesmo tempo é fruto da consciência prevalecente na época em questão.

Um dos temas habitualmente mencionados e comentados nas grandes conferências internacionais, são o desemprego, a segurança e a fome. Para apoiar este tipo de estudo, encontramos diversas pesquisas que proporcionam dados e informações de tipo quantitativo que dão conta das diferentes dificuldades e carências humanas. Além disso, abundam os estudos sobre a degradação ambiental e a qualidade de vida em geral, que mostram um panorama bastante desolador do mundo atual. Contamos com variados e complexos métodos estatísticos, e elaborados indicadores que proporcionam informação para realizar um adequado

diagnóstico social e ecológico da realidade recente. Estas pesquisas desempenham sua função de maneira bastante eficiente, porém desafortunadamente estão mais orientados a identificar os problemas do que a solucioná-los.

A nosso modo de ver, esta situação parece ser antes de tudo o sintoma de um tipo de desenvolvimento do que as causas da verdadeira problemática global e local. Isso torna evidente a necessidade e a urgência de modificar certas estruturas que, desde um ponto de vista sociológico, envolve a mudança na organização e no funcionamento da sociedade. Porém esta afirmação tornar-se incompleta caso não consideremos a modificação das estruturas internas do indivíduo, que envolve uma mudança de consciência no sentido de compromisso real com novas atitudes e condutas em direção ao coletivo. Neste ponto podemos dizer que ainda falta uma responsabilidade mais ampla que considere não apenas o coletivo humano, mas também outras formas de vida que igualmente compartilham do mesmo planeta.

Queremos ainda refletir sobre um ponto que consideramos bastante pertinente e que permite elucidar aspectos mais profundos sobre as práticas e princípios *vaishnavas*. A respeito dos quatro princípios *vaishnavas* estudados no presente trabalho, podemos afirmar que são regras que podem parecer bastante estritas para uma mentalidade ocidental.<sup>1</sup> Na verdade equivalem na sua forma oposta às quatro atividades mais representativas da sociedade contemporânea: consumo de carne, prática de sexo fora do casamento e sem fins reprodutivos, utilização de drogas (legais e ilegais), e participação em práticas especulativas.

Os quatro princípios seguidos pelos *vaishnavas* de uma forma individual - que segundo sua própria concepção - visam a purificação e limpeza interna e externa respectivamente, estão relacionados com uma visão sócio-cultural que culmina numa corroboração ecológica transponível para uma vivência mais saudável entre/com os seres vivos deste habitat. Podemos fazer aqui, uma analogia a partir destes princípios – praticados individualmente – relacionando o corpo com a natureza. Desta maneira, podemos comparar a forma de como tratamos nosso próprio corpo físico e os sistemas naturais.

Os valores associados a estes princípios, são, como já vimos a misericórdia, a limpeza, a austeridade e a veracidade. Podemos transferi-los – desde uma ótica individual a uma

---

<sup>1</sup> Principalmente quando as metas (individuais e coletivas) são direcionadas a objetivos econômicos.

coletiva – e estendê-los a um contexto ecológico. Sendo assim, o primeiro princípio (não consumir carne), poderíamos relacioná-lo com a preservação e a valorização intrínseca de cada ser vivo. Assim, a matança de animais, seu consumo e seu extermínio estão relacionados com o tema de biodiversidade. O segundo (não sexo ilícito) estaria associado à moderação na produção, no consumo e na economia como uma forma de controlar os desejos ilimitados. Este ponto está relacionado com a superpopulação, filhos não desejados, e a exploração dos recursos naturais. O terceiro (não intoxicação) teria a ver com o cuidado e a conservação dos ambientes naturais e construídos. A intoxicação individual está relacionada com a utilização de agrotóxicos, aditivos e a geração de lixo. O quarto (não jogos de azar) estaria associado à honestidade e à retidão para desenvolver qualquer tipo de empreendimento social e ecológico. Este último está relacionado com o desperdício, a especulação, a ganância, a falta de ética tal como a responsabilidade ambiental.

Desta maneira, podemos sugerir que este tipo de valores podem ser úteis para uma visão mais geral relacionados com a temática ecológica, já que um dos temas centrais deste estudo está associado com a ética e as formas alternativas de abordar e enfrentar o mundo atual. Deste ponto de vista, podemos concluir que os temas ecológicos podem ser associados aos quatro princípios *vaishnavas*, utilizando o corpo individual como modelo prático para um contexto mais amplo que seria o corpo global (o planeta).

O objetivo de aproximar aspectos importantes da cultura *vaishnava* a uma concepção biocêntrica, teve o propósito de tomar em conta as semelhanças principalmente nas idéias básicas e na possibilidade prática de desenvolver um projeto comum. Cabe destacar a crítica que ambas visões compartilham em relação ao industrialismo, ao racionalismo ocidental e ao antropocentrismo.

Os seguidores de uma concepção biocêntrica têm elaborado um diagnóstico da sociedade moderna coincidente com uma visão védica. Existem propostas semelhantes em ambas visões, basicamente no ideal sócio-ecológico relacionado ao desenvolvimento material. Ambos destacam uma sociedade não industrial, uma escala reduzida da economia, a descentralização, a utilização controlada e limitada dos elementos da natureza, a mudança de valores e uma revalorização da vida enfocada a metas supramateriais. O tipo de agricultura, o modo de vida simples, o baixo consumo de bens materiais, o tipo de produção e de tecnologia, a utilização de energia natural (solar e eólica), e acima de tudo, valores espirituais associados a

uma ética vitalista, são convergências expressivas que podem aproximar significativamente essas duas concepções de mundo.

Existe um aspecto bastante metafísico na Ecologia Profunda, além da sua própria proposta e projeto prático. A idéia de imagem relacional, a igualdade biosférica, a biodiversidade e a simbiose são algumas das características que podemos citar como elementos centrais de seu pensamento muito similares a alguns conceitos védicos. Contudo, queremos enfatizar a aproximação entre estas duas concepções de mundo a respeito de valores essenciais que envolvem o direito à vida, princípio considerado componente intrínseco em qualquer entidade viva independentemente do tipo de corpo ou de seu nível de consciência. A partir desta visão as atividades, os projetos e os planos políticos, econômicos, sociais e ambientais, estarão submetidos a uma orientação ética, como reitora da sociedade.

Não podemos esquecer que a sociedade atual está caminhando em direção a um destino incerto em todos os aspectos da vida social e ecológica, com múltiplas opções e conseqüências. Modelos em pequena escala são uma possibilidade real não apenas desejável por parte de alguns intelectuais, ecologistas radicais ou espiritualistas utópicos, mas acima de tudo como uma necessidade e uma alternativa de desenvolvimento que pretende mudar o modo de vida até agora experimentado.

O paradigma ocidental antropocêntrico está sendo crescentemente contestado desde diferentes posições políticas, sociológicas, ambientalistas e religiosas. Esta reação provém da incapacidade do sistema atual (e agora globalizado) de resolver os problemas básicos da vida e da sobrevivência, e da angustia que provoca a carência de respostas sobre assuntos mais transcendentais. Não é arriscado observar que este sistema não deu soluções reais aos grandes problemas sociais e ecológicos contemporâneos, e continua experimentando com a natureza material sem prever as conseqüências mediatas destas perigosas tentativas. A manipulação genética e a clonagem, entre outras práticas, são uma prova da negligência ética e do cuidado sobre assuntos tão sérios e delicados, e que desafortunadamente ninguém pode freá-los.

Aparentemente não existem alternativas de sociedade frente a um estilo de vida definido pela ciência e a tecnologia atual. O afastamento de um guia ético e um referencial concreto provoca incertezas no indivíduo e no coletivo humano. Os problemas ecológicos mais do que

uma problemática específica, revelam sintomas de nossos tempos. O aparecimento de diversos grupos denominados “alternativos”, às vezes confunde as pessoas de acordo com sua própria visão limitada da realidade, acostumadas com os confortos materiais da sociedade industrial e com o conformismo religioso. Não é positivo nem benéfico considerar superficialmente aqueles grupos ou movimentos em pró de mudanças profundas catalogando-os como uma moda, elitistas ou extravagantes. Uma aproximação mais profunda, reflexiva e sem preconceito, permite visualizá-los como uma resposta lógica e coerente frente a um sistema que não possui uma direção clara nem soluções palpáveis.

Existem outras alternativas que até agora são minoritárias, marginalizadas e mal conhecidas. Podemos encontrar experiências em pequena escala, assim como modelos em comunidades rurais que estão tentando promover uma vida mais próxima a ideais comunitários e biocêntricos. A existência e o desenvolvimento de grupos “alternativos” mostram o desejo e a necessidade de novas e ousadas práticas de perceber e organizar a sociedade. A modo de exemplo, encontramos comunidades que cultivam plantas sem agrotóxico, pequenos mercados alternativos, reciclagem e valorização do entorno, e responsabilidade individual pelo impacto global no próprio Brasil. Existe abundante literatura internacional e brasileira sobre estes tópicos, embora não exista em muitos casos uma coordenação e uma articulação favorável para sua maior difusão e desenvolvimento.

Podemos constatar que as idéias dos grupos ecologistas ocidentais possuem muitos conceitos e princípios próprios das culturas orientais, principalmente budista e védica. A idéia de biocentrismo não é nova nem original, mas apenas nas últimas décadas foi sistematizada de acordo a uma visão ocidental, fundamentalmente desenvolvida por autores próximos a posturas ecologistas. Podemos encontrar o conceito de biocentrismo em diferentes visões de mundo e em diversas formas intuitivas de entender a Deus. Existe, neste caso, um elo que une esta variedade complexa de compreender a natureza humana e divina: a idéia vitalista e holística da vida.

Na cultura védica podemos encontrar o “ideal do governante” quem deve possuir valores espirituais e uma ética voltada para o bem-estar geral. A qualificação do administrador deve ser inquestionável, já que ele tem uma responsabilidade específica com a população (tanto humana quanto não humana). Por este motivo, os textos védicos destacam a qualificação moral do líder, sua natureza psicológica e o preparo técnico, todas condições necessárias para um adequado

desempenho social e político. Assim as escrituras afirmam que quando as pessoas, sob a orientação de um *rajarshi* (governante santo), seguem os preceitos religiosos ou consensos morais, existe abundância e equilíbrio social e ecológico. Não é difícil compreender esta idéia, que valoriza o exemplo do líder como forma de evolução tanto individual ou coletiva. O problema aparece quando, pelo menos a nível macro-social, não podemos imaginar alguém que cumpra as qualificações éticas para conduzir uma determinada sociedade.

De um ponto de vista psico-social – considerando uma abordagem diferente da psicologia ocidental clássica - a questão básica radica primeiramente na mudança de hábitos e posteriormente de mentalidade. Esta transformação significa a substituição de atividades consideradas desfavoráveis para si mesmo e para os outros, que facilitariam a internalização de novos valores. Este processo propõe a necessidade do ser humano de assumir a responsabilidade de suas próprias ações, começando com tomar consciência de que qualquer atividade provoca algum efeito (mediato ou imediato). Segundo este raciocínio, a substituição de hábitos (considerados adversos), invariavelmente se transformariam em condutas “positivas”<sup>2</sup> para as relações entre os diferentes seres vivos. Consideramos o pressuposto de que um determinado comportamento é aprendido de uma forma automática, sem questionar seus efeitos colaterais a nível individual, social, ambiental, etc. Por esta razão, destaca-se a importância do *sadhana* - atividades conscientes orientadas a purificar o corpo e a mente (levantar-se cedo, não se intoxicar, não praticar jogos frívolos, etc.).

Estas medidas não são destinadas apenas para uma classe ou estrato social, mas para qualquer tipo de pessoa preocupada em mudar o seu modo de vida. A diferença da sociedade ocidental onde as pessoas mais ricas materialmente são julgadas como de primeira classe, na civilização védica os *brahmanas* eram considerados superiores por seu conhecimento, apesar de não ter fortuna nem bens materiais. Temos que lembrar que estamos falando de *varnashrama* e não de “castas” num sentido moderno.

Segundo o Movimento *Hare Krishna*, este não pretende reproduzir o sistema védico tal como foi desenvolvido há milhares de anos, mas adaptá-lo à sociedade atual, dando ênfase na proteção da vaca e do touro, e em um estilo de vida baseado na satisfação das necessidades corporais básicas. Além da organização material, as atividades estão orientadas à auto-

---

<sup>2</sup> Relacionadas com os quatro valores explicados anteriormente.

realização, isto é, à compreensão de si mesmo e à percepção de ver a todas as entidades vivas como almas individuais. Acredita-se que esta atitude provoca como consequência um compromisso com a comunidade e com si mesmo, que tem como centro o cultivo espiritual e a dedicação voltada a servir a Deus. É muito difícil imaginar um sistema com estas características quando vemos uma sociedade globalizada que caminha em uma direção totalmente oposta e orientada por objetivos e desejos completamente diferentes.

Poderíamos caracterizar os devotos de *Krishna* como um grupo empenhado em trabalhar em direção a estabelecer o *varnashrama* na sociedade ocidental e colocar como centro a dimensão divina da existência. A estratégia de mudança proposta – do sistema industrialista à cultura agrária – seria gradativa, onde se manifestaria primeiro em micro-escala e posteriormente atingiria a sociedade como um todo. O processo aconselhado para a mudança de valores e metas - especificamente para nosso contexto histórico - seria a *bhakti-yoga*. Este sistema de *yoga* abrange diversos aspectos da vida humana que não exclui nem separa o praticante da sociedade, já que não é uma meditação individual, isolada e austera demais. Os devotos afirmam que inclusive pode ser realizada dentro do lar, sempre que a pessoa siga uma disciplina consequente com os princípios propostos.

De acordo com estas reflexões podemos presumir que o avanço espiritual de uma pessoa pode ser avaliado da seguinte forma: está estreitamente relacionado com o tratamento que ela dá a todas as entidades vivas, como consequência de uma ética vitalista. O *Sri Ishopanishad* representa muito bem aquela posição no *mantra* seis, resumindo um dos principais ensinamentos dos *Vedas*: "*aquele que vê que tudo está relacionado com o Senhor Supremo, que vê que todas as entidades vivas são suas partes integrantes, e que vê que o Senhor Supremo está dentro de tudo, não odeia nada nem ninguém*". Desta maneira o amor a Deus poder-se-ia julgar pelo comportamento que o ser humano tem pelo próximo, conceito estendido a variadas formas de vida. Seguindo este raciocínio, se amamos a Deus automaticamente amamos a Natureza (*prakriti*) que abrange tanto os seres orgânicos, quanto inorgânicos. Neste caso não existe a velha discussão sobre se o ser humano é ou não parte da natureza, pois como foi explicado, ele contém o mesmo princípio vital (*jivatma*) presente em qualquer tipo de corpo, sendo uma das potências espirituais de Deus.

## Glossário

**Acharya** - mestre espiritual que ensina através do exemplo.

**Achintya** - inconcebível.

**Achintya-bhedabheda-tattva** - doutrina de *Sri Chaitanya* sobre a “inconcebível igualdade e diferença” de Deus e suas energias.

**Ahimsa** - não-violência.

**Akarma** - “não ação”, atividade devocional pela qual não se gera *karma*, que não sofre reações.

**Ananda** - bem-aventurança espiritual.

**Apara-prakriti** - a energia material e inferior de Deus. Matéria morta.

**Archana** - processo devocional de adoração regular à Deidade.

**Ariano** - seguidor da cultura védica; alguém cuja meta é o avanço espiritual.

**Ashrama** - as quatro ordens espirituais segundo o sistema védico: *brahmacharya*, *grihastha*, *vanaprastha* e *sannyasa*. Lugar sagrado.

**Astanga-yoga** - sistema de *yoga* místico que consiste em oito etapas.

**Asura** - pessoa materialista que não segue os preceitos védicos.

**Arjuna** - um dos cinco irmãos *Pandavas*. Príncipe *ariano* que participou no famoso diálogo com *Krishna* na batalha de *Kurukshetra*. O discípulo de *Krishna* no *Bhagavad-gita*.

**Atma** - a alma individual. Também corpo ou mente.

**Avatara** - “alguém que descende”. Uma encarnação plena ou parcialmente de poder divino, que descende do reino espiritual para uma missão específica.

**Bhagavan** - “Aquele que possui todas as opulências”: beleza, força, fama, riqueza, conhecimento e renúncia; Deus, o Senhor Supremo.

**Bhakta** - devoto.

**Bhakti** - serviço devocional a Deus

**Bhakti-yoga** - união com Deus.

**Bhava** - êxtase. Etapa prévia do amor puro por Deus.

**Brahma** - o primeiro ser criado do Universo; dirigido por *Vishnu*, ele cria todas as formas de vida do Universo e rege o modo da paixão.

**Brahma-bhuta** - condição de estar liberado da contaminação material.

**Brahmachari** - estudante celibatário segundo o sistema social védico.

**Brahmajyoti** - a refulgência impessoal e espiritual que emana do corpo de Deus (*Krishna*) e ilumina o mundo espiritual.

**Brahman** - (1) a alma individual; (2) o aspecto impessoal e onipenetrante do Supremo;(3) a Suprema Personalidade de Deus;(4) o *mahat-tattva*, ou seja, a totalidade da substancia material.

**Brahmana** - membro da classe de homens intelectuais segundo as quatro divisões ocupacionais da sociedade védica.

**Brahma-samhita** - texto antiqüíssimo que registra as orações que *Brahma* ofereceu a *Sri Krishna*.

**Chaitanya Mahaprabhu** - reconhecido como uma encarnação de *Krishna* na era de *Kali*. Apareceu em Bengala Ocidental, no fim do século quinze e inaugurou o *yuga-dharma* – o canto congregacional dos santos nomes de Deus.

**Chandala** - paria; comedor de cachorro.

**Deva** - semideus ou pessoa de natureza divina.

**Dharma** - (1) princípios religiosos; (2) a ocupação eterna e natural do ser vivo.

**Dvapara-yuga** - corresponde a uma das quatro eras descritas nos Vedas: a “era de bronze”.

**Ekadashi** - dia especial de jejum de grãos e cereais feito duas vezes por mês.

**Ganges** - rio sagrado da Índia que de acordo com os Vedas purifica os seres vivos.

**Gayatri** - *mantra* cantado pelos *brahmanas* para a iluminação espiritual.

**Godasa** - servo dos sentidos.

**Goloka** - morada eterna de *Sri Krishna*.

**Gosvami** - “amo dos sentidos”.

**Govinda** - nome de *Krishna*. “Aquele que dá prazer a terra, às vacas e aos sentidos”.

**Grihastha** - pessoa casada que segue as regulações védicas e que corresponde a um dos quatro *ashramas* ou ocupações espirituais.

**Guna** - as três qualidades ou “modos” do mundo material: bondade, paixão e ignorância.

**Guru** - mestre espiritual.

**Hare Krishna** - o *maha-mantra* recomendado particularmente nas escrituras para ser cantado nesta era.

**Hatha-yoga** - sistema de exercícios físicos para ajudar a controlar os sentidos.

**Ishavasya** - o conceito de que Deus possui e controla tudo.

**Ishvara** – “o controlador supremo”.

**Japa** - canto em voz baixa dos nomes de Deus com ajuda de 108 contas para orar.

**Jiva** - a alma individual eterna.

**Jñana** - conhecimento.

**Jñana-yoga** - o caminho de realização espiritual mediante a busca filosófica e especulativa da verdade.

**Kala** - o tempo eterno.

**Kali** - deusa que aceita que seus seguidores lhe ofereçam carne.

**Kali-yuga** - a “era de ferro”. Segundo os textos védicos, a era das desavenças e a hipocrisia, a qual começou há cinco mil anos e dura 432.000 anos.

**Kalpa** - um dia de *Brahma* que equivale a 4.360.000 x 1000 de nossos dias.

**Karma** - atividades materiais e suas subseqüentes reações. Ação e reação.

**Kirtana** - glorificação congregacional de Deus.

**Krishna** - “o todo atrativo”. A Suprema Personalidade de Deus; o orador do *Bhagavad-gita*.

**Kshatriya** - ocupação de administrador ou protetor dos cidadãos, de acordo com o sistema védico. A classe governante.

**Lakshmi** - a deusa da fortuna, da prosperidade.

**Lila** - “passatempo”, ou atividade transcendental executada por Deus.

**Loka** - planeta.

**Mahabharata** - a epopéia védica escrita por *Vyasadeva*. O *Bhagavad-gita* forma parte dela.

**Maha-bhuta** - os cinco grandes elementos materiais: terra, água, fogo, ar e éter.

**Maha-mantra** - o grande canto que segundo os textos védicos proporciona a liberação.

**Mahatma** - “grande alma”.

**Mantra** -som transcendental ou hino védico.

**Manu** - segundo os textos védicos, o pai da humanidade. Autor dos códigos e regulamentos morais e legais da antiga Índia.

**Manu-samhita** - livro de leis escrito por *Manu*.

**Maya** - ilusão; segundo os Vedas, a energia de Deus que leva as entidades vivas a esquecer sua natureza espiritual.

**Mayavadi** - impersonalista. Espiritualista que acredita que Deus não tem forma nem qualidades.

**Mukti** - liberação da existência material.

**Muni** - sábio.

**Nirguna** - sem qualidades. Em relação a Deus significa que Ele está além das qualidades materiais.

**Nirvana** - o final do processo da vida materialista.

**Om (omkara)** - a sílaba sagrada que representa a Verdade Absoluta. A representação sonora de Deus.

**Om tat sat** - as três sílabas transcendentais usadas pelos *brahmanas*.

**Paramatma** - a Superalma; aspecto localizado de Deus no coração que guia a entidade viva.

**Parampara** - sucessão discipular.

**Para prakriti** - a natureza espiritual, as entidades vivas.

**Patañjali** - uma grande autoridade no sistema de *astanga-yoga* e autor do *Yoga-sutra*.

**Prakriti** - a natureza material.

**Prana** - o ar vital.

**Pranayama** - controle respiratório utilizado como processo para avançar na *yoga*.

**Prasada** - alimento oferecido a Deus e santificado. "Misericórdia".

**Prema** - amor puro e espontâneo por Deus.

**Puranas** - dezoito escrituras védicas que apresentam o conhecimento dos Vedas de maneira simples na forma de relatos históricos.

**Purna** - completo.

**Purusha** - o desfrutador supremo.

**Rajo-guna** - o modo da paixão.

**Rama** - (1) o nome de *Krishna* que significa a "fonte de todo prazer"; (2) o Senhor *Ramachandra*, rei da antiga civilização védica.

**Rasa** - relação entre Deus e as entidades vivas. "Sabor".

**Sac-cid-ananda** - eterno, bem-aventurado e pleno de conhecimento.

**Sadhu** - santo.

**Samadhi** - transe; completa absorção em consciência de Deus. A última etapa do *astanga-yoga*.

**Sanatana** - eterno.

**Sanatana-dharma** - a religião eterna; serviço devocional.

**Shankaracharya** - o eminente filósofo que estabeleceu a doutrina de *advaita* (não dualismo), enfatizando a natureza impessoal de Deus.

**Sankirtana** - glorificação congregacional de Deus, sobretudo através do cantar de seu nome.

**Sannyasa** - pessoa na ordem renunciada.

**Sarasvati** - a deusa da sabedoria.

**Shastra** - escrituras reveladas; literatura védica.

**Sattva-guna** - modo da bondade.

**Satya-yuga** - a “era de ouro” segundo as quatro eras.

**Shiva** - semideus que supervisiona o modo da ignorância (*tamo-guna*) e aniquila o cosmos material.

**Smriti** - escrituras suplementares dos Vedas.

**Sravanam** - ouvir acerca de Deus.

**Srimad-Bhagavatam** - o *Purana* escrito por *Vyasadeva* que se encontra no modo da bondade (*sattva-guna*). Literatura védica que relata fatos históricos da antiga civilização ariana e sobre o futuro da humanidade.

**Shruti** - os Vedas.

**Shudra** - membro da classe dos trabalhadores braçais, segundo as quatro divisões ocupacionais da sociedade védica.

**Suryaloka** - o sol.

**Swami** - aquele que tem pleno controle sobre os sentidos.

**Tamo-guna** - modo da ignorância.

**Tapasya** - austeridade.

**Treta-yuga** - a “era de prata”.

**Upanishads** - cento e oito tratados filosóficos que aparecem nos Vedas.

**Vaikuntha** - planetas espirituais.

**Vaishnava** - devoto de Deus.

**Vaishyas** - membro da classe mercantil e agrícola segundo as quatro divisões ocupacionais da sociedade védica.

**Vanaprastha** - pessoa que se retirou da vida familiar para cultivar maior renúncia, de acordo com o sistema védico.

**Vedanta-sutra** - tratado filosófico escrito por *Vyasadeva*, o qual consiste em aforismos sucintos que englobam o significado essencial dos *Upanishads*.

**Vedas** - "Conhecimento". As quatro escrituras originais: *Rig, Sama, Atharva e Yajur*.

**Vishnu** - a primeira expansão de *Krishna* para a criação e a preservação dos universos materiais.

**Vrindavana** - cidade que se encontra no norte da Índia, e os *shastras* afirmam que foi o lugar onde *Krishna* apareceu há 5000 mil anos e executou seus passatempos. Cidade sagrada aproximadamente com 5000 templos.

**Vyasadeva** - compilador dos Vedas e autor dos *Puranas, Mahabharata e Vedanta-sutra*.

**Yajña** - sacrifício.

**Yoga** - disciplina espiritual para unir a pessoa a Deus.

**Yogamaya** - a energia espiritual interna de Deus.

**Yuga** - uma "era" dentro de um ciclo de quatro. Segundo a literatura védica existem quatro *yugas* que se repetem perpetuamente: *Satya-yuga, Treta-yuga, Dvapara-yuga e Kali-yuga*. A medida que as eras avançam, a religião e as boas qualidades dos seres humanos pouco a pouco decrescem.

## BIBLIOGRAFIA

### Bibliografia geral:

- BERGER, Peter. O Dossel Sagrado: elementos para uma Teoria Sociológica da Religião. São Paulo: Edição Paulinas, 1985.
- BERMAN, Marshall. Tudo que é Sólido Desmancha no Ar: a Aventura da Modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- BOFF, Leonardo. Ecologia: Grito da Terra, Grito dos Pobres. São Paulo: Editora Atica, 1996.
- CAPRA, Fritjof. - O Tao da Física. São Paulo: Editora Cultrix, 1983.
- O Ponto de Mutação. São Paulo: Cultrix, 1982.
  - Sabedoria Incomum. Conversas com Pessoas Notáveis. São Paulo: Editora Cultrix, 1988.
- CHANNELI, David. The Vital Machine. Oxford: Oxford University, 1991.
- CREMA, Roberto. Introdução à Visão Holística. São Paulo: Summus Editorial, 1989.
- ELIAS, Norbert. A Sociedade dos Indivíduos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.
- FERREIRA, Leila; VIOLA, Eduardo (Orgs.) Incertezas da Sustentabilidade na Globalização. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.
- GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1989
- HICK, John. Filosofia da Religião. R.de Janeiro: Zahar Editores, 1970.
- ILLANES, Juan Pablo; Rojas Alejandro y otros. Medio Ambiente en Desarrollo. Santiago de Chile: Ricardo Katz y Gabriel Del Favero Editores. CEP, 1993.
- LEIS, Hector. O Labirinto: ensaios sobre Ambientalismo e Globalização. São Paulo: Editora GAIA; Ed. da FURB, 1996.
- MAX-NEEF, Manfred. Desarrollo a Escala Humana. Uma Opción para el Futuro. Suecia: CEP-AUR. Fundación Dag Hammarskjold, 1986.
- MOREIRA, A; ZICMAN R.(orgs.) Misticismo e Novas Religiões. Vozes. Rio de Janeiro: Universidade São Francisco, 1994.
- NEPAM. Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais. A Questão Ambiental: cenários de Pesquisa. A Experiência do Ciclo de Seminários do NEPAM. Campinas: UNICAMP-NEPAM, 1995.
- NISBET, Robert. Historia da Idéia de Progresso. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1980.
- RENDELL, Margares. Religião em Dialética. São Paulo Ed. Salesianas, 1997.

SAMUEL, Albert. As Religiões Hoje. São Paulo: Paulus, 1997.

SCHUMACHER, E.F. O Negócio é ser Pequeno. Um Estudo de Economia que leva em conta as pessoas. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

SHIVA, Vandana. Monocultures of the Mind. Penang, Malaysia: Zed Books Ltd., 1992

WEBER, Max. A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1967.

WILGES, Frineu. Cultura Religiosa; as Religiões no Mundo. Petrópolis: Ed. Vozes, 1995.

#### Bibliografia específica:

AC. BHAKTIVEDANTA SWAMI Prabhupada. O Bhagavad-gita Como Ele É. São Paulo: Bhaktivedanta Book Trust, 1995.

- Srimad-Bhagavatam. São Paulo:BBT, 1996.
- Ensinamentos do Senhor Chaitanya. São Paulo: BBT, 1998.
- Vida Simples, Pensamento Elevado. Pindamonhangaba: BBT, 1996.
- O Néctar da Devoção: a Ciência Completa da Bhakti Yoga. São Paulo: BBT, 1989.
- O Upadesamrta: O Néctar da Instrução.São Paulo: BBT, 1999.
- Retornando: a Ciência da Reencarnação. Pindamonhangaba: BBT, 1996.
- O Sri Ishopanishad. São Paulo: BBT, 1975.
- A Ciência da Auto-realização. São Paulo: BBT, 1980.
- Preguntas Perfectas, Respuestas Perfectas. Santiago de Chile: Editorial Antártica SA, 1996.
- A Vida vem da Vida. São Paulo: BBT, 1992.
- Meditación y Superconciencia. USA: BBT, 1992.
- Raya-Vyda: El Rey del Conocimiento. Buenos Aires: Fondo Editorial Bhaktivedanta, 1988.
- Civilização e Transcendência. Pindamonhangaba, SP: Bhaktivedanta, 1991.
- Evolución y Conciencia. Lima, Perú: BBT, 1986.

Bíblia Sagrada. Edição Ecumênica.Encyclopedia Britannia Publish, Inc, 1972.

BOFF, Leonardo. Ecologia Mundialização Espiritualidade: a Emergência de um Novo Paradigma. São Paulo: Editora Atica AS, 1996.

DUMONT, Louis. Homo Hierarchicus:o Sistema das Castas e suas Implicações. Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1992.

- DIEGUES, Antonio Carlos. O Mito Moderno da Natureza Intocada. São Paulo: HUCITEC, 1996.
- El Sagrado Corán. Por Ahmed Abboud y Rafael Castellanos. Centro Islámico de Venezuela Valencia.
- ELIADE, Mircea. Yoga, Inmortalidad y Libertad. Buenos Aires: Editorial La Pléyade, 1979.
- FERRY, Luc. A Nova Ordem Ecológica. A Arvore, o Animal e o Homem. São Paulo: Editora Ensaio, 1994.
- FOX, Warwick. Toward a Transpersonal Ecology. USA: Shambhala Publications, 1990.
- GOSWAMI, Bhaktisiddanta Sarasvati. Vaishnava Ke. Lima: Editorial Vaishnava, 1990.
- GOSVAMI, Satsvarupa Dasa. Introdução à Filosofia Védica: A Tradição Fala por Si Mesma. São Paulo: Bhaktivedanta Book Trust, 1986.
- Um Santo deste Século. Pindamonhangaba: BBT, 1996.
- HAYAGRIVA Dasa, The Hare Krishna Explosion. The Birth of Krishna Consciousness in America (1966-1969). Singapore: Palace Press, 1985.
- MADAN, G.R. Cinco Sociólogos Occidentales en torno a la Sociedad India. México: Fondo de Cultura Económica, 1984.
- MEYER-ABICH, Klaus M. Revolution for Nature: From the Environment to the Connatural World. Cambridge, UK: The White Horse Press/Denton, USA: University of North Texas Press. 1993.
- MORAIS, VAMBERTO. A Religião do Terceiro Milênio: uma Visão Moderna da Espiritualidade. São Paulo: Edições IBRASA, 1995.
- MORRISON, R. Ecological Democracy. Boston: South End Press, 1995.
- RADHAKRISHNAN, Sarvepalli. La Concepción Hindú de la Vida. Madrid: Editorial Alianza, 1982.
- RENOU, Louis. O Hinduismo. Francia: Publicação Europa-América, 1979.
- RUSSELL, Bertrand. O Despertar da Terra: O Cérebro Global. São Paulo: Editora Cultrix, 1982.
- TAGORE, Rabindranath. Sadhana: o Caminho da Realização. São Paulo: Paulus, 1994
- VIEIRA, Liszt. Fragmentos de um Discurso Ecológico. São Paulo: Editora Gaia, 1990.
- WEBER, Max. The Religion of Índia: the Sociology of Hinduism and Buddhism. USA: The Free Press, 1967.
- ZIMMER, Heinrich. Philosophies of Índia. New York: Edites by Joseph Campbell, 1956.

### Dicionários e Enciclopédias:

HINNELLS, John R.(org.) Dicionário das Religiões. São Paulo: Editora Cultrix, 1984.

SCHELENSINGER, Hugo.; PORTO, Humberto. Dicionário Enciclopédico das Religiões. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

Dicionário de Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getulio Vargas, 1986.

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. São Paulo: Editora Mestre Jou., 1970.

LATOURELLE, Rene; FISICHELLA, Rino. Dicionário de Teologia Fundamental. Rio de Janeiro:Vozes/ São Paulo: Santuário, 1994.

ELIADE Mircea.; COULIANO Ioan. P. Diccionario de las Religiones. Barcelona: Ediciones Paidós, 1994.

CHARBONNEAU J.P. (et al). Enciclopédia de Ecologia. SP :EPU: Editora da Universidade de SP, 1979.

### Revistas:

AMBIENTE. v. 4, n.1. 1990.

DE VOLTA AO SUPREMO. A Revista do Movimento Hare Krishna.n. 1. 1993.

DE VOLTA AO SUPREMO. A Revista do Movimento Hare Krishna n. 2. 1993.

DE VOLTA AO SUPREMO. A Revista do Movimento Hare Krishna n. 5. 1994.

DE VOLTA AO SUPREMO. A Revista do Movimento Hare Krishna n. 6. 1995.

VIDA SUPREMA. Filosofia, Cultura Vaishnava, Bhakti-yoga. n. 3. jan/fev.1990.

VIDA SUPREMA. Filosofia, Cultura Vaishnava, Bhakti-yoga. n. 5. abr. 1991

VIDA SUPREMA. Filosofia, Cultura Vaishnava, Bhakti-yoga. n. 6.jul. 1991.

VIDA SUPREMA. Filosofia, Cultura Vaishnava, Bhakti-yoga. n. 7. abr./mai.1992.

REVISTA FILOSÓFICA BRASILEIRA. v.1 n. 2. Dez. 1985.

RURAL SOCIOLOGY. v. 56, n. 4. Winter 1991.

VEDA. Visão Contemporânea da Milenar Cultura Védica. São Paulo, Pindamonhangaba: Editora BBT.

### INTERNET

KLOSTERMAIER, K. Questioning the Aryan Invasion Theory ad Revising Ancient Indian History.

[http://www.iskcon.com/ICJ/6\\_1/6\\_1klostermaier.htm](http://www.iskcon.com/ICJ/6_1/6_1klostermaier.htm)

The world of Hare Krishna: ISKCON, the Movement; Vaishnava Philosophy; Devotees of Lord; Art & Culture.

<http://www.shamantaka.org/main/twohk.htm#menu4>

GOSWAMI, Mukunda. An Ageless Vision. Environment - Cutting the branch we are sitting on.

<http://www.shamantaka.org/main/twohk/philosophy/ageless/envir.htm>

A Ecologia Profunda.

[http://www.udec.cl/~skotokai/public\\_html/deepeco/ecol1.html](http://www.udec.cl/~skotokai/public_html/deepeco/ecol1.html)

Vegetarianos famosos.

<http://www.vegetarismus.ch/info/s3.htm>

SIERRA, C.J.M. Sobre o vegetarianismo.

<http://www.redalternativa.com/hambre.htm>

<http://www.redalternativa.com/tcarne.htm>

## **APÊNDICES**

## Apêndice I

### Propósitos originais da ISKCON, estabelecidos por *Srila Prabhupada*:

1. Propagar sistematicamente o conhecimento espiritual entre a sociedade em geral e educar todas as pessoas nas técnicas da vida espiritual a fim de sustar o desequilíbrio de valores na vida e alcançar a verdadeira unidade e paz mundiais.
2. Propagar a consciência de *Krishna*, como é revelada no *Bhagavad-gita* e no *Srimad Bhagavatam*.
3. Unir os membros da Sociedade uns com os outros e torná-los mais próximos de *Krishna*, a entidade primordial, de modo a desenvolver a idéia, entre os membros e a humanidade em geral, de que cada alma é parte integrante da qualidade de Deus (*Krishna*).
4. Ensinar e encorajar o movimento de *sankirtana*, canto congregacional dos santos nomes de Deus, conforme é revelado nos ensinamentos do Senhor *Chaitanya Mahaprabhu*.
5. Erigir, para os membros e para a sociedade em geral, um lugar sagrado de passatempos transcendentais, dedicado à personalidade de *Krishna*.
6. Manter os membros unidos com o objetivo de ensinar um modo de vida mais simples e natural.
7. Tendo em vista o cumprimento dos propósitos supramencionados, publicar e distribuir periódicos, revistas, livros e outros escritos.

## Apêndice II

### Breve biografia sobre o fundador da ISKCON: Sua Divina Graça *A.C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada*. \*

*Srila Prabhupada* apareceu neste mundo em 1896, em Calcutá, Índia. Em 1922, ele encontrou-se com seu mestre espiritual, *Srila Bhaktisiddhanta Sarasvati Gosvami* - um preeminente erudito devocional - que pediu que ele ensinasse a ciência da consciência de *Krishna* no mundo ocidental. Com esse intento, em 1944, *Srila Prabhupada* deu início à publicação da revista "De Volta ao Supremo", redigindo-a, datilografando os manuscritos e revisando as provas. Ele próprio distribuía individualmente os exemplares gratuitamente e lutava para manter a publicação.

Reconhecendo a erudição filosófica e a devoção de *Srila Prabhupada*, a Sociedade *Gaudiya Vaishnava* honrou-o em 1947 com o título de "*Bhaktivedanta*". Em 1950, retirou-se da vida de casado, adotando a ordem de vida retirada (*vanaprastha*) e em 1959, aceitou a ordem de vida renunciada (*sannyasa*).

No princípio dos anos sessentas, *Srila Prabhupada* começou a trabalhar em *Vrindavana* na obra-prima de sua vida: uma tradução em muitos volumes, com comentários, dos dezoito mil versos do *Srimad-Bhagavatam*, a "nata da literatura Védica".

Em 1965, *Srila Prabhupada* viajou aos 69 anos de idade para os Estados Unidos no navio de carga *Jaladuta*, com apenas sete dólares no bolso, um par de címbalos de mão e algumas cópias de seus escritos. Depois de um ano em Nova Iorque, reuniu seus primeiros discípulos e fundou a "*Sociedade Internacional para a Consciência de Krishna*" (ISKCON), mais conhecida como "*Movimento Hare Krishna*".

Em 1968, *Srila Prabhupada* criou Nova *Vrindavana*, uma comunidade védica experimental nas colinas da Virgínia Ocidental. Em 1972, introduziu o sistema védico de educação primária e secundária no Ocidente ao fundar a primeira escola *Gurukula* nos Estados Unidos. *Srila Prabhupada* também inspirou a construção de vários centros culturais internacionais na Índia.

No entanto, a contribuição mais significativa de *Srila Prabhupada* são seus livros. Em apenas 12 anos, ele publicou cerca de 70 volumes de traduções e comentários sobre a literatura clássica da Índia, que agora são textos normativos em muitas universidades do mundo. Seus escritos tem sido traduzidos para trinta e cinco línguas. Ele escreveu mais de trinta volumes do *Bhagavatam* e também é o autor do *Bhagavad-gita* Como Ele É.

Durante esse período, viajando quase ininterruptamente, *Srila Prabhupada* transformou sua sociedade numa confederação mundial de escolas, templos, comunidades rurais e *ashramas*. Apesar de suas constantes viagens, sempre escreveu prolificamente, e suas obras constituem verdadeira biblioteca de filosofia, religião, literatura e cultura védica. Ele partiu deste mundo no dia 14 de novembro de 1977, em *Vrindavana*, Índia (local mais sagrado para o Senhor Krishna),

\* Escrita pelos seus discípulos.

## Apêndice III

### Programação diária dos templos *Hare Krishna*

- 4:00 Horário de levantar-se
- 4.30 *Mangala-Arati* (Canto Congregacional)
- 5.00 *Japa-Mala* (Cantos dos santos nomes de Deus em forma individual)
- 6.30 Palestra sobre o *Srimad Bhagavatam* (literatura védica)
- 7.30 *Govinda-Puja* (adoração a *Krishna*)
- 8.00 *Guru-Puja* (adoração ao mestre espiritual)

#### *Prasadam* (Desjejum)

- 12.00 *Bhoga-arati* (oferendas)
- 16.00 *Darshan* das deidades (ver as deidades)
- 19.00 *Sundara-arati* (canto congregacional)
- 19.30 Palestra do *Bhagavad-gita* (literatura védica)
- 20.30 *Darshan* das deidades
- 20.45 *Maha-Prasadam* (alimento oferecido às deidades)
- 21.00 Término do programa

### Programação cultural de domingo:

(O horário de início do programa varia segundo o templo, mas geralmente é o mesmo que mostramos a continuação).

- 16:00 Vídeo (sobre a Consciência de *Krishna*)
- 18:00 *Bhajans* (canções devocionais/ música/ *mantras*)
- 19:00 *Kirtana* (Canto e dança Congregacional)
- 19:30 Palestra do *Bhagavad-gita*.
- 20:30 Distribuição de *Prasadam* (jantar vegetariano)

## Apêndice IV

Princípios, regras e regulações para os candidatos interessados em ser iniciados por um mestre espiritual segundo a sucessão discipular *vaishnava*:

### ETAPAS PREVIAS À INICIAÇÃO:

#### SRADDHAVAN:

1. Devoto/a ativo da congregação do templo. Visita o templo o mais possível, faz algum serviço no templo, participa e se associa com os programas conscientes de *Krishna*.
2. Canta pelo menos uma volta do *maha mantra Hare Krishna* diária.
3. Lê os ensinamentos de *Sri Krishna* nos livros de *Srila Prabhupada*.

**KRISHNA SEVAK:** Um devoto que além de seguir os padrões já mencionados, cumpre com as seguintes práticas de serviço devocional.

1. Ele/ela está dedicado a seguir uma vida devocional, aprendendo e praticando *bhakti-yoga* de acordo aos ensinamentos de *Srila Prabhupada* através de seus representantes.
2. Ele/ela estuda os livros de *Srila Prabhupada* e assiste às aulas da ISKCON.
3. Ele/ela adora a *Sri Krishna*, na medida que possa, nos templos da ISKCON e no seu lar num altar, oferecendo *aratikas* e oferecendo os alimentos, adorando a sagrada planta de *Tulasi* e seguindo um *sadhana* básico como levantar cedo de manhã.
4. Ele/ela canta 8 a 16 voltas do *maha-mantra* todos os dias.
5. Ele/ela leva uma vida pura ao não se intoxicar (bebidas alcoólicas, drogas, cigarros), não comer carne, ovos, nem peixe, não praticar jogos de azar e não ter vida sexual imoral.
6. Ele/ela observa jejum de grãos nos *ekadashis* e dias de festival como se indica no calendário *vaishnava*.

**SRILA PRABHUPADA ASHRAYA:** Um devoto que além de seguir os padrões já mencionados, cumpre com as seguintes práticas de serviço devocional.

1. Ele/ela está dedicado a tomar refugio divino em *Srila Prabhupada*, seguindo os princípios de consciência de *Krishna*.
2. Pratica consciência de *Krishna* com forte convicção
3. Canta um mínimo de 16 voltas diárias do *maha-mantra*.
4. Segue os 4 princípios regulativos em forma estrita: não come carne, ovos, peixe, alhos, cebolas, fungos, não pratica jogos de azar nem desporto frívolo, não tem vida sexual fora do matrimônio.
5. Ele/ela conhece bem a filosofia básica de consciência de *Krishna* porque lê os livros de *Srila Prabhupada* sistematicamente e está ativamente ocupado em pregar sobre consciência de *Krishna*.
6. Ele/ela faz um serviço responsável (limpar, cozinhar, administrar, etc.) no templo, de acordo a suas possibilidades.
7. Ele/ela segue um *sadhana* estrito em casa, levantando-se muito cedo de manhã e seguindo um programa semelhante do Templo, na medida que possa.
8. Ele/ela assiste pelo menos a uma aula de *Srimad Bhagavatam* uma vez por semana.

**SRI GURU CHARANA ASHRAYA O INICIACIÓN:** Um devoto que além de seguir os padrões já mencionados, cumpre com as seguintes práticas de serviço devocional.

1. Ele/ela desenvolverá fé e tomará refugio de um mestre espiritual autorizado pela ISKCON.
2. Ele/ela tem praticado os padrões de *Srila Prabhupada Ashraya* pelo mínimo de um ano e recebe recomendação do presidente do templo local.
3. Ele/ela terá que passar o exame aprovado pelo GBC.

## Apêndice V

### CALENDÁRIO VAISHNAVA

EKADASHIS (Jejuns) e alguns dos FESTIVAIS comemorados pelo MHK. (as datas mudam de acordo com o ciclo lunar)

*Ekadashi*: jejum de grãos e cereais, feito duas vezes por mês (acontece no décimo primeiro dia após as luas cheia e nova).

NRSIMHA CHATURDASI: Aparecimento do Senhor *Nrishimhadeva*: jejum até o anoitecer.

Desaparecimento de *Srila Bhaktivinoda Thakura*: jejum até o meio-dia

RATHA YATRA: festival de carros no qual o Senhor *Jagannatha (Krishna)*, passeia com o Senhor *Balarama* e *Subhadra Devi* em *Jagannatha Puri*, Índia.

Aparecimento do Senhor *Balarama*: jejum até o meio-dia

SRI KRSNA JANMASTAMI: Aparecimento do Senhor *Sri Krishna*: jejum até meia-noite.

Aparecimento de *Srila Prabhupada*: jejum até o meio-dia

RADHASTAMI: Aparecimento de *Srimati Radharani*: jejum até o meio-dia.

Aparecimento do Senhor *Vamanadeva*: jejum até o meio-dia.

Aparecimento de *Srila Bhaktivinoda Thakura*: jejum até o meio-dia

GOVARDHANA PUJA: Adoração da Colina de *Govardhana*.

Desaparecimento de *Srila Prabhupada*: jejum até o meio-dia.

Desaparecimento de *Srila Bhaktisiddhanta Sarasvati Thakura* : jejum até o meio-dia.

Aparecimento de *Sri Advaita Acharya* : jejum até o meio-dia.

Aparecimento de *Sri Varaha Dvadasi*: jejum até o meio-dia.

Aparecimento de *Sri Nityananda Trayodasi*: jejum até o meio-dia.

Aparecimento de *Srila Bhaktisiddhanta Sarasvati Thakura*: jejum até o meio-dia.

GAURA PURNIMA: Aparecimento de *Sri Chaitanya Mahaprabhu*: jejum até o nascer da lua.

UNICAMP  
BIBLIOTECA CENTRAL  
SEÇÃO CIRCULANTE

## Apêndice VI

Versos do *Bhagavad-gita* utilizados no texto da dissertação, junto à transliteração latina e à tradução para o português.

### CAP. 2 RESUMO DO CONTEÚDO DO GITA

2.22. *vasamsi jirnani yatha vihaya  
navani grhnati naro 'parani  
tatha sarirani vihaya jirnany  
anyani samyati navani dehi*

Assim como alguém veste roupas novas, abandonando as antigas, a alma aceita novos corpos materiais, abandonando os velhos e inúteis.

### CAP.3. KARMA-YOGA

3.9. *yajnarthat karmano 'nyatra  
loko 'yam karma-bandhanah  
tad-artham karma kaunteya  
mukta-sangah samacara*

Deve-se realizar o trabalho como um sacrifício a Visnu; caso contrário, o trabalho produz cativo neste mundo material. Portanto, ó filho de Kunti, executa teus deveres prescritos para a satisfação dEle, e desta forma sempre permanecerás livre de cativo.

3.21. *yad yad acarati sresthas  
tat tad evetaro janah  
sa jat pramanam kurute  
lokas tad anivartate*

Seja qual for a ação executada por um grande homem, os homens comuns seguem, e o mundo inteiro procura imitar todos os padrões que ele estabelece através de seus atos exemplares.

### CAP. 4. O CONHECIMENTO TRANSCENDENTAL

4.34. *tad viddhi pranipatena  
pariprasnena sevaya  
upadeksyanti te jnanam  
jnaninas tattva-darsinah*

Tenta aprender a verdade aproximando-te de um mestre espiritual. Faze-lhe perguntas com submissão e presta-lhe serviço. As almas auto-realizadas te podem transmitir conhecimento porque viram a verdade.

### CAP. 5 KARMA-YOGA - AÇÃO EM CONSCIENCIA DE KRSNA

5.10. *brahmany adhaya karmani  
sangam tyaktva karoti yah  
lipyate na sa papena  
padma-patram ivabhasa*

Aquele que executa seu dever sem apego, entregando os resultados ao Senhor Supremo, não é afetado pela ação pecaminosa, assim como a folha de lótus não é tocada pela água.

5.11.           *kayena manasa buddhya*  
*kevalair indriyair api*  
*yoginah karma kurvanti*  
*sangam tyaktvatma-suddhaye*

Os yogis, abandonando o apego, agem com o corpo, a mente, a inteligência e mesmo com os sentidos, com o único propósito de se purificarem.

5.18.   *vidya-vinaya-sampanne*  
*brahmane gavi hastini*  
*sumi caiva sva-pake ca*  
*panditah sama-darsinah*

Os sábios humildes, em virtude do conhecimento verdadeiro, vêem com a mesma visão um brahmana erudito e cortês, uma vaca, um elefante, um cachorro e um comedor de cachorro (pária).

5.20.   *na prahrsyet priyam prapya*  
*nodvijet prapya capriyam*  
*sthira-buddhir asammudho*  
*Brahma-vid brahmani sthitah*

Aquele que não se regozija ao conseguir algo agradável nem se lamenta ao obter algo desagradável, que é inteligente em assuntos relacionados ao eu, que não se confunde, e que conhece a ciência de Deus, já está situado na transcendência.

5.29.   *bhoktaram yajna-tapasam*  
*sarva-loka-mahesvaram*  
*suhrdam sarva-bhutanam*  
*jnatva mam santim rcchati*

Quem tem plena consciência de Mim, conhecendo-Me como o beneficiário último de todos os sacrifícios e austeridades, o Senhor Supremo de todos os planetas e semideuses, e o benfeitor e benquerente de todas as entidades vivas, alivia-se das dores e misérias materiais.

## CAP.6 DHYANA-YOGA

6.4.    *yada hi nendriyarthesu*  
*na karmasv anusajjate*  
*sarva-sankalpa-sannyasi*  
*yogarudhas tadocyate*

Diz-se que alguém está elevado em yoga quando, tendo renunciado a todos os desejos materiais, não age em troca de gozo dos sentidos nem se ocupa em atividades fruitivas.

## CAP.8 ALCANÇANDO O SUPREMO

17.8.   *sarva-dvarani samyamya*  
*mano hrdis nirudhya ca*

*murdhnyadhayatmanah pranam  
asthito yoga-dharanam*

A yoga consiste no desapego de todas as ocupações sensuais. Para estabelecer-se em yoga deve-se fechar todas as portas dos sentidos e fixar a mente e o ar vital no topo da cabeça.

8.20. *paras tasmāt tu bhavo 'nyo  
'vyakto 'vyaktat sanatanah  
yah sa sarvesu bhutesu  
nasyatsu na vinyasyati*

Entretanto, há outra natureza imanifesta, que é eterna e transcendental a esta matéria manifesta e imanifesta. Ela é suprema e jamais é aniquilada. Quando todo este mundo é aniquilado, aquela região permanece inalterada.

9.26. *patram puspam phalam toyam  
yo me bhaktya prayacchati  
tad aham bhakty-upahrtam  
asnami prayatatmanah*

Se alguém Me oferecer, com amor e devoção, folhas, flores, frutas ou água, Eu as aceitarei.

#### CAP.14 OS TRÊS MODOS DA NATUREZA MATERIAL

14.5. *sattvam rajas tama iti  
gunah prakrti-sambhavaḥ  
nibadhnanti maha-baho  
dehe dehinam avyayam*

A natureza material consiste em três modos – bondade, paixão e ignorância. Ao entrar em contato com a natureza, ó Arjuna de braços poderosos, a entidade viva eterna condiciona-se a esses modos.

14.17. *sattvat sañjayate jñānam  
rajaso lobha eva ca  
pramada-mohau tamaso  
bhavato 'jñānam eva ca*

Do modo da bondade, desenvolve-se o verdadeiro conhecimento; do modo da paixão, desenvolve-se a cobiça; e do modo da ignorância, desenvolvem-se a tolice, a loucura e a ilusão.

#### CAP.15 A YOGA DA PESSOA SUPREMA

15.8 *sariram yad avapnoti  
yac capy utkramatisvarah  
grhitvaitani samyati  
vayur gandhan ivasayat*

Assim como o ar transporta os aromas, a entidade viva no mundo material leva de um corpo para outro suas diferentes concepções de vida. Com isso, ele aceita uma espécie de corpo e ao abandoná-lo volta a aceitar outro.

UNICAMP  
BIBLIOTECA CENTRAL  
SEÇÃO CIRCULANTE

## CAP.16 AS NATUREZAS DIVINA E DEMONÍACA

17.8.1. *sri bhagavan uvaca  
abhayam sattva-samsuddhir  
jñana-yoga-vyavasthitih  
danam damas ca yajñas ca  
svadhyayas tapa arjavam  
ahimsa satyam akrodhas  
tyagah santir apaisunam  
dayabhutesv aloluptvam  
mardavam hrir acapalam*

*tejah ksama dhrtih saucam  
adroho nati-manita  
bhavanti sampadam daivim  
abhijatasya bharata*

A Suprema Personalidade de Deus disse: Destemor; purificação da própria existência; cultivo de conhecimento espiritual; caridade; autocontrole; execução de sacrifícios; estudo dos Vedas; austeridade; simplicidade; não-violência; veracidade; estar livre de ira; renúncia; tranquilidade; não gostar de achar defeitos; compaixão para com todas as entidades vivas; estar livre da cobiça; gentileza; modéstia; firme determinação; vigor; clemência; fortaleza; limpeza; e estar livre da inveja e da paixão pela honra – estas qualidades transcendentais, ó filho de Bharata, existem nos homens piedosos dotados de natureza divina.

## CAP.17 AS DIVISÕES DA FE

17.8. *ayuh-sattva-balaryoga  
sukha-priti-vivardhanah  
rasyah snigdhas sthira hrdaya  
aharah sattvika-priyah*

Os alimentos apreciados por aqueles que estão no modo da bondade aumentam a duração da vida, purificam a existência e dão força, saúde, felicidade e satisfação. Semelhantes alimentos são suculentos, gordurosos, saudáveis e agradáveis para o coração.

## CAP.18 CONCLUSÃO - PERFEIÇÃO DA RENÚNCIA

18.66. *sarva-dhaman parityajya  
mam ekam saranam vraja  
aham tvam sarva-papebhyo  
moksaisyami ma sucah*

Abandona todas as variedades de religião e simplesmente rende-te a Mim. Eu te libertarei de todas as reações pecaminosas. Não temas.

## Apêndice VII

### ESQUEMA BÁSICO DAS ENTREVISTAS

Entrevistas feitas a diferentes devotos do MHK, que complementaram a leitura teórica sobre o assunto da pesquisa.

#### Temas:

- Descrição da diferença entre cultura védica e cultura vaishnava.
- O conceito de natureza (*prakriti*) e a relação entre sociedade-natureza segundo a concepção védica.
- A diferencia entre o conceito ocidental e védico sobre a preservação da natureza.
- O conceito de ecologia: uma idéia implícita na filosofia Védica.
- Sociedade moderna e materialismo. O sagrado e o secular.
- Problemática ambiental e suas causas.
- As formas de respeitar a natureza na vida cotidiana.
- O cuidado da vaca e do touro. Aspectos econômicos, sociais, ecológicos e espirituais.
- Normas sobre assuntos ambientais na cultura védica.
- O MHK, a natureza, Deus e entidade viva.
- A experiência rural nas comunidades *Hare Krishna*.

#### Perguntas:

1. Qual é a visão da cultura védica a respeito da relação sociedade-natureza?
2. Qual é a diferença entre a cultura védica e a cultura *vaishnava*?
3. Que significa ter “consciência de Deus”? Como definiria uma sociedade teocêntrica?
4. Como deve ser o comportamento de uma pessoa a respeito do seu meio ambiente? O ser humano forma parte da natureza ou é um elemento externo a ela?
5. Qual é a causa da problemática ambiental atual e do desequilíbrio ecológico na sociedade atual?(a mentalidade, a sociedade, a era histórica).
6. De que maneira deveria se proteger a natureza?
7. Quem é o encarregado de preservar e cuidar o equilíbrio ecológico dentro do *varnashrama*?
8. Existe algum código, norma específica ou regulamento na cultura védica sobre proteção à natureza?
9. Que grau de relevância tem a proteção e preservação da natureza na cultura védica, já que ela visa o avanço espiritual mais que o material?
10. Qual é a diferença entre os templos urbanos e as comunidades rurais?

FOTOS



Sua Divina Graça AC Bhaktivedanta Swami Prabhupada  
Fundador –Acarya da Sociedade Internacional da  
Consciencia de Krishna



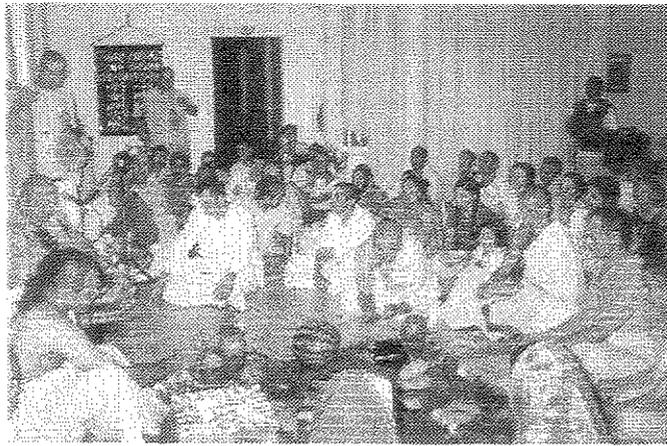
Sri Caitanya Mahaprabhu  
Líder espiritual e social da Índia medieval



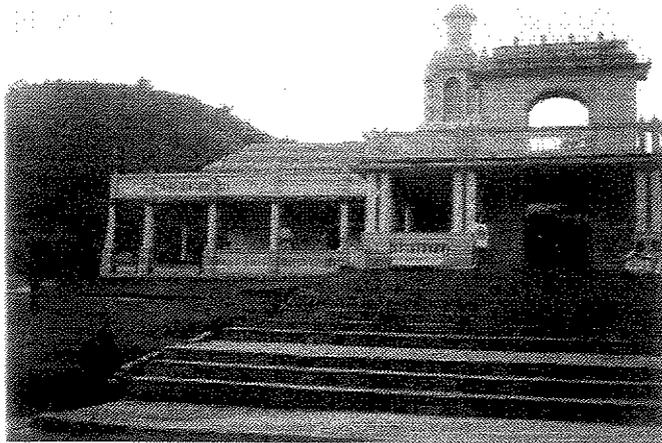
Sri Krishna e Arjuna na batalha de Kurukshetra



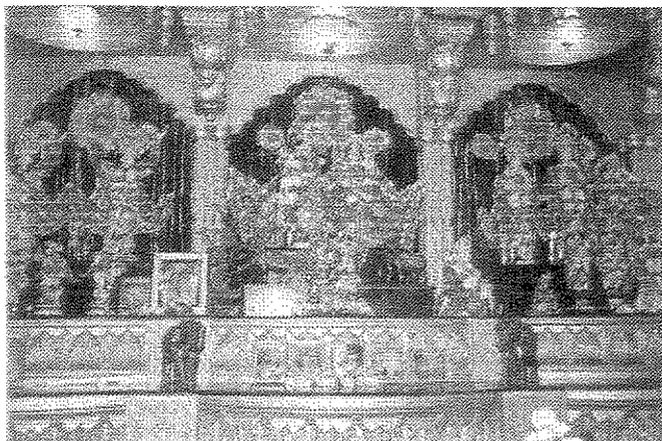
O sábio humilde vê com a mesma visão um  
brahmana erudito e cortes, uma vaca, um elefante,  
um cachorro e um comedor de cachorro. (Bg.5.18)



Cerimônia de Iniciação- Templo de São Paulo  
Guru iniciador - Srila Jayapataka Swami Maharaja



Vista parcial do templo de Nova Gokula- Pindamonhanagaba



Sri Sri Radha-Gokulananda. Deidades do templo de Nova Gokula